Biblioteca Virtual de Ciências Humanas

Menores em tempo de maioridade

do internato-prisão à vida social

Sonia Altoé

centro edelstein de pesquisas sociais
www.centroedelstein.org.br

SUMÁRIO

SIGLAS MENCIONADAS

ASSEAF – Associação dos Ex-Alunos da FUNABEM

FUNABEM – Fundação Nacional de Bem Estar do Menor

Em 1990, com a aprovação dos Estatutos da Criança e do Adolescente, a FUNABEM foi extinta e o Governo Federal criou o **CBIA** – Centro Brasileiro para a Infância e a Adolescência

FACR – Fundação Abrigo Cristo Redentor

USU – Universidade Santa Úrsula

CESPI/USU – Coordenação de Estudos e Pesquisas Sobre a Infância

FINEP – Financiadora de Estudos e Projetos

CAP – Centro de Apoio Profissional

SAC – Serviço de Apoio Comunitário

DESIPE – Departamento do Sistema Penal

ESG – Escola Superior de Guerra

Dedico este trabalho à minha mãe Idalina, aos meus irmãos Helena, feda, Elvira, José Herminio, Geraldo, Inês, e ao meu pai Hermínio, que nos deixou quando ainda éramos crianças e adolescentes.

Dedico também a todas às crianças e jovens que viveram a experiência de internato-prisão.

APRESENTAÇÃO

O interesse em pesquisar a inserção social do ex-interno da FUNABEM e de instituições semelhantes surgiu na equipe da CESPI/USU, em 1986, como resultado de vários debates, trabalhos de intervenção e pesquisas em internato para "menores". Nesta época, a autora estava na fase final de um amplo trabalho de pesquisa em sete internatos, procurando analisar não só a dinâmica de funcionamento dos mesmos, como também a trajetória que as crianças podem percorrer no cotidiano dos internatos, desde o nascimento até a idade de 18 anos[*]. Surgiram, então, questões sobre qual seria a inserção social desses indivíduos após o desligamento do internato.

Constatei a escassez bibliográfica sobre o tema e elaborei o primeiro projeto de pesquisa que se intitulou – "Menor em Tempo de Maioridade". Neste projeto me propus a análise dos seguintes temas: desligamento, estigma, representação do internato, família, trabalho e moradia, Outros temas surgiram espontaneamente no depoimento dos entrevistados, tais como, a homologia das representações das instituições totais, marginalidade e a representação de futuro. Este trabalho contou sobretudo com a participação valiosa e dedicada de Claire da Cunha Beraldo e Valesca do Rosário Campista, como assistentes de pesquisa, e a contribuição importante de Alfredo Wagner B. de Almeida, como consultor. Agradeço também a colaboração dada por Rosilene Alvim no início do projeto. Com essas pessoas foi possível formar uma equipe que, tendo como base uma grande amizade, suportou a tensão e as difíceis condições de trabalho. Agradeço a todas as pessoas que trabalham nos estabelecimentos aqui citados pela participação e colaboração que nos deram. Agradeço também o apoio da CESPI-USU, da profª. Irene Rizzini, em particular, e do financiamento da FINEP. Este trabalho foi realizado entre janeiro de 1988 e maio de 1989.

[*] "L'Ecole-Caserne Pour Enfants Pauvres", 1988 (mimeo). Univ. de Paris VIII. Uma versão atualizada deste trabalho foi publicada em 1990, pela Xenon Ed. e se intitula *Infâncias Perdidas*.

Para fins desta publicação o relatório final de pesquisa foi revisado, sofrendo algumas modificações, e a bibliografia atualizada. Optei por não mexer no corpo do trabalho, sobretudo porque, continuando a estudar o tema, observo que as reflexões aqui levantadas se confirmam nas pesquisas feitas posteriormente. Espero poder aprofundar algumas dessas questões quando da análise das entrevistas para a pesquisa que ora realizo.

A segunda pesquisa, motivada pelo primeiro estudo, se iniciou em 1990 e se intitulou *Instituição total – uma reprodução na maioridade da vida de "menor" institucionalizado?* Foi na realização desta segunda, ainda em desenvolvimento, que foi feita uma investigação mais delimitada que diz respeito, em particular, aos jovens de sexo masculino que ao saírem dos internatos são levados a cometer atos de violação de dispositivos legais que resultam por levá-los às prisões. Esta investigação se intitulou *O Perfil dos Presidiários Egressos de Estabelecimentos de Assistência à Criança e ao Adolescente* (Altoé, 1992).

Considero o estudo deste tema relevante porque, apesar da prática de internação remontar ao séc. XVIII no Brasil, são raros os estudos publicados sobre as repercussões sociais e psicológicas deste atendimento na criança e no adolescente. Além disso, com a implantação do Estatuto da Criança e do Adolescente em 1990, novas perspectivas de atendimento se impõem e certamente este tipo de estudo poderá contribuir para a reflexão de novas alternativas.

Sonia Altoé
Rio, 19 de novembro de 1992.

PREFÁCIO

O grande castigo, o maior de todos os castigos, o insuportável, para um homem nascido na Grécia antiga, era ser condenado a ficar insepulto. Ficar insepulto queria dizer que aquele homem estava condenado a ser devorado pelos elementos da natureza, sendo dissolvido no reino da mesmidade, perdendo seu nome. Esta condenação, e o horror a ela, é correlato do horror do homem diante da morte, desaparição do nome, e, portanto, desaparição da condição humana que sempre é singular.

Poderíamos dizer que, analogicamente, as instituições que se ocupam da infância condenam aqueles que são submetidos a seus métodos a ficar insepultos, pois seu processo formador é todo dirigido no sentido de apagar as diferenças individuais reduzindo, se assim podemos dizer, os sujeitos submetidos a seus processos educacionais a seres da natureza, onde não há liberdade mas, somente, obediência à lei escrita na carne. A instituição toma o lugar de um gigantesco código genético em relação ao qual o sujeito tem que necessariamente obedecer. É impressionante notar no depoimento dos internos que, quando alguém fazia algo errado, todos pagavam, indicando assim que o sujeito estava abolido, existindo, somente, espécie. Não poder errar é arrancar o ser humano da dimensão da escolha, ou melhor, não poder ter um erro seu reconhecido é uma cruel cassação da possibilidade de se reconhecer humano, singular, errante.

Uma pergunta que brotou durante a leitura desta pesquisa, que ora introduzo, foi qual seria o sentido deste paradoxo que é educar tentando abolir do sujeito sua diferença e, depois de concluído o processo, lançar este mesmo sujeito num mundo que exigirá dele o exercício de uma diferença para a qual está despreparado. Por que tamanha crueldade? Por que tentar extrair do sujeito sua humanidade tentando condená-lo à condição de coisa?

Parece-me que esta crueldade revelada em todo este processo de educação da infância e adolescência carentes tem uma dimensão que escapa a todas as categorias com as quais habitualmente

tentamos pensá-la; é preciso problematizar de forma radical o sentido desta crueldade sempre presente na aventura humana.

Uma outra questão que me parece central no relato da pesquisa é a questão do futuro. Quando trabalha-se com a infância e a adolescência é com o futuro da própria sociedade que estamos trabalhando. No fundo, é.a maneira como a própria sociedade se relaciona com sua possibilidade de existência. O futuro é fundador do fenômeno humano pois, é o tempo do sonho, é o tempo daquilo que não está presente mas orienta nossa procura. É o tempo do vir-a-ser, é o não-ser iluminando a construção do ser, é o tempo da criação humana, é o tempo da dor pois aí estamos condenados a buscar. O futuro é o tempo fundador do social e do individual e é, ao mesmo tempo, onde a fúria humana aparece em todo seu esplendor, como nas instituições.

A relação que as instituições têm com os internos parece ser uma tentativa que a sociedade faz de destruir seu próprio futuro. Podemos ver, nestas instituições, como a sociedade que vivemos lida com os seus fundamentos. A sociedade parece um louco que está em cima de uma pilastra quebrando com uma marreta a pilastra que o sustenta. Assim me pareceu, um louco quebrando sua sustentação, a tentativa que as instituições fazem para tomar seus internos não mais humanos mas seres condenados a viver a eternidade do aqui-agora, sem futuro, pois sempre, identidade com a lei que os determina.

Estas instituições que lidam com a infância e adolescência são lugares privilegiados onde podemos ver o nível do respeito que a sociedade tem para com a dignidade do ser humano. Infelizmente, na sociedade que vivemos, há muito pouco respeito por aquilo que funda nossa dignidade, ou seja, o futuro, tempo, por excelência, da liberdade humana.

Pedro G. Pellegrino

I. INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto de preocupações iniciadas no desempenho de atividades de psicóloga e no decorrer de uma pesquisa que realizei anteriormente sobre a vida das crianças no internato. Neste estudo[1] se analisa o cotidiano da vida das crianças em sete diferentes internatos abrangendo a faixa etária de recém-nascido a dezoito anos. A análise feita levanta vários problemas e questões sobre a formação do sujeito no caso de indivíduos que passam muitos anos de sua vida, inclusive infância e adolescência, confinados em internatos, que têm seus mecanismos de funcionamento à molde de instituição total (Goffman, 1974, p. 16). Este livro apresenta os resultados de uma pesquisa que é na realidade um desdobramento desse estudo anterior. Nela, entretanto, não mais pretendemos a análise de uma instituição total, mas iniciar um estudo sobre seus impactos e efeitos para um conjunto de indivíduos que, na condição de assistidos, são alvos da política oficial de Bem-Estar. Optamos por levantar considerações sobre o quanto a instituição total é definitória da representação do indivíduo na vida social. Levantamos a hipótese de que seus efeitos são de natureza estrutural e não-contingentes.

Frente ao caráter paternalista e assistencialista adotado nos internatos de menores, a primeira questão que se coloca é a seguinte: como e sob que circunstâncias o interno passa da condição de assistido para aquela de cidadão ao completar a maioridade (18 anos)[2]. Desligado do internato ele tem que se defrontar com uma sociedade onde os direitos são individuais, ao contrário da experiência vivida anteriormente. Trata-se de uma experiência marcada pela uniformidade, pela mesmice, pela massificação do atendimento, havendo sempre um esforço institucional para apagar qualquer diferenciação, que porventura pudesse existir entre os internos. Não há nos meandros desta engrenagem institucional qualquer incentivo para o indivíduo constituir sua identidade. É importante ressaltar que igualdade de atendimento nada tem haver com democratização. O funcionamento institucional é contrário a

[1] "École-Caserne pour Enfants Pauvres" – ALTOÉ. S, 1988.
[2] Segundo o Código Penal, menor é o indivíduo que não atingiu a idade de dezoito anos e que fica sujeito às normas do Código de Menores. (Russell. L., 1971. p. 114.)

toda ideia de liberdade e democracia. Na relação com os adultos e autoridades institucionais o interno vive uma experiência de autoritarismo e infantilização levados ao seu grau máximo (Altoé, *ibid* 1988). A vida no internato é marcada pela ausência de vínculos afetivos, pela ausência de objetos particulares, pela ausência de rituais de passagem (comemoração de aniversário, festas, etc.), pela ausência ou inadequada formação profissional. Caracteriza-se por um atendimento marcado pela disciplina rígida, sobretudo para aquietar e treinar o corpo, pelo castigo físico exagerado e arbitrário, pela humilhação, pelo treinamento para ser um "bom assistido", portanto, ser dependente e infantilizado. Durante o tempo de internação a cidadania não está em jogo e o interno não é formado para gozar de seus direitos de cidadão. Eis que, ao ser desligado, ele se defronta com uma sociedade cujas regras de funcionamento não conhece exatamente e na qual ele tem que cuidar de sua própria sobrevivência e assumir sozinho sua condição de cidadão. Tem-se então um período crítico de colisão entre suas expectativas e os processos reais. Os diferentes antagonismos apontam para diferentes trajetórias sociais.

O que se pode observar é que além disso não é oferecido ao interno um razoável tempo de transição. Ele é desligado do internato e de imediato defronta-se com os problemas da vida cotidiana fora deste. Não tem como elaborar esta mudança no tempo requerido, não dispõe de instrumentos adequados e toma-se, muitas vezes, um eterno prisioneiro desta passagem. Sem apoio institucional e familiar, sem uma rede social de relações de apoio, com moradia provisória e sem emprego efetivo, as chances de insucesso e as dificuldades de construir uma vida estável na sociedade tomam-se quase uma certeza.

Fechado dentro dos muros do internato construiu uma visão de mundo sem maiores esperanças e sem aventar projetos concretos. Observa-se na fala memorialística de um dos entrevistados recém-desligado, como expressa com clareza um sentimento comum a todos os assistidos mediante o abrupto desligamento do internato.

E – Como é que você, quando estava interno, imaginava o mundo aqui fora?

– Lá dentro eu imaginava que o mundo aqui fora fosse um mundo assim ... Um mundo ... pessoa ... Sou uma pessoa assim ... Sei

lá, não sei nem o que dizer. A gente pensa tanta coisa quando agente tem momento de falar o que a gente sente, não sabe nem o que falar. Mas, o pessoal acha que o mundo aqui fora é um mundo assim "trancado", um mundo assim de desprezar qualquer um, um mundo assim ... de pessoa assim ... viesse sem ao menos uma experiência ela não tinha condições de viver o mundo, ia amarrá-la, por aí, ela ia ficar jogada. Ia ficar assim ... num canto, ninguém se interessar por ela, ticar "vazia" está entendendo? Ia se tomar uma pessoa neutra, então, eu parei para pensar essas coisas, eu pensava mesmo, pensava, olhava ... (Ricardo, 18 anos).

O trabalho de pesquisa concentrou-se precisamente nas representações e práticas correspondentes ao período de transição que, sucedendo as formalidades de desligamento, encerra tensões e graves antagonismos entre as normas "uniformizadoras" inculcadas pela instituição total e as exigências "individuais" da vida social.

II. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

1. Revisão bibliográfica

A questão do "menor carente", "abandonado" e que sofreu um processo de institucionalização tem sido focalizada em diversos estudos e pesquisas. Estuda-se, geralmente, o mundo dos assistidos nos meandros da instituição. Não se enfoca, entretanto, o que lhes acontece após vários anos de confinamento nestes internatos para menores. Ressaltaremos a seguir alguns estudos que consideramos pertinentes a tal enfoque.

a) ALTOÉ, S. *Infâncias Perdidas* – 1990.

É um estudo de sete internatos de menores na faixa etária de 3 meses a 18 anos. Esta pesquisa analisa os mecanismos institucionais, as condições de vida do menor interno e as possíveis repercussões psicossociais que podem ocorrer ao menor, que vive em instituição total até a maioridade.

b) VALADARES, A. *O Menor Institucionalizado* – 1984.

Este estudo, realizado por uma psicóloga, analisa aspectos da vida do adolescente interno num estabelecimento da FUNABEM. Trata-se: de um dos primeiros trabalhos que, nos seus dois últimos capítulos, aborda a questão do jovem que sai do internato, fazendo uma análise de suas representações, do mundo social e suas dificuldades de inserção na sociedade. Os informantes da pesquisa se restringiram aos jovens que são associados da ASSEAF – "Associação de Ex-alunos da FUNABEM".

c) ALVIM, R. e ALTOÉ, S. *Eternos Menores* – 1987.

Este artigo, escrito por uma antropóloga e uma psicóloga, aborda algumas questões relativas à dificuldade do ex-interno se inserir no mundo social, do trabalho e familiar.

d) BONFIM, M. *Egressos da FUNABEM* – 1988.

Trata-se de um estudo específico sobre ex-alunos da FUNABEM. Os informantes desta pesquisa foram 18 pessoas que se encontravam na ASSEAF como associados ou como membros da

diretoria. A partir de entrevistas com os ex-internos, Bonfim faz uma análise sobre as representações do internato, a vivência do desligamento, a reintegração na sociedade, a representação do aluno da FUNABEM e a visão da ASSEAF.

2. Descrição dos procedimentos

Ao iniciarmos a presente pesquisa nos defrontamos, além da escassez de referências bibliográficas, com a inexistência de um trabalho de caráter censitário que revelasse com exatidão o universo da população de jovens, que passaram um período significativo de suas vidas, antes de completarem a maioridade, em internatos[3] Tendo em vista o desconhecimento quantitativo, mesmo aproximado, do universo a ser pesquisado, optamos em não estimar um número de entrevistas para efeito da amostra. Privilegiamos, após a consulta às fontes de referência disponíveis, o contato direto com informantes que pudessem nos fornecer dados elementares sobre a saída dos internos e seus possíveis paradeiros. Privilegiamos inicialmente cinco entidades como fonte de obtenção de dados por entendermos que estas poderiam nos fornecer as informações desejadas com mais facilidade. São elas: FUNABEM, ASSEAF, Associação Irmão Esperança, Pastoral Penal e FACR[4]. Entretanto, consideramos que há outras instituições, que não foram utilizadas como fontes de informação, mas poderão sê-lo no desenvolvimento de estudos posteriores.

Dessas instituições destacamos a FUNABEM, ASSEAF e FACR na medida em que funcionaram também como fonte de registro. Estes estabelecimentos continham em seus arquivos dados organizados sobre os ex-internos, embora nem sempre atualizados.

[3] Não encontramos nos relatórios anuais da FUNABEM (1985, 1986, 1987) dados específicos relativos ao desligamento de alunos que atingem a maioridade.
Na ASSEAF, fomos informados de que seu arquivo estava em fase de organização e por isto não foi possível nos fornecer a lista de seus associados.
Na Associação Beneficente dos ex-alunos da FACR, fomos informados da existência de 230 associados.

[4] Nas páginas seguintes é feita uma descrição detalhada sobre os seguintes estabelecimentos percorridos: Associação Irmão Esperança, Penitenciária Milton Dias Moreira e a FUNABEM.

Iniciamos, então, um estudo minucioso dos dados encontrados a partir do qual realizamos um mapeamento de empresas que admitem em seu quadro de funcionários ex-internos, bem como, seus prováveis locais de moradia.

Acreditamos que a realização de um trabalho censitário por parte dos órgãos competentes será de grande valor para estudos posteriores, na medida em que possibilitará um maior acesso ao universo de adultos ex-internos e sua situação atual em termos de moradia, trabalho e estado civil.

– Entrevistas

A entrevista foi o nosso principal instrumento de obtenção e coleta de dados; utilizamos como técnica a história de vida, tradicionalmente usada pelos antropólogos. (Tiollent, 1980, p. 79).

As entrevistas foram gravadas e sem tempo pré-determinado de duração.

Só não gravamos aquelas realizadas com intermediários que se opuseram ao uso do gravador, sendo, então, utilizadas anotações à mão. As entrevistas foram realizadas, sempre que possível, nos locais de trabalho e moradia dos ex-internos, o que nos permitiu observar as suas condições de vida. Utilizamos também as dependências da CESPI/USU, e, em alguns casos, a residência da autora. Encontra-se no final deste capítulo o “Quadro de Relação dos Entrevistados”.

Algumas das etapas intermediárias que funcionaram como vias de acesso aos informantes para a nossa pesquisa foram alcançadas a partir de uma entrevista realizada com um funcionário do CAP-FUNABEM, onde fomos informadas da existência de um convênio com empresas. Estas empresas oferecem aos alunos de internato um estágio até os 18 anos, não sendo necessariamente obrigatória sua contratação por parte da empresa. Contudo, há ex-internos que são aproveitados, passando a ser funcionários efetivos. O CAP, então, nos forneceu o nome de quatro empresas bem como o nome do funcionário responsável pelo convênio. Desta forma, pudemos entrar em contato para falar sobre nossa pesquisa e solicitarmos a possibilidade de virmos a realizar entrevistas com ex-internos. Mantivemos contato com setores de duas empresas – ESG,

ELETROBRÁS – onde foram realizadas entrevistas. Na ESG fizemos contato com o tenente responsável pelo respectivo convênio, e na ELETROBRÁS, com uma psicóloga.

O trabalho de pesquisa voltado para a questão da criança "carente e abandonada" que é desenvolvido na CESPI/USU também nos forneceu informações, possibilitando o acesso a outros intermediários. Assim, nos foi possível a realização de novos contatos e entrevistas, como relataremos a seguir.

Através de uma pesquisa realizada na CESPI/USU[5] detectamos a existência do Asilo Espírito João Evangelista – um internato de meninas que atende a faixa etária de 04 a 18 anos. Realizamos entrevistas com a direção e o comparecimento no dia da visita nos possibilitou entrevistar algumas ex-internas deste estabelecimento.

O curso de graduação de psicologia na USU oferece cadeira eletiva "O menor na realidade brasileira" – o qual era ministrado pela pesquisadora e que tem como meta estudos e pesquisas sobre o tema. Esta cadeira forneceu através dos trabalhos realizados por alunos o contato com duas pessoas, ex-internos da Fundação Romão Duarte – internato para meninos e meninas na faixa etária de 0 a 14 – que faziam da mesma o seu local de trabalho e moradia.

A realização de entrevista com um ex-interno foi possível devido ao fato de uma assistente de pesquisa da CESPI/USU trabalhar na mesma firma de engenharia que o mesmo.

A ASSEAF foi também contatada e, através de entrevista feita com o vice-presidente na época, Jorge Ramos, obtivemos informações do trabalho por ela desenvolvido bem como o acesso ao seu arquivo. Esta consulta proporcionou o inventariamento de uma fonte de registro de ex-alunos que são associados. De posse da listagem selecionamos aleatoriamente 31 jovens sendo que destes, o contato efetivo foi realizado com 6 pessoas devido a desatualização dos dados do arquivo. Contudo, duas não se dispuseram a dar entrevistas e um faltou. Realizamos, portanto, três entrevistas.

[5] "Proposta para uma metodologia ou levantamento sobre o Atendimento ao Menor no Brasil". CESPI/USU, Rio de Janeiro, 1988. (mimeo)

O trabalho anteriormente realizado pela pesquisadora na FACR nos possibilitou entrevistar vários ex-internos deste estabelecimento com os quais a pesquisadora ainda mantém contato. Através de um contato realizado com um desses ex-internos soubemos da existência de uma Associação que congrega ex-internos de tal estabelecimento. Esta associação foi criada e é dirigida por ex-internos que aí foram mantidos na década de 40/50. Não pudemos deixar de considerar como importante para a pesquisa o depoimento destes ex-internos, na medida em que eles nos forneceriam dados sobre a associação e sobre sua vivência em internato. É importante ressaltar que apesar de estarem desligados do internato há mais de trinta anos se mantêm preocupados com a questão dos menores.

No decorrer da pesquisa mantivemos contato com a Associação Irmão Esperança – local que abriga ex-internos e ex-presidiários. A princípio não nos foi possível fazer entrevista com ex-internos que lá se encontravam devido a alguns mal-entendidos ocorridos entre as assistentes de pesquisa e a assistente social desta associação. Porém, por considerarmos esta associação uma importante fonte de acesso aos informantes, retomamos os entendimentos através da intermediação da pesquisadora, procedendo-se então as entrevistas.

– Dificuldades na Realização da Pesquisa

Quando demos início ao trabalho de campo – coleta de dados e busca de fonte de informantes – nos defrontamos com algumas dificuldades que muitas vezes se tomaram obstáculos maiores que interferiram no próprio andamento da pesquisa.

Consideramos que a enorme burocracia existente na FUNABEM foi a primeira dificuldade encontrada no desenvolvimento da pesquisa.

Outro fator que ocasionou o adiamento por diversas vezes da realização das entrevistas foram as greves e motins que ocorreram nos presídios, exatamente na época em que iniciamos o contato com o diretor da Penitenciária Milton Dias Moreira.

Cabe aqui ressaltar, que durante todo o período de realização da pesquisa nos defrontamos também com o atraso na liberação das

verbas e a desvalorização do dinheiro devido à alta inflação, sobretudo nos primeiros meses quando não tínhamos verba nem para a compra de material (gravadores, fitas) nem para o transporte.

– Análise e Classificação dos Dados

Concomitantemente ao trabalho de campo realizamos as transcrições das fitas. As entrevistas foram agrupadas de acordo com sua origem. A seguir fizemos uma classificação temática de cada entrevista. Feita esta classificação iniciamos uma pré-análise objetivando levantar a diversidade do material coletado. A seguir passamos a realizar uma análise extensa e criteriosa de todo o material levantado para a elaboração do relatório final.

– Algumas Instituições Percorridas

Associação Irmão Esperança

A Associação Irmão Esperança foi fundada por um francês – Jean Jacques Pagnono, no Rio de Janeiro, em 1984. Esta associação existe em vários países da Europa. A princípio, a Associação Irmão Esperança tinha como objetivo auxiliar o reingresso na sociedade de egressos da prisão, mas devido a intensa procura de ajuda por parte de migrantes e ex-internos, decidiu ampliar seu atendimento. Constatamos através de um levantamento realizado no livro de registro desta associação que, desde 1985 até a data em que realizamos as entrevistas (Novembro de 1987), a Associação Irmão Esperança recebeu 85 egressos da FUNABEM.

Consideramos esta associação como uma instituição de passagem, pois pretende abrigar em um espaço de tempo limitado adultos que encontram-se em dificuldade de reinserção social. É oferecido aos residentes um prazo de 06 meses, quando lhes é garantido moradia, alimentação e documentação. Acreditam ser este o tempo suficiente para que os assistidos consigam um emprego e, desta forma, sua inserção social.

A Associação Irmão Esperança está localizada no bairro de São Cristóvão, Zona Norte, e pode atender até 55 residentes.

Nesta associação entrevistamos oito ex-internos, além do assistente social, diretora e de um funcionário.

Tanto o assistente social quanto a diretora afirmaram que os ex-internos da FUNABEM são residentes problemáticos que dificultam o funcionamento da casa. Para eles, os egressos da FUNABEM são muito infantis, sem iniciativa, pouco cooperativos e esperam ter o mesmo tratamento paternalista que sempre tiveram na FUNABEM.

Os ex-internos são vistos, por eles, como pré-delinquentes "pois saem de uma Fundação onde têm tudo e quando saem não têm ninguém e começam a roubar".

Ambos fazem críticas a FUNABEM, na medida em que a mesma não faz qualquer tipo de acompanhamento e esperam que a associação resolva o problema dos egressos.

A Associação Irmão Esperança é um estabelecimento de regras rígidas e o não cumprimento dessas regras pode significar a expulsão do residente. Os horários de entrada e saída são controlados pelos funcionários ocorrendo também uma revista nas bolsas dos residentes quando estes retomam a associação, após alguma atividade na rua.

Por ser uma moradia provisória não é permitido aos residentes modificar a aparência ou qualquer aspecto do ambiente que ocupam.

Penitenciária Milton Dias Moreira

Ao iniciarmos a pesquisa no final de 1986 tínhamos alguns contatos para serem feitos a fim de estabelecer o percurso possível dos ex-internos. Entre esses contatos, destaque-se o padre Bruno Trombetta, na época, coordenador da Pastoral Penitenciária, que anteriormente havia participado juntamente com a coordenadora da pesquisa de um debate, no qual mencionou a existência de uma porcentagem elevada de presos egressos da FUNABEM ou conveniadas.

Fizemos a primeira entrevista com padre Bruno Trombetta em abril de 1987; esta entrevista foi feita na Pastoral e não foi gravada. Ele relatou que 80 % dos presos estavam na faixa etária entre os 18 e

27 anos (o que dava aproximadamente 11 mil detentos); desses 80%, 40% tinham entre 18 e 23 anos. Nessa época não havia nenhuma estatística sobre as porcentagens de ex-alunos da FUNABEM, mas era sabido que uma grande maioria vinha dessa instituição. A partir de um segundo contato com padre Trombetta realizado ainda em 1987, este ficou de nos encaminhar a um presídio onde poderíamos realizar algumas entrevistas com presos egressos da FUNABEM. Mas neste período o clima dentro dos presídios era tenso devido às greves e motins, o que nos levou a adiar a visita algumas vezes.

Em 1988 procuramos novamente o padre que nos encaminhou ao diretor do DESIPE e este nos informou a existência de um censo que estava sendo realizado dentro de todo complexo penitenciário do Estado do Rio de Janeiro. Através deste censo se poderia chegar com mais precisão aos dados sobre o número de presos egressos da FUNABEM.

Fomos, por ele, encaminhadas à Coordenadora Técnico Social que escolheria a penitenciária e daria a relação de detentos com os quais poderíamos fazer as entrevistas. Recebemos da Coordenadoria uma carta de apresentação ao Diretor da Penitenciária escolhida (Milton Dias Moreira) e a relação dos detentos que poderíamos entrevistar. Iniciaríamos no mês de outubro as entrevistas, porém este prazo foi transferido para novembro devido à tensão social nos presídios.

Após contatos com o diretor e vice-diretor da Penitenciária Milton Dias Moreira marcamos nossa ida para o dia 02/12/1988 às 14h. Eles nos preveniram que levássemos carteira de identidade e que seríamos revistadas.

O Complexo Penitenciário Frei Caneca[6], onde está localizada a Penitenciária Milton Dias Moreira, é um estabelecimento que ocupa área gigantesca no bairro do Catumbi – Zona Norte. É totalmente cercado por muros altos com várias torres onde ficam soldados com metralhadoras, vigiando. Existe uma pequena portaria por onde

[6] O Complexo Frei Caneca é composto de um presídio, Hélio Gomes; de um Hospital Central Penitenciário; duas penitenciárias. Lemos de Brito e Milton Dias Moreira; uma Divisão Educacional; Um Manicômio e um Hospital desativado, Nelson Hungria.

passam as visitas e um portão de ferro para entrada de automóveis. Ao chegarmos à portaria do Complexo não havia ninguém que nos atendesse. Esperamos por alguns minutos até chegar um funcionário, comunicamos-lhe a entrevista com o vice-diretor e mostramos a carta de encaminhamento, e aguardamos. Este funcionário não trazia consigo nada que o distinguisse enquanto tal e tampouco houve menção sobre a sua função dentro do Complexo. Sua aparência era mal cuidada (com a barba por fazer) e nos tratou com uma certa displicência (gritando para outro funcionário se ele sabia o paradeiro do vice-diretor). O local da portaria parece antigo e mal cuidado com alguns comunicados pregados na parede, que é pintada com as cores do Estado do Rio de Janeiro. O branco já estava encardido e o azul desbotado, sobre o aviso: “revista obrigatória e identificação”. O funcionário retomou e pediu que deixássemos nossas carteiras de identidade com ele, nos fornecendo, após, um papel que o vice-diretor deveria assinar, e uma “ficha” que devolveríamos na saída. Ele nos encaminhou para o interior do Complexo. Até ali não fomos revistadas. Passamos por um corredor estreito onde deveríamos ser revistadas e não havia ninguém. Mencionamos ao funcionário que nos atendeu se não seríamos revistadas e o mesmo disse que não. Passamos pela roleta do pequeno corredor e alcançamos um grande pátio gramado de onde se pode ver os vários estabelecimentos. O Milton Dias Moreira é o penúltimo à esquerda.

A Penitenciária fica num prédio de dois andares com uma aparência externa que não chega a impressionar. Para se chegar ao seu interior é preciso passar por uma portaria com um grande portão de ferro que é controlado por um funcionário que fica dentro de uma saleta. Ao chegarmos na portaria, um local sujo, havia alguns homens que não saberíamos informar se eram ou não funcionários da penitenciária. Informamos ao senhor que estava dentro da saleta, onde se comanda a abertura do portão de ferro, a nossa entrevista com o vice-diretor. Ele, então, chamou um outro homem e pediu a este que nos conduzisse até a sala do vice-diretor no segundo andar. Em seguida fez abrir o portão de ferro. A sala do vice-diretor é decorada com móveis antigos e bem desgastados. Ele nos recebeu educadamente e pediu que esperássemos um pouco que ele iria chamar os detentos. Nos relatou que da relação dos 16 detentos

enviada pelo DESIPE[7] muitos já tinham sido transferidos, devido aos motins. Ofereceu o chamado "salão nobre" para fazermos nosso trabalho, pois este é amplo. Acrescentou que seriam colocadas mais duas mesas para que cada entrevista pudesse ser feita separadamente. O "salão nobre" é um local que parecia ser pouco utilizado. Nele existia uma grande mesa velha com uma máquina de escrever e alguns livros. Esperamos um pouco até a chegada de dois presos que trabalhavam na cozinha. Nos apresentamos e fomos para o salão. As entrevistas foram feitas individualmente pelas três pesquisadoras sem uma vigilância ostensiva, porém não ficamos de portas fechadas com os detentos. Em todas elas fizemos uso do gravador. E apenas um detento não quis conceder entrevista alegando que não tinha passado por internato; um outro detento que estava sendo entrevistado desmentiu-o, porém.

Fizemos uma entrevista com um detento que não estava na lista do DESIPE. Este se ofereceu a dar a entrevista ao ouvir a pesquisadora explicar à assistente social o objetivo da pesquisa. Esta foi a mais rica entrevista, com longas descrições e observações sobre sua história de vida.

Um único preso vestia uma camisa do DESIPE; os demais estavam sem uniformes, desta maneira não se podia distinguir presos e funcionários. Poucos funcionários se vestiam com maior cuidado e somente um apresentava-se de camisa social e gravata.

Existiu sempre, por parte dos presos, uma preocupação com as possíveis consequências que seu depoimento poderia acarretar como, por exemplo, os benefícios ou não no pedido da liberdade condicional. Não houve nenhum preso que se negasse claramente em conceder entrevista, talvez por ter sido o vice-diretor quem tinha pedido a colaboração deles, e recusar um pedido da diretoria da penitenciária certamente seria algo pouco aconselhável.

Nessa época, as penitenciárias do Rio de Janeiro viviam em clima de forte tensão devido ao assassinato de vários detentos, tendo sido apontada como responsáveis por esses crimes a Falange Vermelha (um grupo que controla grande parte do crime organizado

[7] Para a realização das entrevistas pedimos licença às autoridades encarregadas pelo DESIPE, que nos apresentaram uma lista de detentos por eles selecionados.

e o tráfico de drogas). Todos os presos que entrevistamos estavam no chamado "seguro", ou melhor, pediram "seguro de vida" à direção. Eles estavam na parte do isolamento ou ocupavam áreas destinadas ao ensino, por exemplo, e assim ficavam separados da maioria dos presos. Todos os relatos eram carregados de tensão e preocupação com a sua segurança.

Dado o clima, ficamos surpresas com a falta de "revista" e mais ainda quando percebemos que iríamos realizar as entrevistas sem a vigilância ostensiva de um funcionário. Nos perguntamos se tais detentos manteriam relação de confiabilidade mútua com funcionários e com a direção do prédio. Consideramos que o fato de termos uma lista com os nomes dos detentos e da escolha desses nomes ter sido feita pelo vice-diretor da penitenciária interferiu na relação que mantivemos com os detentos.

FUNABEM

A FUNABEM foi criada em 1964, se constituindo como um órgão normatizador e implementador da Política Nacional do Bem-Estar do Menor.

Emanada da FUNABEM, a nova política deveria concretizar-se através de entidades assistenciais, no âmbito nacional e estadual. Foram criadas as FEBEMS nos diversos estados do Brasil, sendo que no Rio de Janeiro foi designada FEEM.

A sede da FUNABEM era no Rio de Janeiro e é nesta mesma cidade que ela mantinha a maioria dos seus internatos. No bairro de Quintino, numa área extensa e repleta de área verde, encontram-se ainda aglomeradas diversas escolas entre grandes áreas de lazer. As escolas são: Escola XV de Novembro, Escola Odylo Costa Filho, Centro de Recepção e Triagem, Casa da Criança, Escola Mário Altenfelder, Escola Eduardo Bartlet James, Escola José de Anchieta.

O conjunto de escolas é separado da rua por um enorme muro, com uma portaria para pedestres e outra para veículos controladas por funcionários uniformizados, que trocam a carteira de identidade dos visitantes por crachás. Toda pessoa que entrar na escola deve estar usando um crachá, inclusive os funcionários. Na portaria de

pedestres encontram-se dois funcionários que apresentam postura rígida e mostram-se ríspidos na sua maneira de usar a fala.

As entrevistas com funcionários que foram realizadas dentro das repartições da FUNABEM em Quintino tiveram, necessariamente, que passar por um processo burocrático, que controla com todo rigor a entrada e saída de pessoas. A princípio, qualquer pessoa que desejasse entrar na FUNABEM para qualquer atividade deveria primeiro falar com o Sr. Muri, que é o funcionário encarregado de encaminhar e acompanhar os visitantes ao local desejado.

Os contatos com o Sr. Muri eram feitos por telefonemas (muitas vezes sendo necessário três ou quatro para conseguir uma entrevista) nos quais ele autorizava que marcássemos a data da entrevista com o profissional desejado. Posteriormente, ele deveria ser avisado da data para que no dia estivesse em Quintino para nos receber; caso ele não pudesse nos receber, a entrevista marcada não poderia ser realizada. A FUNABEM estava realizando o desligamento dos seus alunos antes dos 18 anos. Era feito um estudo de caso que determinava se o menino poderia ou não se reintegrar à família. No caso do abandonado, era incentivado que ele se agrupasse a outros colegas para alugar um quarto, visto que a FUNABEM havia terminado o convênio com as pensões que, segundo a entrevistada, acarretavam muitos conflitos.

Existia na FUNABEM, desde 1973, um setor de encaminhamento e orientação do menor ao trabalho, que funcionava com uma equipe de técnicos tentando contatar empresas para encaminhar os alunos de sua escola. Não houve crescimento desse trabalho porque, segundo uma funcionária, é muito difícil encaminhar alunos internados. Não atingindo o seu objetivo, este setor foi desativado e as próprias escolas começaram a realizar o encaminhamento dos alunos ao trabalho.

Em 1985, a FUNABEM iniciou um processo de desinternação através da desativação da Escola XV de Novembro enquanto internato. Essa desativação implicava no encaminhamento para o trabalho de muitos alunos. Então, iniciou-se um trabalho que foi designado SAC – Serviço de Apoio Comunitário. Este serviço foi

ampliando a sua ação até se transformar no CAP – Centro de Apoio Profissional[8].

O CAP atendia aos jovens entre 12 e 18 anos, às famílias destes jovens, aos ex-alunos e a todos que o procuravam em situação de carência. As atividades realizadas pelo CAP eram as seguintes:

1 – Recepção e Triagem – Apresentação do trabalho do CAP, relação e encaminhamento dos candidatos;

2 – Cadastramento – Realização de entrevista com o menor e o seu responsável; estudo de caso;

3 – Encaminhamento – Orientação do jovem para: recursos comunitários, profissionalização, escolarização, curso de preparação para o trabalho e emprego, estágio ou para o Programa Bom Menino;

4 – Acompanhamento – Realização de contatos sistemáticos com as empresas e com os menores.

Em 1987, foi criado o Programa Bom Menino, através de decreto-lei que regulamentou o menor no trabalho. Esta lei determina que empresas com um determinado número de funcionários são obrigadas a oferecer vagas para estágio profissional de menores.

É importante ressaltar que, através dessas mudanças, a FUNABEM passou a valorizar o trabalho como forma de inserção social.

O encaminhamento de alunos feito pelo CAP se dava através de contatos com empresas a nível de bolsa ou estágio. No estágio, o adolescente trabalhava meio expediente, tinha horário para estudo, ganhando salário mínimo. A alimentação, uniforme, vale transporte depende de cada empresa conceder ou não. No caso da bolsa, o adolescente recebia um salário para se profissionalizar, ele não trabalhava, e sim, fazia um curso profissionalizante que desejasse. Em ambos os casos não haveria vínculo empregatício.

Segundo a coordenadora do CAP, a idade de 17 anos era a mais delicada, pois, o adolescente encontrava-se numa situação de

---

[8] CAP – Uma proposta onde se integram educação e trabalho, segundo os funcionários da FUNABEM.

indefinição quanto a prestar o serviço militar e nenhuma empresa aceita contratar, ou até mesmo receber um estagiário nessa situação.

Após os 18 anos o encaminhamento dava-se a nível de experiência; ele era mandado para a empresa na função de auxiliar e caso tivesse um bom desempenho poderia ser contratado. Na época o CAP estava se empenhando na tentativa de conseguir que as empresas se comprometessem a contratar o jovem ao término do estágio.

O CAP realizava atendimentos durante a semana na parte da manhã, onde era feita a inscrição do adolescente. Era oferecido um curso de preparação para o trabalho com duração de uma semana, tempo considerado pelos dirigentes como suficiente para uma eficaz inserção no mercado de trabalho. Neste curso, segundo um funcionário do CAP, “é incutido no aluno hábitos, atitudes, posturas, como ele deve se apresentar, falar, gesticular”. Era ensinado como preencher uma ficha de cadastro, as disposições da CLT e as quatro operações.

A equipe do CAP era formada por assistente social, orientador educacional e psicólogo. Realizava, segundo informações coletadas junto a funcionários da FUNABEM, um estudo de cada caso e procurava fazer o melhor encaminhamento para o adolescente. Eram levados em consideração a vocação, bem como a opção pessoal e as diversas possibilidades oferecidas pelas empresas. Após o encaminhamento, no caso do menor, um técnico era designado para ir de 15 em 15 dias à empresa fazendo um acompanhamento.

Em uma das entrevistas nos foram fornecidos os nomes de algumas empresas conveniadas, tais como: Funtevê, Swisseg-Corretora de Seguros Ltda., ESG – Escola Superior de Guerra, Eletrobrás.

QUADRO DE RELAÇÃO DOS ENTREVISTADOS

Nome dos Entrevistados*	Referência Familiar	Idade Atual	Idade de Internação	Escolaridade	Instituição que Ficou	Condição Atual de Moradia	Condição Atual de Emprego
1- Elita	Mãe	19 a	4 a	Curso normal	Asilo Espírita João Evangelista	Quarto alugado	Profa. no Colégio Tereziano
2- Lucia	Mãe	26 a	5 a	6ª série	FUNABEM	Mora com 1 filha e o marido	Doméstica
3- Maria	Mãe	31 a	8 a	2º grau	EFAO	Apartamento próprio	Secretária da Vale do Rio Doce
4- Adelaide	Pai	35 a	12 a	3º grau	EFAO	Apartamento	Secretária da Globo
5- Margarida	Mãe	33 a	11 a	2º grau	EFAO	Apartamento	Banco do Brasil
6- Milton	Sem referência	18 a	1 a	5ª série	FACR-Viçosa	Associação Irmão Esperança	Porteiro de Hotel
7- Ricardo	Sem referência	18 a	5a	8º série	FACR	Associação Irmão Esperança	Procurando trabalho
8- Ciro	Sem referência	18 a	12 a	8º série	FUNABEM - Infratores	Associação Irmão Esperança	Folha de São Paulo
9- José	Sem referência	21 a	bebê	2ª série	Romão Duarte	Associação Irmão Esperança	Desempregado
10 - Marcelo	Sem referência	18 a	9 a	8º série	FEEM / FUNABEM	Associação Irmão Esperança	Ajudante na CEASA
11- Juliano	Sem referência	18 a	bebê	2º série	FUNABEM	Associação Irmão Esperança	Desempregado
12- Rodolfo	Morreram	26 a	16 a	8º série	FUNABEM	Associação Irmão Esperança	Fábrica de Chocolate
13- Justino	Mãe	17 a	6 a	Sem Informação	FUNABEM/ Várias Escolas	Mora com a família	Sem Informação
14- César	Órfão	30 a	9 a	7º série	SAM / FUNABEM	Casa	"Boy" em escritório
15- Daniel	Mãe	29 a	5 a	S/ referência	FUNABEM	Encontra-se na Penitenciária	Sem atividade
16- Benedito	Pai e Mãe	39 a	4 a	2º grau	FUNABEM/ Várias Escolas	Encontra-se na Penitenciária	Sem atividade
17- Henrique	Pai	33a	13 a	2º grau	FACR	Encontra-se na Penitenciária	Sem atividade

QUADRO DE RELAÇÃO DOS ENTREVISTADOS (continuação)							
Nome dos Entrevistados*	Referência Familiar	Idade Atual	Idade de Internação	Escolaridade	Instituição que Ficou	Condição Atual de Moradia	Condição Atual de Emprego
18- João	Mãe e Pai	31 a	3 a	3º grau incompleto	FUNABEM	Encontra-se na Penitenciária	Sem atividade
19- José Romário	Mãe	22 a	14 a	7ª série	FUNABEM/ Várias escolas	Encontra-se na Penitenciária	Sem atividade
20- Ronaldo	Sem referência	20 a	1 a	2º grau	FUNABEM	Quarto alugado	Contínuo na Eletrobrás
21- Edvar	Mãe	17 a	14 a	Sem informação	FUNABEM	Mora com tia	Garçon na ESG
22- Luis Carlos	Mãe	24 a	4 a	2º grau	FUNABEM	Com a mãe	Encadernado na Gráfica da ESG
23- Walter	Sem referência	20 a	3 a	2º grau incompleto	FUNABEM/ Várias escolas	Sem Informação	Garçon na ESG
24- Osório	Mãe e Pai	21 a	8 a	1º grau incompleto 7ª série	FUNABEM	A mãe e as irmães	ESG, como taifeiro
25- Evandro	Pai	20 a	12 a	Sem informação	FUNABEM	Apartamento com a mulher	Gráfica da ESG
26- Antônio	Mãe	26 a	16 a	3º grau incompleto	FUNABEM	Mora com a namorada	Chefe Setor de Desenho Graf. ESG
27- Fernando	Sem referência	25 a	7 a	3º grau	FACR/ Várias escolas	Quarto na FACR	Contabilidade da FACR
28- João Carlos	Pai e Mãe	20 a	3 meses	1º grau	FACR	Quartel	Serve o quartel
29- Hevaldo	Mãe	20 a	8 a	2º grau incompleto	FUNABEM/ FACR	Mora com a família	Indústria Brasileira de Filmes
30- Mauro	Mãe	26 a	7 a	Sem informação	FUNABEM/ FACR	Mora com a família	Sem Informação
31-Claudionor	Sem referência	20 a	0 a	2ª série	FUNABEM/ FACR	Mora com uma família em Mesquita	Desempregado
32- Lucio	Mãe	28 a	4 anos	2º grau	FACR/ Várias escolas	Mora em um quarto na FACR	Trabalha na FACR
33-Edvaldo	Sem referência	26 a	recém - nascido	Curso Normal	Romão Duarte	Romão Duarte	Inspetor de Alunos na Fundação Romão Duarte

* Para efeito de sigilo todos os nomes citados neste trabalho são fictícios.

III. REPRESENTAÇÃO DO EX-INTERNO SOBRE O INTERNATO

1. Interpretação positiva do internato

Os ex-internos valorizam sua passagem pelo internato, sobretudo, quando consideram que foi importante ter um local que os acolhesse, uma vez que seus pais passavam por dificuldades financeiras, ou por serem órfãos. Ter moradia, roupa e alimentação é considerado importante para que não ficassem perdidos pela rua e virassem" marginal". A enorme gratidão e a representação da FUNABEM como sua família está especialmente referida a estes aspectos.

Sempre que os ex-internos falam do internato como tendo lhes oferecido "coisas boas" se referem particularmente ao estudo, lazer e brincadeiras com colegas. A possibilidade do lazer – jogar bola, tomar banho de piscina, ver filme, ir ao Maracanã e outros passeios – é a referência mais clara que positivisa a passagem pelo internato, uma vez assegurado a alimentação, casa e roupa. As recordações de brincadeiras entre colegas, traquinagens, e "escamar", para viver pequenas aventuras, são sempre referências positivas que se revelam, sobretudo, quando o entrevistador pergunta a respeito. A oferta de lazer e a brincadeira são situações consideradas típicas da experiência de internato em contraposição com a vida dos pais na qual estas situações são consideradas impossíveis.

O estudo e o ensino profissionalizante são valorizados por todos. São, entretanto, alvos de inúmeras críticas, salvo por aqueles que tiveram a experiência de passar por uma escola modelo da FUNABEM. Estas escolas são percebidas como oferecendo uma qualidade de ensino semelhante às de crianças de "classe rica". Em consonância com a fala sobre o estudo, essas pessoas tiveram aparentemente uma maior facilidade de trabalho e se encontram empregadas no momento. Entretanto, o que se observa é que entre os entrevistados são raros aqueles que trabalham em profissões aprendidas no ensino profissionalizante. A especialização em artes gráficas parece ser a que mais favorece o emprego. Apesar do ensino

escolar e profissionalizante serem considerados “fracos” ou inadequados, podemos considerar que é um dos aspectos valorizados da vida no internato, mesmo que seja evidente que, uma vez desligados, a baixa escolaridade e/ou formação profissional precária não lhes favorece a entrada no mercado do trabalho.

O internato também é visto como o lugar de vida boa, de “mordomias” e “regalias”. Isto se refere, sobretudo, à qualidade de vida material que desfrutam. Há também uma idealização da escola – em particular da escola modelo – onde a uniformidade da instituição total é percebida como lugar de igualdade – “todos são iguais perante a lei”. Neste sentido a vida aqui fora é percebida como “uma selva”, como o reino da diferença e da desigualdade.

> Lá dentro do colégio é tudo igual, entendeu? (Chora) (...) A gente fica doida para sair, mas quando a gente sai, vai compreendendo mais e aí a gente vê que aqui fora é horrível. É uma selva mesmo! – Só tem bicho querendo comer a gente e lá não é nada disso. Lá todo mundo é igual, sabe? É bom por causa disso. Todo mundo é igual. (Maria, 31 anos).

O afastamento da família “desestruturada”, “alcoólatra” e que passa por enormes dificuldades financeiras também positivisa o internato. Internas não tiveram que conviver com esta realidade e puderam, inclusive, encaminhar suas vidas de forma diferente da de suas mães. Esta representação se refere especialmente às mulheres que tiveram a oportunidade de permanecerem num mesmo internato durante todo o tempo, estudar em escola pública, se profissionalizarem e logo conseguirem emprego após o desligamento.

Um outro aspecto positivo da experiência de internação se refere às orientações, conselhos, atenção e carinho recebidos de um funcionário que ficou seu amigo, ou como muita das vezes denominam” seu padrinho”. Ter um “padrinho” parece transformar toda a experiência da vida nas Escolas da FUNABEM. Esses, como também aqueles que mantinham um apoio familiar, são os que nos parecem poder situar e organizar melhor sua experiência de vida no internato. Eles conseguem ter mais discernimento sobre seus sentimentos contraditórios em relação ao internato.

O aprendizado da disciplina também é valorizado como que facilitando sua vida na sociedade. Esses tendem a fazer esta positivação após o desligamento, como tendo ajudado-os a passar de “criança” a “adulto”.

> – Olha. A gente apanhava muito, sabe. A gente tinha um castigo severo. Tinha uma coisa assim chamada é ... Eles eram muito severo, muito ... Hoje já não tem mais disciplina. Em vista do que era antigamente. Acordava cinco horas da manhã prá sete horas poder estudar. Entendeu? Então, era a maior dificuldade, a maior barra. Fora de série. Eu apanhava muito. Eu também era muito arteiro, muito bagunceiro. Não só eu como os 450 alunos que tinha lá dentro dessa unidade.
> – Ah! Se você fazia muita bagunça, se você fosse suspeito, você apanhava. Não é como se apanhasse de um garoto, mas como se apanhasse de um homem. Eu lembro de fatos assim, de inspetores chegar prá mim e bater sabe. Às vezes com razão. Mas dentro da razão dele, eu não aceitava, porque eu era garoto não aceitava apanhar. Quem vai aceitar apanhar? Mas hoje, eu tiro aquilo como uma escola-disciplina para mim, sabe. Me ajudou muito também. Mas em si, eu olhava, eu, quer dizer, no período da adaptação, eu não via aquilo. Sei, era minha casa. Eu bebia, comia, dormia, estudava. Estava fazendo uma profissão. Mas não tinha contato real com a vida daqui de fora, né! (Fernando, 25 anos).

Apesar das críticas (como veremos mais adiante), que os ex-internos tecem à vida no internato, eles tendem a valorizar o tempo passado ali como uma etapa necessária para viver.

> Dou graças a Deus por ter passado pela FUN ABEM. Eu aprendi muito. Se tenho uma cabeça boa é porque eu vi muita coisa. A minha maior faculdade é a vida. Foi ter vivido todas essas coisas. E eu acredito que é nas horas mais tristes, nas experiências mais amargas que se tem condição de se tirar as melhores coisas, as melhores avaliações. Eu por ter passado pela FUNABEM ... eu não tenho nada contra a FUNABEM, só tenho a agradecer. (João, 31 anos).

A experiência vivida parece não gerar uma ambivalência de sentimentos, mas, na fala dos entrevistados, a contradição acompanha os depoimentos que contêm uma interpretação positiva. É como se as críticas fossem dicotomizadas da gratidão. Parece não haver conflito

– ao mesmo tempo que tecem críticas duras, se referem à experiência de internato como tendo sido "boa". A mágoa ou o ressentimento, em geral, se refere a uma situação específica, aos castigos, à violência física.

Se por um lado consideram a experiência vivida como uma etapa necessária, todos os entrevistados observaram que não permitiriam a internação de seus próprios filhos. Nos parece que esta forma de considerar a questão expressa uma crítica severa à vivência no internato. Neste momento não se considera as coisas boas mas, sim, se reprova a experiência como um todo. É uma reprovação que está além dos motivos, das palavras. É uma reprovação global da experiência.

> W – Eu gostei. Eu tinha que passar por aquilo. Eu não sabia que eu ia passar por essa vida. Eu acho que tudo que a gente passa nessa vida é porque a gente tem que passar.
> E – E se você tivesse opção, você passaria novamente?
> W – Não. E também não deixaria meu filho passar. Não, pelo menos pro meu filho, não. Eu acho que foi mais um desespero da minha mãe. (Walter, 20 anos).

O que nos parece importante é que na representação positiva do internato, os ex-internos, apesar das críticas contundentes que fazem ao funcionamento do internato, eles mantêm uma imagem, como que idealizada, da mesma forma como nos parece manterem preservada a imagem da mãe ou da farm1ia, mesmo quando já perderam todos os laços com ela. Representar a FUNABEM como algo positivo, parece-nos, sobretudo, uma necessidade de preservar uma instituição que lhes permitiu a sobrevivência frente ao abandono ao qual foram relegados.

2. Interpretação dissonante das normas inculcadas

Dentro da representação dos ex-internos encontramos um paradoxo importante. Se eles percebem a instituição como positiva, entretanto, sem exceção, eles afirmam que não colocariam seu filho no internato. Mesmo que não consigam tecer argumentos para tal afirmação, é sempre carregada de emoção, silêncio ou choro. Outros enfatizam a falta de carinho dos funcionários e a ausência dos pais,

como fatores que os fizeram sofrer muito. E assim se referem ao tempo do internato como uma fase da vida da qual não querem pensar, preferem esquecer. Nessas horas é como que se surpreendessem de estarem falando sobre suas próprias vidas e muitos comentaram que era a primeira vez que assim falavam. Neste sentido, ficamos com a impressão que é uma experiência de vida que fica reprimida sem chances de maiores elaborações por parte de cada indivíduo. Ele tem que "tocar a vida prá frente", sem olhar para trás, porque não há o que rever. E "tocar para frente", significa para muitos algum lugar sem rumo; para outros, é pensar o futuro dentro das perspectivas de trabalho que têm no momento, e para alguns poucos existe a possibilidade de estudar, de mudar de trabalho, de ter algum projeto para o futuro.

Várias situações são percebidas pelo ex-interno como experiência negativa. A principal queixa é a falta de carinho, a falta de conversa e diálogo com os funcionários dos estabelecimentos. Em oposição ao carinho e atenção, falam das ordens arbitrárias e "absurdas" que recebiam e tinham que executar. Reclamam não só da falta de liberdade para conversar com os funcionários, como com os colegas em momentos de reunião natural, por exemplo, nas horas de refeições. O que chamam de "regime caxiado" é uma forma de resumir todos estes constrangimentos artificiais e desnecessários ao funcionamento institucional.

O atendimento massificado, a desconsideração pela individualidade de cada interno, o uso de uniforme, a impossibilidade de fazer qualquer tipo de escolha, ter que viver a rotina e a "igualdade" entre os colegas dentro de regras bem definidas e rígidas – tudo isto é percebido como marcas negativas da vida no internato. A festa de aniversariante do mês também era vivida como parte dos rituais de grupo e não como uma comemoração de uma data única que marca sua existência.

> – Marcou porque (chora) você tinha que ser o tempo todo igual a todo mundo, né? Porque era muita gente, era aquela massificação só, tinha que ser igual, tinha um monte de regras. Você não podia dizer que não gostava de um legume. "Todo mundo comeu, todo mundo tem que comer! "Essas coisinhas pequenas assim. Roupa, todo mundo igualzinho. Você não

podia escolher a roupa que você queria usar. Todo mundo de roupa igualzinha, uniforme o dia inteiro. (Eliza, 19 anos).

A falta de diálogo, de serem reconhecidos como pessoa, e não considerados como um número ou "presidiários", marca a maioria dos indivíduos. Este sofrimento enorme, que muitos nem sequer identificam sua origem, massacra os mais sensíveis, ou aqueles que encontram menos possibilidade de se situarem nessa experiência, e nos parece marcar o indivíduo para sempre.

– O que eu acrescentei a mim de bom, foi eu mesmo, porque não tinha ninguém para me orientar. As coisas boas eu aprendi mais foi depois que eu vim para cá (no trabalho). Porque lá, eu sabia que não podia fazer isso, isso, isso e aquilo, porque ia se dar mal. Porque veja você, diálogo assim, conversar na escola assim, eu não conversei não. Com ninguém, eles não conversam, eles visam o Colégio Interno muito como se fosse um presidiário, sabe, não tem ninguém para conversar. Porque o pessoal fica ali preso; vai sair dali quando não tiver nada para fazer, vai fazer besteira. A tendência é piorar (Luis Carlos, 24 anos).

As poucas referências que surgiram em relação ao trabalho dos técnicos – assistente social e psicólogo – foram referências de descaso, desatenção e de um trabalho voltado para o funcionamento organizacional e não para o benefício do interno.

A disciplina, o castigo, a violência física (como veremos com mais detalhes adiante) e o ócio também são representações de situações negativas e de sofrimento. A referência ao ócio – "mofei muito lá" – nos falado pouco que ganharam com a experiência do internato e do tempo perdido sem estudar, trabalhar ou aprender a ter autonomia.

O furto de roupas pessoais ou de cama, como também de objetos por parte dos colegas, e considerado sem solução no funcionamento institucional, também é visto como uma situação geradora de conflitos.

– Eu tinha muitos amigos, tinha também um amigo que não gostava da gente e toda hora brigava, queria tomar as nossas coisas e eu não deixava. Porque o colégio interno é a lei do cão. Se a senhora tiver um negócio desse aqui, e outro pedir

para ver, e a senhora deixar, perde, toma e se não tiver disposição para reagir, para tomar aquilo que é seu, não deixar eles tomar, perde tudo, fica só de short. Igual eu vi muitos alunos lá perder tudo, a visita deles vinha, trazia aquela bolsa de compras pra ele, biscoito, leite, coisa de alimento, então, os alunos mais pobres tomavam as coisas deles. De mim eles não tomavam porque eu era um sarna invocado, eu era um sarna invocado. (Benedito, 39 anos).

A seguir vamos falar de algumas referências que foram muito enfatizadas em vários depoimentos como uma representação crítica do internato: a transferência, a disciplina, a violência física, o castigo e a violência sexual.

– Transferência

A transferência de internato é uma das situações percebidas pelos ex-internos como tendo trazido sofrimento. Como se expõe em outro estudo (Altoé, 1990), a transferência é realizada sem maiores cuidados e avisos àqueles que vão ser transferidos. Os internos são chamados e colocados num ônibus, sem que inclusive os seus pais sejam avisados. Perdem os laços de amizade com funcionários amigos e mesmo com irmãos. A transferência só não é vista como negativa quando eles podem compreender seu mecanismo e sabem para que escola seguem. Este exemplo é singular e se refere a um conjunto de escolas situadas no mesmo terreno. Consideramos que a transferência vem reforçar no interno o sentimento de descaso das autoridades institucionais, desconsideração e desrespeito pela sua pessoa. São manipulados conforme a necessidade do funcionamento organizacional.

– Não perguntavam nada. Eles escolhiam assim, pegava a lista e por exemplo, se meu nome tivesse nessa lista, eu ia de bobo com eles, ia transferido. Eles não separava os alunos, pegava um montão assim e chamava fulano, fulano.
[Nessas transferências você perdeu o contato com os seus irmãos ou ...]
– Ah, perdi. Eu fiquei 5 anos sem ver os meus irmãos. Foi esquisito a pampa! Você se sentir isolado, só ver aquele monte de garotinho, tudo pequenininho assim ... (Benedito, 39 anos).
– Lá no colégio acontecia muito isso de transferir. O papel nosso ia todo pro outro colégio. E quando você chegava no

outro colégio, se você analisar bem, o colégio interno é tipo uma cadeia. A pessoa chega num presídio, todo mundo te olha diferente. Te bota lá dentro e diz: isso, isso e isso. O inspetor ao invés de apresentar o aluno, apresentar assim pra conversar, mostrar a instalação do colégio, não! Chegava, jogava o aluno lá dentro! (Haroldo, 20 anos).

Esse funcionamento institucional de muita mudança de internato nos parece não se justificar organizacionalmente. A única justificativa possível é impedir a criança e adolescente de criar laços de amizade, desenvolver relações afetivas e se situar no mundo. É frequente que sejam transferidos a cada ano ou a cada dois anos.

– O que você achava dessas transferências?
– Eu achava muito assim, um sentimento, uma saudade que tive da escola. Os amigos que tive, os colegas que tive também. Eu quando fui transferido, eu chorei, de uma escola que eu gostei mais que era Caxambu, em Minas. Eu chorei porque era uma escola que eu gostei. Eu não vou dizer, eu sou uma pessoa assim, que eu senti uma escola ruim. Eu não gostei não. Não, eu não, eu sempre gostei de uma escola e sempre quando fui transferido eu sempre deixei a saudade, eu deixei uma alegria com todo mundo". (Claudionor, 20 anos).
– E você sentiu muito essa transferência?
– Senti porque a gente tá acostumado num colégio. É a mesma coisa você está acostumada a morar num certo lugar – você já conhece o ambiente, já sabe a malícia daquele bairro todinho, né! Então depois, quando você se muda dali e vai para outro até você se firmar, fazer conhecimento com o pessoal, você sente a distância do pessoal, você não conhece ninguém, então você não pode puxar um assunto com uma pessoa se você não conhece. Então eu sentia muito, mas procurava sempre fazer aquela amizade porque a gente reencontrava velhos amigos que já passaram pelos mesmos colégios que já passamos. (Juliano, 18 anos).
– Eu achei que uma transferência é uma coisa assim que ... Acho que eles fazem assim porque eles vão tentando mostrar aos alunos que não só existe aquela escola que ... porque às vezes, o 'cara' se amarra na escola. Gosta da escola, ele pensa que aquilo nunca vai acabar para ele entendeu? Aí vão sempre transferindo para o 'cara' conhecer, vai conhecendo outras pela frente, entendeu? Aí o 'cara' vai desenvolvendo a mente,

vai ver que não vai ficar sempre num lugar só, entendeu? É isso que eu penso.
– Assim que você viveu isso?
– É, vivi, estou vivendo. (Ricardo, 18 anos).

Este último depoimento sugere que a Política de Bem Estar do Menor ao mesmo tempo que pretende oferecer um local onde o menor tem sua sobrevivência e educação asseguradas, através das transferências, lembraria ao indivíduo que aquela" mordomia" , como dizem os internos, não está assegurada na sociedade. É um aprendizado de perdas, de que nada é seguro ou constante, como na verdade um grande grupo deles vai viver a vida ao ser desligado. É como Ricardo está vivendo: tem 6 meses de casa e comida assegurados na Associação Irmão Esperança e depois nem ele, nem ninguém, sabe qual será seu destino. Este aprendizado se faz desde a primeira infância nas constantes transferências de internatos.

– Violência Física e Disciplina

A violência física é uma questão importante nos depoimentos dos ex-internos. Não só o espancamento, como também o castigo arbitrário do inspetor. O castigo geral, onde todos são culpados por uma falta cometida, é particularmente visto como uma violência que tem consequências importantes no sujeito – traz mágoa, ressentimento, revolta.

– Mas existia muita covardia por parte dos funcionários. Covardia, espanca em excesso. Uma coisa que atinge a coletividade sempre me machucou. Eu acho que se Pedro feriu Paulo, porque Joaquim vai pagar? (...) Os castigos eram diversos. Hoje eu acredito que não se vê mais. Naquela época chamavam de agulha – ficar com o dedo na parede, ou seja, o corpo a um metro da parede e o dedo na parede muito tempo. Ou então, em pé com o corpo imóvel na posição de sentido, como é a posição do militar, sem se mexer uma hora, duas horas se necessário fosse. A turma toda ficou assim. Aquilo incomodava, porque geralmente era uma hora em que todo mundo ia dormir. Por exemplo, então eles colocavam o pessoal assim de 8 horas até 10 horas da noite. E o pessoal querendo dormir, cansado e aquilo então incomodava, criava uma certa desordem na cabeça das pessoas. Certa desordem porque quando se paga por uma coisa que não se cometeu a

gente, é difícil de se explicar, não aceita. A gente recebe a punição e automaticamente se pune porque a gente não tá aceitando aquilo, mas tem que passar por aquilo. Então de qualquer maneira, psicologicamente nós estamos também nos punindo, só em aceitar aquilo. Então, porque o normal seria a pessoa dizer: "Eu não fiz e não vou ficar". Mas isso acarretaria numa coisa chamada "bolacha". O pau comia se fizesse isso. Então a pessoa ficava lá se martirizando pela aquela coisa. (João, 31 anos)

A referência à disciplina sempre surge como sendo rígida e militar. A disciplina vem, invariavelmente, associada às formas de punição, uma vez que as pequenas faltas disciplinares são tratadas com castigos diários. A punição severa muitas vezes não se relaciona à falta cometida, mas ao rigor ou à raiva do funcionário.

> – A escola era ruim. Tinha uma coroa lá que era ruim. Batia nos outros na boca do estômago. Porque nego xingava na sala de aula, cochilava, dormia, fumava cigarro. Eram seis apitos. Um apito só para a geral. Se mexeu, chama e dá ideia. Dá a segunda ideia. Chegou a terceira ideia, entra para um cubículo e é só borrachada ... Bota areia na borracha e dá. Eles ficavam todos marcados. Nunca apanhei disso não ... A gente fugia porque lá eles batiam muito. Se não trabalhasse eles batiam muito. (Justino, 17 anos).

Associada à ideia de disciplina e castigo, vem a submissão à ordem da qual parecem não poder escapar:

> – Transgressão era, por exemplo: botava a gente na fila e a gente não ficava na fila, saía, não queria comer, fugia, pulava o muro e quando era pego ficava de pé à noite toda ali. Se arreasse, se reclamasse, apanhava mais ainda. Quer dizer, tudo isso foi revoltando, revoltando, revoltando a gente, que eu até saí do quartel. Até do quartel eu fui expulso, até do quartel. Porque eu não bancava esse negócio de ordem entendeu? Da gente ficar me mandando. Eu nunca gostei disso. (Benedito, 39 anos).

A entrada na ordem, ou, a "cidadania à porrete" parece ser um dos principais resultados das ações educacionais nos internatos. O pior é que, além do "porrete", os indivíduos são tão despossuídos de tudo que os situe no mundo, que este atendimento no internato,

sobretudo nos últimos dez anos, parece servir só para massacrar e torná-los amansados, ineptos, ou jogá-los para o mundo do crime, como veremos mais adiante.

O castigo exagerado, indiscriminado, resulta por levar à revolta e ao ódio. São situações que marcam o indivíduo durante o tempo de internação e após o desligamento. A disciplina muito rígida, a submissão à ordem sem direito à contestação não educa, não forma os indivíduos. Pelo contrário. Toma-se dependentes, infantis, sem possibilidade de desenvolverem um pensamento crítico e, muitas vezes, incapazes mesmo de se adaptarem a uma outra instituição total, como as Forças Armadas.

> – O regime de lá é tipo militarismo, tem que ficar em sentido, não pode se mexer. Se você se mexer, você é anotado no caderninho preto do inspetor (...) Todo sábado o pessoal que foi para a varanda, ficava em pé de uma hora às três da tarde. Em pé de sentido mesmo (...) até a hora que ele achasse que está bom o castigo. Eu achei que eles pensam que assim vai educar. Eu acho pelo contrário, isso vai fazer com que a gente fique mais revoltado. Como no caso, muita gente tinha vontade de esganar os inspetores. Só não esganava porque não tinha como atacar eles. Mas muito pessoal tinha vontade de esganar. (João Carlos, 20 anos).

Um outro aspecto da disciplina existente nas instituições totais que se evidencia no internato é o controle da locomoção e do uso do espaço que também é vivido como um constrangimento importante. É necessário pedir licença não só para ir ao baile à noite, mas também para sair para visitar a mãe. Não voltar da "saída" no dia marcado pelo internato era considerado falta grave e por isso não eram recebidos mais na escola. Muitos tiveram que passar de novo pelo processo de triagem e se viram jogados por alguns meses na triagem de adolescentes considerados delinquentes, até que pudessem desfazer a confusão, na qual se viam envolvidos.

> – Seu espaço é esse aqui, sabe? Se você passar dali, daquele portão, você já estava cometendo um ato de indisciplina, entendeu? Você já está cometendo. O que você está fazendo aí? Ele perguntava. 'Eu estou vendo a paisagem'. 'Seu lugar é aqui, vem embora'. Aí, se você respondesse, você já estava, sabe ... Lá era um local cercado de morro. Um lugar muito

bonito, mas cercado de morro. Se você estivesse em cima de morro, você já estava- gente usava muita gíria – escamado. Escamado era estar longe, distante do local, dentro de sua localidade. Se eu tivesse ali, já estava escamado, era como a gente usava. (Fernando, 25 anos).

– *Violência Sexual*

Desde a entrada no internato o "menor" sofre diversos tipos de violência, seja por parte dos rituais institucionais (perda de objetos pessoais, roupas, etc.), seja por parte dos colegas com quem é obrigado a compartilhar seu espaço e tempo. Vamos considerar aqui, particularmente, a violência que eles vivem realizada pelos próprios colegas que já estão internados há mais tempo e têm mais idade. Ser roubado nos poucos objetos pessoais que lhe restaram no ritual de entrada é algo comum e frequente. A outra violência a qual são submetidos, e que os ex-internos deram relevância como expressão de uma vivência negativa do internato, foi a "violência sexual" ou a ameaça de, na "ronda à cama" de quem dorme. Sentem-se desprotegidos pelos esquemas de proteção dos agentes institucionais e, em geral, falam da questão fazendo a ressalva de que eles próprios nunca foram vítimas dessa violência. Parece-nos, entretanto, que esta negação ocorre com o objetivo de assegurar ao entrevistador que eles "são sujeito macho"[9].

> – ... é questão de eu ter passado lá e ver como é tratada uma pessoa, um colega. Entrar de primeira assim, as pessoas gostam de aproveitar, entendeu? Gostam de experimentar, achar que a pessoa vai dar mole e tal. É violência sexual, roubo. Fazer a cabeça do cara, fazer o cara virar viado, fazer o que o cara quer. Nunca passei por isto não. Nunca deixei ninguém entrar numa comigo, sempre respeitei todo mundo e todo mundo me respeitou. (Ricardo, 18 anos).
>
> – Eu, quando era pequeno, tinha muito medo de alguém fazer alguma coisa comigo. Por nunca, eu nunca fiz o ... sexo com o mesmo sexo. Então eu ficava com medo de alguém fazer em mim. Até no ato de dormir, sabe. Ou se você estivesse no mato, caçando passarinho, se você encontrasse dois rapazes

[9] Todos as entrevistadoras foram do sexo feminino, o que pôde trazer alguma dificuldade na obtenção desses dados.

grandes. Se ele não fosse uma pessoa humana, assim humano em termo de sentimento, ele ia fazer uma maldade com você. Então, a gente quando é menor, tava sempre com medo, entendeu? Era uma barreira que a gente tinha. Você dormindo, uma pessoa era capaz de fazer uma maldade com você. Eu até meu período de 15 anos, eu tacava faca, pegava pau, tacava num colega que quisesse fazer maldade comigo. Então, eu brigava assim ... pra me defender por causa de uma maldade, sabe. Porque a gente estava sujeito à tudo. Depois que você vai crescendo, vai tomando um corpo, você dialogava mais, encarava mais os grandes, você já tinha um respeito. Mas fora isso, era uma situação muito chata .. Eu apanhava muito na briga. Mas também eu não dava o braço a torcer. (Fernando, 25 anos).

– Eu ainda tenho um pouco de lembrança que eu gostei na minha infância, e um pouco de desavença, em vista que você não podia dormir direito. Eu não sei; quando eu era pequeno o pessoal me achava muito bonito. Então, lá o pessoal é assim, só criado no meio de homem você sabe, né! Tem as professoras, mas não é a liberdade que a gente tem com a professora, não é a liberdade que nós temos com um homem. Então aquele lance, né! O pessoa me achava ... pelo menos eu penso assim, como muitas pessoas já falaram que eu sou bonito, então, o pessoal me achava bonito, sabe, quando eu era pequeno. Então queria fazer assim ... eu não podia dormir de bruços, não podia dormir assim, se um dormisse de bruço de noite alguém ia me fazer saliência sabe – a gente falava saliência. Então a noite alguém ia querer fazer coisas erradas comigo né? Então eu tinha que dormir de rosto para cima. Os próprios alunos, os mais fortes, geralmente os que não têm nada na mente pra fazer. Eu acho que achavam que aquilo era o divertimento, sei lá. Então, você não conseguia dormir, tinha que dormir reto, de vez em quanto dormia legal, porque tinha um inspetor, uma ronda, porque lá sempre botam três rondas pra não haver essas coisas que vinham acontecendo. A pessoa chega ir na cama do outro pra fazer safadeza, não deixar o outro dormir. Então eu não dormia direito e até o último colégio que eu fui, eu não conseguia dormir direito. Sabe você tem que dormir de rosto coberto pro pessoal não botar o pênis em teu rosto entendeu? Essas coisas assim, num ficar fazendo essas besteiras com você. No último colégio que eu passei, o pessoal cortava até a calça do pijama pra poder fazer

> sacanagem, você dormindo você não tá nem ligado nisso, você tá com sono, né? Então muita coisa, isso aí, eu guardo assim com ódio sabe, mas às vezes eu acho que o culpado não é o aluno é a própria disciplina do inspetor, porque podia dar mais liberdade ao aluno, porque lá era assim: só podia sair de 15 em 15 dias ... (João Carlos, 20 anos).

A violência sexual é um assunto pouco considerado nos estudos sobre os internatos. Nesses estabelecimentos, as autoridades consideram este tipo de violência como um desvio do comportamento do interno e a questão é tratada somente pelo ângulo de punir o indivíduo desviante (Altoé, 1990). Raros são os internos ou ex-internos que percebem que a dinâmica institucional favorece a existência da prática de violência sexual.

A experiência homossexual, vivida como uma violência sexual, certamente marca os indivíduos de diversas maneiras. Um relato muito significativo de um dos informantes nos fala, não só das relações sexuais entre os colegas, entre colegas e funcionários, como da prostituição masculina. No caso, como podemos ver no seu relato a seguir, a prática de "prostituição" se iniciou quando ainda estava internado e continuou após o desligamento.

> – Olha, as lembranças marcantes que eu tenho (do internato) ... nenhum sabe. É ... só o ... quer dizer, aqui fora existe o homossexualismo, o tóxico, estupro, a bandidagem ... A única coisa que me atingiu foi o homossexualismo, sabe? (...) Eu comecei a frequentar a Quinta da Boa Vista, eu gostava de ir de dia. De noite eu ia para lá com outros homens, contatos, às vezes por dinheiro, entendeu? Foi onde eu me fracassei mesmo ... Tava ainda na FUNABEM, mas a FUNABEM até hoje não sabe de nada. Pra FUNABEM, isso foi uma coisa que me marcou pessoalmente. Ex-aluno nenhum tem nada a dizer a meu respeito. (...) Lá sempre teve isto. (...) Porque lá dá o termo que eu não sei se posso usar aqui, é encubado. O cara é homossexual, ou é viado, mas ninguém fica sabendo. É encubado, no sentido de ninguém saber, ele é, mas não faz ... Não, ele faz, mas perante as pessoas ele é um machão (...) Muitos não fazem para ganhar dinheiro. Faziam porque gostavam. (...) Então você saía para namorar e não pintava uma namorada, você tinha um lado fraco da vida e aí se prostituía. (...) Eu não fazia mais pelo dinheiro, eu fazia mais

> pelo carinho, afeto, né? Eu conquistava o coração da pessoa, a pessoa se aproveitava de mim, eu também me aproveitava e tinha relação. (César, 30 anos).

Apesar de negar inicialmente que se prostitui por necessidade de dinheiro, mais adiante no seu depoimento, ele fornece dados claros que confirmam sua necessidade de ganhar dinheiro, além do prazer que ele possa tirar deste tipo de relação.

> – Então aí eu comecei a trabalhar e continuei com o homossexualismo e por infelicidade minha eu conheci o Mauro, ali na Candelária. Eu trabalhando ali, ele parece até com o Ivon Curi. Com ele eu tinha vontade, eu comecei com o homossexualismo e passei a ser homem bissexual – o homem que gosta de homem e gosta de mulher, entende? O Mauro foi uma pessoa que eu tive relação com ele durante 6 anos. Eu acabei com ele agora. Com ele foi por dinheiro. Ele me viciou pelo dinheiro... Mas eu passei a gostar dele só que ele não entendeu ... Pagava... Mas parei com ele porque ele já tem cinquenta e poucos anos. Tem 54 e eu tenho 30. Em vez de ser eu mais machão do que ele, ele é que tava ... Porque o lado de tóxico dele. Ele faz as três coisas: fuma, bebe e transa. Quer dizer, você que é um cara que só transa, você não tem condições de pegar um cara desses. Você manter relação sexual com ele, na hora a sua potência ... Você transa com o cara, transa e na hora o cara não ... Eu resolvi parar com 30, parar porque para mim, a família que existe, a minha mãe morreu. (...) O Mauro nunca me ajudava em emprego, sempre que fiquei desempregado, eu continuava transando com ele, mas ele me explorava, ele aproveitava do meu fracasso; eu ligava para ele, queria dinheiro, ele sabia que eu estava duro, aí transava da forma dele, me dava grana, sempre aumentando o dinheiro, pagando muito a mais que os outros caras. Porque esses caras pagam mais. No caso, quando você tem uma pessoa certa, eles pagam mais, eles te oferecem o sexo dele, não o que você faz (...) Os alunos procura como Refugio, é como eu falei, em termos de homossexualismo. Tudo hoje em dia na vida do ser humano é um Refugio. Você procura um Refugio para preencher um vazio. (Cesar, 30 anos).

– “Ladrão, Viado, Estudante ou Trabalhador”

A representação crítica e de sofrimento da experiência de vida nos internatos da FUNABEM é resumida de forma dramática por um dos entrevistados. Poucos entrevistados falaram sobre o uso de tóxico no internato. Aqueles que abordam esta questão, se referiram a ela como sendo uma prática comum e veiculada pelos colegas. Ele fala, em tom de revolta e sem esperança para o futuro, das pressões as quais um interno pode sofrer dentro dos internatos da FUNABEM e frente às quais não encontra qualquer possibilidade de escapatória ou fuga. Frente aos constrangimentos e violências, tanto dos inspetores como dos colegas, ele nos dá um retrato do desespero a que esta situação de intenção pode levar o indivíduo.

> – FUNABEM, pô o cara tá lá, pô o cara tem que ser forte, tem que ser forte mesmo! Porque lá, o cara sai de lá ladrão, ou o cara sai viado. Ou o cara, sai estudante ou trabalhador. Porque lá os cara faz força mesmo, insiste mesmo: aí fuma isso aí – um baseado aí e tal. O cara vai, – ‘não tô afim’, diz. O cara tem que ser forte mesmo, segurar mesmo porque se o cara fumar, a vida dele acabou. Fumou a primeira vez, aí não tem não. Daquele fumo que você me deu naquele dia. Chega dar um. Dali começou a vida do cara. Acabou o trabalho, acabou o estudo, agora só quer saber daquilo, só daquilo. Pô viado, é a mesma coisa. Pô, se o cara for até lá, pô os cara vão começar a me circular, ficar olhando aqui assim para ele. Pô, esse cara é tal, esse cara é isso. Se ele deu mole pode crer, se ele deu bola, dançou. Pô, agora eu entrei prá lá, entrei na minha. Briguei lá umas cinco vezes só. Briguei na FUNABEM. Briguei por causa de bola. Briguei só por causa de parada boba lá. (...) Castigo era só cubículo. Um quarto escuro aqui assim. Botava o cara lá e esquecia do cara (...) Fugir? Prá que? Eu ia pra onde ... O negócio é enfrentar a barra do jeito que ela é. (...) (A relação com os inspetores) Com alguns era boa. Eu já quase cometi uma morte já. Então eu fui e pensei duas vezes. Não pô, nem enfrentei a vida ainda, nem sou pai ainda, nem casei ainda, porra já vou pra cadeia já. Vou deixar passar esta. Eu ia cometer um crime lá na FUNABEM. Aí pensei duas vezes. Se eu não penso, se ajo por instinto, que nem animal, hoje eu tava aí preso por assassinato. Porque FUNABEM é foda. Se o inspetor bater uma vez, assim, bateu uma vez, o cara deixou, ele servou. Agora ele bateu o cara

> reagiu, aí tá ele já tica logo na atividade, logo. Então pô, os coroas lá, pô, tá certo, pô, só grande e tal, os cara vieram me bater. Pô eu falo: O ... acabou já, pô, pô, eu grandão meu corpão apanhando. Pô, os cara me bater na frente de molequinho aqui assim, passando a maior vergonha, não! Eu não posso deixar os coroas vir assim em dois, né. Vem em dois ou em três, os caras coroas assim grande, pô os coroas lá um só não vai dar, então eles vem em dois e vem em três. Aí então um lá me agarrou lá. Aí eu pô, o coroa magrinho, eu falei se eu pegar ele, eu vou matar ele. Pô, então ele ficou me agarrando pela camisa, lá tal. Aí eu fiquei só assim: ‘licença aí’ ... Aí veio outro, ‘segura esse cara aí, que esse cara tá folgado prá caralho, esse cara tá metido pra caramba’. Pô, aí veio de dois né, então tá, eles me agarraram, me deram um. Pô, tinha um pedaço de ferro assim, eu fui assim e falei se pegar esse ferro aqui, se eu roubar ele aqui assim eu vou matar esse ou aquele ali. Então eu fui e falei: ‘Se vocês quiser conversar, vocês vão ter que me largar e conversar’. ‘Não, tu vai pro cubículo agora! Pô se você acha que eu devo entrar aqui, fica comendo comida sacaneada, fica brancão ali dentro não. E eu não vou entrar ali dentro não. “Então a gente te bota ali.’ Aí eu cheguei e disse: ‘tenta aí’. Eles vieram, fui e peguei aqui assim, pô, peguei esse pedaço de ferro aqui, assim pô, o coroa me deu a maior linha, assim pra mim acertar a cabeça dele, quando eu ia acertar, eu pensei: pô, não, tô muito novo pra cair na cadeia, não casei ainda, não aproveitei a vida e já vou ficar preso. Eu fui e larguei o pau e eles foram e me deram ideia. Dá ideia é conversar, pô, na moral, conversar calmo. Eles queriam é, ‘não é nada disso e tal’. Aí aceitei a ideia dele e fiquei numa boa. (Marcelo, 18 anos).

Todas essas violências, narradas acima, vividas no cotidiano do internato, sem que o ‘menor’ tenha direito a fazer queixa, denúncia ou escapar desse ambiente desumano, certamente marcam uns e outros mesmo que de forma diferente. O que podemos dizer na presente fase deste estudo, é que alguns, em geral, mas não necessariamente, aqueles que não têm qualquer referência familiar, são mais massacrados. Certamente os mais sensíveis e aqueles que não descobrem uma forma de conviver com esta violência, se revoltam, se confrontam e se expõem ainda mais ao “porrete” e aos

atos arbitrários dos funcionários, muitas das vezes, com a cumplicidade das autoridades locais.

3. Considerações sobre a homologia das representações acerca das estruturas das instituições totais

O conceito de instituição total é importante neste trabalho não só porque partilhamos da ideia de que o internato tem o funcionamento de uma instituição total[10], e por conseguinte marca fortemente a criança e o adolescente que ali vivem, como também por ser uma característica de outras instituições pelas quais os indivíduos passam após serem desligados dos internatos.

As instituições totais, conforme estudo de Goffman, referem-se, notadamente, aos manicômios, às prisões e aos conventos. Outras instituições, apesar de não terem as características indicadas pelo autor citado, têm, entretanto, uma estrutura de funcionamento semelhante. Neste sentido, fazemos referência às Forças Armadas, neste estudo, que apesar de não ser uma instituição fechada, seu funcionamento se assemelha ao de uma instituição total. Dessa forma gostaríamos de fazer algumas considerações preliminares, no sentido de como a ideologia subjacente ao funcionamento do internato (nesta década) inculca padrões de comportamento e/ou induz o indivíduo a se encaminhar na vida, de tal forma, que tenderá a se manter ligado às instituições que tenham características totalizantes.

a) Seguir as Forças Armadas é o sonho maior inculcado como ideal dentro do internato e é considerado a justificativa principal para se disciplinar precocemente as crianças e adolescentes. Isto é feito de maneira explícita e veiculado através dos funcionários que lidam diretamente com o aluno (Altoé, 1990).

b) Levantamos ainda a hipótese de que o funcionamento institucional, além de indicar para o interno que ele é um marginal, já o prepara para enfrentar a vida com as punições usuais utilizadas pela sociedade para aquelas pessoas consideradas marginais. Muitos estudos (Altoé, 1990, Guirado, 1986) corroboraram para esta

[10] Guirados no seu livro "Psicologia Institucional", 1989, p. X, classifica as "instituições de menores" como instituições totais.

hipótese ao analisar não só pressupostos institucionais em relação ao "menor", como se fossem marginais, mas também pelo funcionamento disciplinar, punições e burocracia que buscam mostrar ao indivíduo o que é uma delegacia, um julgamento ou uma cadeia.

c) Temos algumas indicações que, apesar de serem dados ainda pouco organizados, nos mostram como o indivíduo é tratado como "louco" quando expressa seu sofrimento pelo confinamento ao qual é submetido ainda criança, ou faz reivindicação e se revolta frontalmente com as autoridades institucionais. O livro autobiográfico de Collen oferece dados ricos neste sentido (Collen, 1987).

Pela delimitação de nosso estudo atual, não nos cabe aqui fazer maiores considerações sobre estas graves questões que levantamos, mas faremos considerações que corroboram para esses indicadores acima citados, analisando a vida das pessoas que saem dos internatos.

No nosso estudo sobre o encaminhamento na sociedade de jovens que viveram em internatos tivemos a oportunidade de entrevistar aqueles que participam ou participaram das Forças Armadas e aqueles que estão na prisão. Tivemos informações sobre a existência de outros que estão em hospitais ou colônias psiquiátricas, mas que por dificuldades inerentes às condições de pesquisa não chegamos a explorar estas situações. Assim, falaremos aqui especificamente das homologias das representações das estruturas das instituições totais considerando o internato, a penitenciária e as Forças Armadas.

– Homologia das Estruturas das Instituições Totais

A homologia das estruturas do internato e do quartel é tão marcante que os entrevistados ao falarem dessas instituições, muitas vezes, no minavam uma pela outra, nem sempre percebendo o lapso que haviam cometido. Uma das primeiras características que se dão conta, no que se refere às semelhanças do internato com o quartel e com a prisão, diz respeito à estrutura hierárquica. A percepção parcial ou global desta estrutura lhes permite considerar que se trata do mesmo tipo de instituição total vivenciada no internato. Desta forma

a situação nova que se lhes apresentava era identificada com a anterior, fazendo com que rapidamente pudessem saber como lidar com a situação. Vejamos nos primeiros exemplos o quartel e no último, a prisão:

> – Fiquei em casa esperando passar o tempo. Aí veio o quartel, carreira militar; tentei pensando que era uma coisa nova. Mas nada novo. Era a mesma coisa. Pelo que eu pude ver da vida militar para a vida do colégio, onde eu estava, era bastante parecido. Na disciplina, na maneira como eles tratavam a gente, é parecidíssimo. Tanto é que eu conversei com o Heraldo uma vez, ele também serviu, aí a gente fomos juntando as peças pra ver o que dava. Aí fizemos uma brincadeirinha: botou cabos no lugar de monitores, sargento no lugar de inspetores, e botava o chefe de disciplina no lugar do comandante da companhia. Fica parecidíssimo mesmo! E o coronel no lugar do diretor. No caso, o (diretor) que tinha aquelas formaturas, que ele falava aos domingos. Sempre faziam isso com a gente lá! E tinha o general que a gente pode colocar no lugar da (provedora). Tinha a banda, tinha aquele negócio todo, chegava o general num carro preto, tinha tudo isso lá, parecido assim. Os alunos era os soldados, ficavam lá pra o que der e vier. Aí quer dizer, eu não achei muita diferença não, eu não gostei não! Era bastante parecido com o colégio interno, sinceramente eu não gostava do colégio interno. Tava enjoado daquela vida! Imaginava passar a vida toda no mesmo esquema.
> (Você se adaptou bem ao sistema do quartel?)
> – Pra mim foi fácil, porque eu já vinha antes de uma vida parecida. Então o pessoal até estranhava 'pô parece até que você já é velho aqui dentro'. É, o pessoal falava pra mim, parece que você já tem mais de não sei quantos anos de quartel, porque eu sempre me saí bem, me safava bem das situações, aí comecei a ver que era parecido demais; que eles queriam fazer o mesmo no colégio interno, de preferência a Escola Rodolfo Fuks, principalmente né, era tomar a escola como um quartel. É, eles queriam torná-la um quartel. (Mauro, 26 anos).
> – Eu aconselharia aos pais e as mães não colocar o seu filho no colégio interno. Porque colégio interno não procura assim, vamos dizer, melhor instruir o garoto cá pra fora. Ele ensina um regime pro garoto como se fosse um regime de quartel, é

> como se diz o colégio interno é assim o aluno é o soldado, os monitores são cabos, os inspetores são sargentos, o chefe de disciplina no caso é o coronel, o subdiretor é o major né, e assim vai e diretor é o comandante de todo mundo, tipo um quartel, um regime, então, é como eu falei, o colégio interno não prepara o garoto pra vida lá fora, ele instrui ali dentro o que ele tem que fazer lá dentro, o que não pode saber, o horário de café o horário do almoço da escola da oficina, só isso é sempre aquela vida cotidiana, sabe a mesma coisa todo dia, todo dia nunca tem assim uma variação, não tem uma reunião que deveria te mostrar o que tá acontecendo aqui fora qual o procedimento que nós temos que usar pra poder se sair melhor na sociedade a maneira como a gente tem que agir porque, olha só, eu fico olhando muitas coisas lá dentro, às vezes, você quer fazer uma coisa mas não tem ninguém pra te dar aquele empurrão, sabe. (João Carlos, 20 anos)
> – Ajudou no ritmo de vivência, porque no colégio interno era trabalhar e estudar; então quando eu cheguei na cadeia, o colégio interno também é um sistema fechado – só que não tem muros – então, ali eu vivi com outras pessoas, aprendi a respeitar o direito de outras pessoas. Ao chegar aqui na cadeia encontrei a mesma coisa, fui trabalhar e o rapaz falava" monitor". No colégio interno também tinha monitor, então eu fiz uma relação; passei a viver aqui, como eu vivia lá. Falar pouco, estudar e trabalhar. Então a partir dali, eu vivi bem, aparentemente, porque quem vive na cadeia não vive bem ... (Henrique, 33 anos).

A grande maioria dos ex-internos considera que gostaria de ter entrado para as Forças Armadas. Poucos são aqueles, entretanto, que conseguem realizar o sonho de ingressar e seguir carreira. Seja porque os próprios internos não se adaptam a vida do quartel, seja porque são dispensados pela instituição. Sobretudo na década de 1980, servir às Forças Armadas passou a ser uma fase de transição para o jovem ao sair do internato e se situar no mundo. Uma das diferenças importantes é que nesta nova experiência ele não é mais tratado como "menor". É uma introdução institucionalizada no mundo adulto, onde ele não conta com a proteção que, enquanto "menor" tem direito.

O que se percebe, entretanto, é que o grande sonho de seguir as Forças Armadas não é para o interno uma entre outras opções. É

muito mais um sonho inculcado pelos agentes institucionais, que consideram ser este um dos poucos caminhos existentes para o indivíduo seguir ao sair do internato. Muitos entram para servir o quartel e ao perceberem as semelhanças com a vida do internato, acabam desistindo do sonho acalentado. Servir o quartel é considerado, não só pelas autoridades institucionais, como uma fase de transição entre o internato e a vida fora dele, como também é assim percebido pelos alunos. É uma das vantagens vista pelos ex-internos como muita importante, é o novo documento, a nova identidade, que adquirem ao sair – o certificado de reservista passa a ser sua identidade e não mais o rótulo de ex-aluno da FUNABEM.

> – A minha saída não foi direta, quer dizer, eu ia pra casa, eu sabia a posição que eu queria, o que eu não queria, então optei por um quartel, né. Então, eu sair do quartel, sair da FUNABEM e ir pro quartel eu senti que, um ponto que eu acho que foi bom, é eu senti que o colégio interno ele quer viver tipo um quartel, sabe. Porque o que você vê dentro do colégio interno, é a mesma coisa. Aqui no quartel, você humilha muito o outro. E aqui você vai ter que fazer. Você é um cachorro! É isso! É a mesma coisa, você é isso, aí xinga a pessoa. Então a mesma coisa que acontece num quartel acontece num colégio interno, que não podia acontecer. E eles falam assim, aí a gente entra numa formatura num colégio interno, 'vocês vão aprendê a marchar porque quando for num quartel, você já sabe marchar'. Pra você vê a visão deles é preparar um aluno prum quartel. Aí a gente pensa – os outros que nunca foi num quartel, não aprende? Uma pessoa que nunca foi interno, quando chega lá não aprende? Porque eu vou aprendê logo agora? Não tem nada a ver! Tanto que a pessoa quando chega num quartel ele já tá super saturado, porque já viveu uma vida de colégio interno e chega lá vai ter outra vida presa. Tanto que você vê no quartel, eu tive por certa parte, muita sorte, quer dizer, um quartel bão, outras coisas facilitô mais pra mim lá dentro. Quer dizer, eu tive facilidade, não fui aquele cara de ralar, fazer aquelas coisas. Mas eu falei pra minha mãe – 'eu fico no quartel um ano e chega, prefiro trabalhar, viver a minha vida'. Porque vivi 8 anos praticamente preso naquele regime e, depois passar mais um tempo no quartel com aquele regime! Quer dizer, qual vai

> ser a vida? A pessoa vai ficar super bitolada, né, não vai aprender nada!
> – (Então não foi opção sua ir pro quartel?)
> – A opção em ir assim foi minha, mas eu fui mais pro quartel, assim como se diz, você vai pro quartel servir porque assim pelo menos você tem facilidade. Às vezes, na sociedade, você tem uma instrução como quartel, você quer trabalhar numa outra coisa, você tem certificado de primeira, então isso foi uma das primeiras coisa, porque do contrário, eu não ia querer ver um quartel nem pintado de ouro.

É interessante observar também na fala do entrevistado que a mesma contradição, que surge ao falarem do internato, insinua-se também ao falarem das Forças Armadas. Mesmo que falem do "sufoco" que viveram, falam da experiência como tendo sido "boa". Poucos são aqueles que conseguem fazer uma formulação clara e crítica de quanto se sentiram atingidos pela violência institucional. O que se percebe é que esses que conseguem são, em geral, aqueles que logram reformular e transformar suas vidas dando a ela novos caminhos, sem seguir os já delineados pela instituição de "menores".

> – Nesse período que eu fique na aeronáutica, eu via tudo branco, sabe, recebendo ordem. Pô, nessa mesma posição? Não sei, vou esperar janeiro de 1983 e se eu não conseguir até lá (ser promovido) eu peço baixa ... Então aconteceu um lance engraçado porque eu prestei exame pra especialista ... Pra mim era um passe pra minha vida. Eu passando pra especialista, eu ia ficar dois anos na escola e ia fazer a escola de sargento da aeronáutica. Puxa, uma glória! Com 22 anos, eu praticamente estava formado. Era só estudar. Mas eu não passei. Aí aquilo para mim foi uma desilusão. Teria a aeronáutica como um sonho pra mim. Pedi baixa. Nesse período sabe, eu vivi uma vida gostosa ali dentro, fiz muitas amizades. Fase, assim, bonita! Aquela fase de amigos, passa a mesma dificuldade, o mesmo sufoco sabe, as experiências negativas, tudo ali dentro, né? Porque é uma barra a situação quando você é soldado! Então pra mim foi ótimo, foi gostoso à bessa. Então pra mim aquilo foi gratificante, mas não a ponto de me convencer a ficar mais. Eu me convenci ali mesmo que eu não podia mais ficar, não tinha mais condições de ficar ali. Aí eu passei a ter uma visão bem mais ampla daqui de fora. Já estava mais solidário, com a sociedade. Já

> sabia me definir, já tava com 19 ou 20 anos. (Fernando, 25 anos).

Tem também aqueles que, tendo vivido praticamente toda sua vida até os 18 anos dentro do internato, se adaptam ao regime disciplinar das Forças Armadas percebendo-o como mais liberal e onde os seus direitos individuais são mais respeitados.

> – No quartel tenho uma vida de trabalho de 8:00 às 16:00h. Tenho mais liberdade de falar apesar de que o quartel tem o seu regime, então a gente tem que obedecer. Mas muita coisa a gente procura dialogar com o chefe, com os nossos superiores pra entrar em entendimento, porque se a gente discutir, não vai levar ao caso. Mas lá eu tenho mais liberdade! Saio quando eu quero alguma coisa. Eu vou lá e peço; se eles acharem que tá no meu direito eles me dão; se achar não tá, eles não me dão. Já no colégio interno não. Se eu pedir alguma coisa, eles achar que não deve dá, não dá e acabou, não adianta você ficar insistindo. Se bobear você fica de castigo ou então eles te dão um tapa pra você sair fora. Mas lá não. Mas isso sobre em matéria de comida, é boa, não tenho nada a reclamar, tenho refeição, minha Educação Física, então é legal não me arrependo de entrar em colé ... na vida militar não. A vida militar até que eu gosto.Eu tô há dois anos na vida militar; vai fazer 3 anos esse ano agora; se Deus quiser vou fazer o curso de cabo; e ver se eu continuo na vida militar. Vamos ver. (João Carlos, 20 anos).

João Carlos é o exemplo que poderíamos citar da eficácia dos métodos de disciplina e de inculcação de valores. São os bem sucedidos. São aqueles que entram na ordem do sistema sem causar problemas, sem rupturas, sem revolta. E se colocam à serviço da pátria. Outros, entretanto, não conseguem sair do internato e entrar nas Forças Armadas somente com os hábitos disciplinares esperados. Trazem consigo também os "maus hábitos" aprendidos na vida do internato. Esses hábitos, se antes eram tolerados no internato enquanto o indivíduo era "menor", no quartel, são motivos para expulsão sumária.

> – 'Muitos colegas iam, mas muitos saíam também expulsos por maus hábitos'. Roubo, pequenos roubos, furtos, às vezes, até de besteira, que poderia ser relevado para o elemento, desse a chance a ele, dava um corretivo nele e não botasse o

> elemento na rua, por roubar um par de 'buti'. É um absurdo isso! Mas acontecia muito. Ou, então, por problemas de tóxicos; às vezes o elemento já vinha com aquele vício e era pego fazendo no quartel e era expulso, quando ele deveria ser pego e levado para um tratamento, ver bem para dar uma chance para ele, evitar que ele entre naquela coisa do vício. (João, 31 anos).

– Homologia dos Procedimentos das Instituições Totais

O funcionamento institucional do internato, a disciplina rígida, os castigos, o tipo de relacionamento entre funcionários e internos se assemelham, tanto com o quartel, como com a prisão. E como uma instituição total, o internato permanece sempre o mesmo, num funcionamento impermeável às mudanças, sem levar em consideração que sua clientela é de crianças e jovens em idade de crescimento e formação.

Desde pequenos os jovens são treinados dentro de uma rígida disciplina e aprendem a fazer ordem-unida, sendo vislumbrado para eles, e inculcado, como ideal, ser militar na vida adulta. Depois que são desligados, percebem no cotidiano – alguns poucos conseguem falar sobre esta questão com clareza – que a formação ali oferecida só é útil para a vida dentro da instituição total. Quando saem e não são aproveitados para as Forças Armadas, se veem perdidos num mundo desconhecido, sem qualquer familiaridade e sem instrumentos ou preparo que os capacite à entrada na vida social. Entre a disciplina rígida e o ócio, pouca coisa aprenderam que os possibilite a entrar na vida social fortalecidos, seja pelas habilidades pessoais, seja pela escolaridade ou formação profissional.

> – ... O que você achava da escola quando você estava lá dentro? Modificou o que você pensava da escola agora que você saiu? – Não modificou não! Porque o colégio interno é tipo uma cadeia. Você aprende aquele regime ali dentro, sabe, e aquele regime vai ser sempre debatido. Tanto tempo que você ficar lá dentro vai ser sempre aquilo ali. Então entra ano, sai ano, vai ser sempre a mesma coisa, nunca melhora nem piora! Fica ali estabilizado. Nunca sai daquilo ali. O colégio interno deveria melhorar, mas nunca melhora. (João Carlos, 20 anos).

Além da relação mediada pela disciplina, pouco acontece entre o funcionário do internato e o interno. O funcionário, tendo que atender as crianças ou jovens dentro de um sistema de atendimento desumano, ele também acaba incorporando esta característica como rotineira. Com o tempo ele assimila o funcionamento institucional como natural, já que não consegue escapar ou transformar suas regras. E uma delas é tratar o interno como "mais um" na "massa indiferenciada". E seu trabalho consiste em organizar as atividades rotineiras sem se relacionar afetivamente. Desta forma, fica mais fácil realizar seu trabalho. Não há espaço para considerar as individualidades ou necessidades individuais. Além da disciplina geral, tem o castigo geral – tudo é "geral". Ou seja, só se considera o "coletivo". Se este tipo de aprendizado não prepara o jovem para vida adulta em sociedade, certamente o prepara para a maioridade na cadeia. Vejamos no depoimento abaixo.

> – Não, não, isso não existe (conversa). Ele acha que ele está ali para olhar, evitar que o menor passe daqui para lá, então ele fica ali no posto dele só para olhar. É como acontece aqui. O guarda não tem uma aproximação com o interno, mas na hora de punir ele pune o interno por uma falta que transgride as normas dele, as normas da casa. Mas ele por si só entra no posto dele, sabe que tem que ficar ali por 24 horas, então ele entra ali não procura se aproximar. Às vezes, o interno tá lá e precisa conversar e precisa botar para fora e precisa até se acertar, ele não se acerta porque ele não se encontra. Ninguém oferece a condição para ele se encontrar ... Tipo tentar puxar pela pessoa para ver aquilo que ela tem por dentro, de externar o lado dela, o lado certo, o interessante da coisa. Isso é uma das grandes coisas da FUNABEM. (...) É, é a realidade, eu acredito que o elemento da FUNABEM esteja muito mais preparado para enfrentar uma prisão, porque o sistema é o mesmo, vai levar na mesma direção. A realidade é essa. (João, 31 anos).

Se, conforme os estudos de Goffman, viver numa instituição total na vida adulta (prisão, hospício ou convento) marca o indivíduo, podemos dizer que, – apesar de ainda escassos os estudos feitos sobre a repercussão na formação do sujeito que passa sua infância e adolescência em instituições totais, – sabemos que este tipo de funcionamento tende a infantilizar, assujeitar e dificultar o

desenvolvimento psicológico, da criatividade e da inteligência. (Cf. Winnicott, 1987; Altoé, 1990).

Precisamos ainda nos deter no estudo das repercussões psicológicas que levam o indivíduo a se isolar, a buscar solidão, como também ter mais claro o que leva o indivíduo a se tomar muito agressivo ou, ainda, enveredar pelo caminho da delinquência. Os entrevistados nos falam, às vezes claramente, sobre algumas das consequências, mas considero que este estudo merece ser desenvolvido no que se refere à formação do sujeito e de sua identidade. Vejamos, no depoimento abaixo, um exemplo de assujeitamento sistemático que o interno vive, tanto no internato, como na prisão.

> – A vida que eu tinha no internato, é mais ou menos a vida que eu vejo agora aqui na cadeia. Eu vejo a prisão, tem toda aquela coisa que a FUNABEM tinha, que o colégio interno tem, ou seja, a coisa de turminhas, de tóxicos, de agressividade. Veja bem, tem pessoas que nunca tiveram problemas de família, mas quando estão presos a coisa reflete como se ela fosse uma pessoa problemática de família, passasse por toda aquela coisa de irresponsabilidade de pais, etc ... As atitudes do interno, do colégio interno, são bem parecidas com as do preso. É interessante isso! Às vezes eu tico avaliando um companheiro ou outro, e aquela coisa que eu sentia na FUNABEM, aquela insegurança que a pessoa transmite, hoje já adulta, que de repente é a mesma coisa que eu via num companheiro da FUNABEM.
>
> (...) A diretora lá do sistema (prisão), ela pune toda a unidade porque houve crimes. Mas quando eles não têm uma maneira de isolar as pessoas que fizeram isso, ou até mesmo de chegar às pessoas que fizeram isso, ela pune geral e isso na FUNABEM existia também. Muitas vezes, um interno cometia uma falta grave ou algo que pudesse prejudicar administrativamente a FUNABEM, ou o inspetor, ou a diretora, ou uma professora, então quando vinha a punição, ela não vinha especificamente para aquela pessoa que fez. Isso tem muito haver, porque muitas pessoas passam a sofrer sem ter cometido aquele ato. Isto, então, cria uma camada de rancor, de mágoa e que fatalmente vai influir na cabeça daquele que está passando por aquele problema. Já aconteceu um fato que é desagradável para ele mesmo, e sofre, porque

sofreu o reflexo daquilo através de uma punição. Isso acontece na FUNABEM, e na penitenciária, e isso tem muita influência. (João, 31 anos).

A análise dos depoimentos mostra com clareza como a dinâmica e organização do internato, nos moldes de uma instituição total, deixa marcas no indivíduo que passa ali anos significativos de sua infância e adolescência estas marcas se mostram presentes nestes indivíduos, na mocidade, influenciando sua trajetória e sua forma de inserção na vida social.

IV. DESLIGAMENTO – UMA TRANSIÇÃO DIFÍCIL

Ao completar 18 anos os jovens internos da FUNABEM perdem os direitos relativos à condição de menor assistido. Passam à condição de maioridade, e ganham a liberdade e o dever de proverem sua própria subsistência.

Até a década de 1980 esta questão não chamava atenção e o desligamento desses jovens parecia transcorrer sem maiores problemas. Esta questão só passou a ser um problema conhecido, quando a ASSEAF fez várias denúncias através dos jornais sobre o abandono a que eram relegados os indivíduos que saíam da FUNABEM (*J.B.* 23.05.82). No início dos anos 80, a FUNABEM estabeleceu como norma que os internos que completassem 18 anos deveriam deixar o internato até o final daquele ano letivo. Participei desta experiência trabalhando como psicóloga num grande internato de adolescentes conveniado com a FUNABEM. Até esta época havia tolerância das autoridades em cumprir esta norma. E com isto se constatava que um número cada vez maior de internos permanecia no estabelecimento com mais de 18 anos. Com o enrijecimento da regra as assistentes sociais começaram um trabalho mais intenso, centrado na resolução dos problemas referentes à saída do internato – regularização de documentos (nome, idade óssea), tentativa de localização dos pais ou parentes, e um serviço incipiente de oferta de trabalho em empresas. Esta época coincide com uma dificuldade crescente dos jovens ingressarem nas Forças Armadas imediatamente ao sair do internato. Segundo o vice-presidente da ASSEAF, até os anos 70 era grande o contingente de alunos da FUNABEM que ingressavam nas Forças Armadas[11].

Com todas as dificuldades de um serviço incipiente, o desligamento se passava sem maiores cuidados. Na medida em que a tolerância a permanecer no estabelecimento diminuiu, os jovens pressionados a sair, começaram a ficar muito ansiosos com o que ia lhes acontecer, apesar de não terem qualquer possibilidade de se prepararem efetivamente para enfrentarem o mundo fora do internato.

[11] Os entrevistados da Associação Beneficente dos ex-alunos da FACR confirmam esta informação em referência aos anos 50 e 60.

Dos funcionários e técnicos é frequente a referência – "basta de paternalismo". É como se esta passagem de assistido para cidadão se desse por um passe de mágica, na medida que o jovem fosse desligado.

> – Ele (diretor) falou assim: 'Olha, você vai sair porque você já tem 17 anos.' Aí não precisou nem chamada. Foi geral. Fizeram chamada, chamaram a gente dormindo. Aí chegou hoje de manhã, aí eu vim para o Rio. (Justino, 17 anos- estava internado numa escola de Minas Gerais).

A condição de "assistido" por vários anos dentro dos internatos que funcionam como instituições totais ou "prisões", na expressão de alguns alunos, não prepara o indivíduo para enfrentar a vida fora, não só porque sai, na melhor das hipóteses, com o 2º grau completo, como porque a grande maioria não tem um preparo profissional (ensino profissionalizante) que os coloque em nível de competição com os colegas no mercado de trabalho, como também pela falta de uma rede de relações sociais, moradia, etc., que lhes deem um apoio necessário para que possam aprender aos poucos as regras do convívio social.

O próprio ato de desligamento é vivido por eles como uma decisão das autoridades institucionais frente a qual têm que se submeter. Na expressão de um dos nossos entrevistados, este ato se assemelha a libertação de um preso.

> – Porque eles falaram quando me mandaram embora, falaram que eu sou livre, que agora sou homem sozinho, que não tenho família ... José, você agora é livre, é um rapaz sozinho, você vai casar, vai ser dono da tua vida, vai ter um filho. (José, 20 anos).

José relata que a assistente social lhe lembrou, ao sair, que ele fora internado bebê na Fundação Romão Duarte e que depois foi para a FUNABEM. Como vemos, as autoridades institucionais falam dele, definem a sua vida, sem que, em nenhum momento, ao longo de seus 18 anos, este rapaz tivesse tido a chance de se constituir enquanto sujeito e cidadão. Ele não tem claro nem sua própria estória, que lhe foi narrada pelos funcionários e cujo registro fica nos prontuários bem guardados da FUNABEM. E assim ele sai do internato. Constatamos que sua trajetória é uma das vias possíveis, sobretudo,

para aqueles indivíduos que saem massacrados psicologicamente, seguindo uma trilha próxima de mendicância[12].

Mesmo com todas estas dificuldades José descobre que a vida fora da FUNABEM tem uma vantagem fundamental que é a liberdade.

> – Não, eu achei melhor. Porque morar na FUNABEM é um lugar que fica preso, né? Porque lá tem hora de formar, fica formando toda hora. Forma pra comer, lanchar, tomar banho. Todo mundo fazia se formar... Meu dia na FUNABEM foi sofrimento. Foi maus. Foi um machucando o outro, outro se jogando lá da caixa d' água, se matando. Isso na FUNABEM para mim foi maluquice que deu na cabeça de todo mundo aí. Eu acho a vida bem aqui fora. Trabalhava na Coca-Cola, saía toda hora. Gostava da vida. Pra mim a vida aqui fora era bom. Melhor que na FUNABEM. (José, 20 anos).

Em geral, os internatos não têm grande preocupação em manter o laço afetivo entre a família e o interno. O que se constata é o contrário. Há uma série de impedimentos organizacionais que impedem a manutenção dos laços afetivos que, ao longo do tempo de internação do jovem, vão se fragilizando e muitas vezes desaparecendo. Na fase de desligamento, entretanto, fica-se atento a qualquer sinal dos pais – carta, visita, etc. – para que possam encaminhar o jovem para suas casas. Não há, entretanto, nenhuma cerimônia ou ato oficial que marque esta saída. Os jovens saem como podem. Àqueles que são órfãos, a partir da década de 1980, a FUNABEM passou a garantir 3 meses de pensão, tempo considerado suficiente para que o jovem se situasse no mundo e encontrasse trabalho para ele próprio arcar com o pagamento da pensão. Este limite de tempo de 3 meses, como fase de passagem para ocorrer sua inserção social, se mostrou rapidamente ser uma falácia. Mesmo assim, os indivíduos eram desligados da pensão não havendo mais responsabilidade da FUNABEM. Frente a estas dificuldades e com o retomo frequente à FUNABEM, esta acabou reativando o SAC que se transformou no CAP. Este serviço passou então a encaminhar os

[12] Inicialmente José foi paro uma pensão, depois morou na rua, no albergue Leão XXIII e na Associação Irmão Esperança onde foi entrevistado.

jovens para o emprego, realizando também um trabalho de intermediação com as firmas empregadoras.

A experiência de pensão é marcada por muitos conflitos. Os jovens narram briga entre eles, roubo, confusão com o dono da pensão. É provável que estes problemas decorram justamente da falta de capacidade desses indivíduos se situarem, de repente, num mundo com regras inteiramente desconhecidas, sendo invadidos por uma angústia brutal frente à nova situação de abandono que se encontram, e o medo de, em curto prazo de tempo, terem que ir morar na rua, finalmente, de fato, abandonados.

> – Minha saída, minha saída foi uma simples saída. Me davam o jornal para procurar emprego e eu procurava e não encontrava. Aí ela (assistente social) chegou: consegui! Consegui e amanhã tu vai lá pro pensionato de Guadalupe. Chegou sábado, aí eu fui lá pra pensão. Eu fiquei lá uns 3 meses lá. Aí, arrumei problema com o coroa lá. Aí eu fiquei na rua aí eu falei, então: 'oh, se hoje em dia saí da FUNABEM, eu tenho duas opção na cabeça: ou trabalhar ou roubar'. Aí eu falei: 'se você me botar na rua pode ser que eu vou comer como a gente vê aqui assim ... quando a gente vê assim quando tiver, assim com fome assim na rua passando frio, aí eu vou esperar o meu ódio aumentar, minha raiva mesmo, vou acumular minha raiva e vou, e vou, e vou dá em cima de tu aí.' Aí ele (dono da pensão) falou: "a casa é minha eu faço o que eu bem entender, tá legal?. 'Tu que sabe. ' E aí ele me botou na rua, peguei a bolsa e fui. Aí eu fui lá no meu serviço, lá que fiquei lá dormindo lá. Aí foi mandou um me procurar aí o João, aí fui, voltei pra lá e de lá ... fui e voltei lá fiquei lá mais uns 10 dias e vim pra cá (Associação Irmão Esperança). (Marcelo, 18 anos).

A saída do internato é marcada sempre pela apreensão, medo de "encarar" um mundo que lhes é desconhecido, cujas regras não lhes são familiares e um mundo que dentro do internato é considerado "difícil", "perigoso". Além disso, dentro do internato o jovem sempre teve assegurado a alimentação, roupa lavada e cama limpa. Tudo à hora. Como diz João Carlos: "Não tinha preocupação com nada. Era só seguir as normas, né, tudo ali na ordem". Sair do internato é perder tudo isto, é ter que conquistar o que lhe era dado até então, sem que nada lhe fosse pedido de volta, a não ser

"obedecer as ordens". Esta condição de "assistido" se interrompe bruscamente. Os anos passados no internato só servem para a vida no internato, não o preparam para a vida fora de seus muros. É como sair de uma prisão, tendo entrado ainda criança e sem maiores referenciais ou estrutura psicológica, para entender a experiência de internação. Em geral, eles não entendem porque foram internados, nem porque estão saindo – a data do desligamento é vivida como arbitrária.

> – Não houve preparação. Ela (assistente social) nem chega a fazer reunião dizendo que eu ia sair pra me preparar para a vida lá fora. Não falou. Eu acharia que devia fazer isso. Ela só fez, com o pessoal que não tinha pai nem mãe. Ela fez a reunião, porque queria botar o pessoal na rua. Fazer uma reunião para conversar, saber onde a garotada ia. Então foi justamente muito pessoal desses daí que não tinha pai e mãe que ficaram na pensão três meses. Depois acabou o dinheiro da pensão, a pensão, né, mandou eles embora. (João Carlos, 20 anos).

Mesmo aqueles que têm família sofrem o ato de desligamento como decisão arbitrária das autoridades, sem levar em conta suas necessidades para o encaminhamento de sua vida imediata. A assistente social é vista como um instrumento das autoridades.

> – Saí da escola com dezessete para dezoito anos. Então logo assim que a assistente social sentiu que eu recebi uma carta da minha mãe, ela pegou essa carta e escreveu para minha mãe dizendo que ela teria que me desligar, que eu já tinha terminado os estudos (2° Grau). Mas minha idade estava na idade certa para continuar, era até dezoito – que eu tinha que me desligar, porque eu tinha pai e mãe. Aí minha mãe foi na Fundação, conversou com ela, explicou o caso a ela, porque era difícil me desligar, que eu precisava ficar lá até entrar pro quartel. Mas aí, ela, a assistente social não quis aceitar a conversa que minha mãe teve. Achou que ela era um pouco ignorante. Em certas partes porque para ela, a assistente social, é fácil. Não tem filhos, ela tem até uma situação boa em vista a muitas pessoas. Não tem filhos. Se ela tivesse uma pessoa lá dentro, ela ia sentir o que é a barra. O que tá acontecendo na vida. Se ela dependesse de um colégio interno pra deixar o filho dela, ela ia sentir. Se de uma hora para outra

a Fundação resolvesse entregar o filho na mão dela e agora o quê que eu faço? Você tem que desligar se eu não desligar, eles vão desligar ele de qualquer jeito. Aí ela me desligou. Saí do colégio interno, fiquei morando na casa do pessoal que eu conheço. (João Carlos, 20 anos).

O que lhes é assegurado no internato – cama, roupa, comida – é considerado não como um direito de cidadão, mas como "regalia". Considero que esta representação ocorre porque o indivíduo na instituição total é sempre assujeitado, subjugado, impedido de desenvolver suas qualidades e potenciais individuais. Ele é infantilizado o tempo todo, pois isto facilita o controle, a homogeneidade e o atendimento massificado. Não lhe é dada nenhuma responsabilidade e nenhum direito de pensar e contestar. Sem qualquer esforço e irresponsabilidade de tudo, fica num ócio enorme e seu entusiasmo é esmagado desde seu surgimento. Aqueles que têm a oportunidade de encontrar um apoio ao sair, têm maiores chances de se inserirem no mercado de trabalho e assegurarem sua sobrevivência. Mas muitos deles não sabem o que fazer com a liberdade que lhes foi dada com o desligamento.

– (Como é que foi essa passagem de internado pra o mundo aqui fora?)
– Ah, eu achei melhor, porque a coisa melhor que existe é a liberdade. Porque eu num sou ... porque eu não gosto, assim, de pô, ticar sendo mandado por ninguém. Já chega pô chefe da gente no serviço que já fica mandando na gente pra caramba, pra chegar lá ah, é isso e isso e isso aqui porque se não obedecer aquilo, agente quer brigar, quer espancar, quer ficar botando os outros de castigo à toa. Aí, sabe agora eu achei que a vida aqui fora tá difícil pra quem pô num tem força de vontade pra pegar num serviço. Porque se tiver força de vontade nunca atrapalha a vida de ninguém. O importante é trabalhar numa boa. Aí consegue alguma coisa, né. Agora por isso que a maior parte de alunos que sai de lá, aqueles que não querem estudar, nem trabalhar, chega aqui fora quer moleza, quer continuar na moleza. Aí acaba eu indo pra cadeia! Acaba igual eu já vi muitos amigos aí na rua. Inclusive eu vi um, J.B., agora a pouco tempo. Ele foi ex-aluno lá da mesma escola que eu tava. Aí ele tava lá sujo, tava dizendo que num tava se alimentando direito, tava dormindo na rua. Aí depois que já tá nessa, aí já num tem solução nenhuma.

Lá é uma regalia, sabe aquilo lá é um troço mal acostumado pro cara. Lá tinha que ter mais duro do que aqui, mas... Se o cara, eles botam o cara no emprego se eles não ficaram falando: você vai ir, você vai pro serviço, num ficar brigando, o cara num vai, porque já é acostumado com a regalia lá de dentro, – ficar o dia todo comer, beber e dormindo. Aí eles acostumam os outros muito mal, porque certos que tem essa regalia, aí chega depois não quer enfrentar a real aqui fora. Aí o cara num sabe nem como enfrentar a real aqui fora, como é que se vive. Igual muitos aí, até cachaça tem bebido, dormindo na rua. Porque muitas pessoas lá avisa dá conselhos bons, agora muitos também dá conselho mal, também muitos quer ver na pior. (Ciro, 18 anos).

Ao serem desligados, os jovens sentem a separação e perda desse ambiente institucional provedor, com o chão ruindo sob seus pés. Os órfãos como os não-órfãos, todos, em geral, tiveram uma vivência forte de orfandade e abandono dos pais durante o tempo de internação. Dessa forma o ambiente institucional representa segurança, condições mínimas de sobrevivência material garantida e para muitos representa a "família" que nunca tiveram, ou com a qual não conviveram. É importante observar que o próprio ato de desligamento reflete os mecanismos de funcionamento institucional onde o indivíduo não é considerado ou respeitado. É uma norma que tem que ser aplicada a bem do funcionamento organizacional. A propósito de seu desligamento Ricardo fala:

– Eu acho que realmente a pessoa começa a perder tudo aquilo que ela tem lá dentro. Ela se sente trancada, tem medo de encarar, sei lá. Depois que sai da FUNABEM ela sente que está perdendo tudo. Ela acha que está perdendo tudo, realmente tudo. Ela tem medo de colocar o peito para frente, encarar e agarrar com a mão, assim e falar: Aqui fora vai ser o mesmo que a FUNABEM. Eu tive tudo lá e vou fazer de tudo para ter aqui fora também. A pessoa quando ela sai, vai embora, fica aí uma dor dentro dela, que ela não sabe nem como despachar aquela dor. Ela sente que está deixando lá também uma parte dela. (Ricardo, 18 anos).

Todo este medo e ansiedade de ser desligado faz com que alguns deles tentem permanecer trabalhando dentro do próprio internato onde foram criados ou no âmbito da mesma instituição.

Esses alunos demonstram uma preocupação marcante em agradar as autoridades, antes mesmo de sua saída, procurando manter boas relações e sempre prontos a prestar serviços diversos. Assim, conseguem trabalhar e morar dentro do estabelecimento que sempre os abrigou.

> – Eu tava pensando de fazer a minha vida realmente. Na época havia uma superiora aqui que era muito rígida. Então era aquele tal negócio, ela queria ver todos os ex-alunos fora daqui. Eu sentia que ao mesmo tempo ela gostava de mim, mas ela tinha aquele tipo de coisa, não aceitava ex-aluno. Então ela sempre jogava piada pra mim: você tem que ir embora, não sei que, aquela coisa toda, entendeu? Eu já tava desesperado mesmo com essa irmã, tava mesmo. Eu já tinha terminado o meu científico, então eu pensava em arranjar uma profissão qualquer, principalmente porque eu saí da Caixa Econômica e tinha facilidade quando abrisse um concurso. Mas aquele tal negócio, quando abriu concurso não foi aqui no Rio, foi longe e aí não tinha ninguém pra me ajudar, tinha que andar, viajar e ter dinheiro para essas coisas todas. Então foi muita dificuldade pra mim. Foi muito difícil porque quem sai do colégio interno, não tem ninguém, não tem parente nenhum, pra dar apoio é muito difícil, é muito difícil mesmo. Muitas vezes o pessoal pensa que é fácil, mas não é não. É muito difícil mesmo. Principalmente pra quem não tem ninguém. E eu vejo esses garotos que saem, as meninas que saem também, não são preparadas né! A maioria delas tão com três, quatro filhos aí. Eles não preparam elas, não mostram a elas o quê que é o mundo, pra meninas principalmente, como evitar ter filhos né, usar anticoncepcionais. Pra isso elas não preparam também. (Edvaldo, 26 anos)[13].

Uma outra questão que se coloca em relação ao desligamento e que durante toda a internação era relegada, é aquela de identidade. Todo cidadão tem direito a um nome, sobrenome e filiação, dados estes que devem constar na sua carteira de identidade. O sobrenome ou, mesmo, a idade correta muitas das vezes só vem a ser solucionado quando o interno está com 17 anos e precisa ter sua

[13] Edvaldo foi criado na Fundação Romão Duarte e lá permanece morando e trabalhando.

documentação completa antes de sair. É nesta época que se faz idade óssea e se define um sobrenome que, no caso, antes era "de tal". É comum que no internato o indivíduo seja conhecido por um apelido ou seu número de roupa. Eles não têm o hábito de ter a posse de objetos pessoais e muito menos de documentos enquanto estão internados. Desta maneira a documentação é um problema importante nos primeiros meses que são desligados. Perdem-no com frequência. Não é certo que todos saiam da FUNABEM com os documentos necessários para se candidatarem ao primeiro emprego. É frequente, entretanto, que saiam com a carteira de identidade, faltando a carteira de trabalho e o certificado de reservista. Nesse sentido, um dos serviços que a ASSEAF como Juizado de Menores presta aos ex-alunos consiste em tirar os seus documentos.

> – Muitos deles saem sem documentação. A partir de um determinado momento, diante da dificuldade que ele tem de acesso a moradia, até mesmo por não ter compreensão do que é documentação, ele perde a documentação. Ele vai morar na rua, aí na rua ele dorme hoje aqui, dorme ali, é roubado. E bate lá sem a documentação. (Vice-presidente da ASSEAF).

A questão dos documentos se relaciona a duas outras de imediato – moradia e emprego. Sem moradia fixa é difícil ou impossível guardar alguma coisa e sem documento não consegue se empregar.

> – Eu saí com os documentos todinhos, certinho. Aí que eles falaram, que não pode andar com muito documento. E aí, onde eu vou guardar esses documentos? Ah os empregos, deu para eu achar empregos, mas não tinha documentos. Eles pediam os outros documentos e eu não tinha. Então eu comecei a ir na FUNABEM para tirar os documentos. (...) É, agora eu estou sozinho com uma nova família aqui (Associação Irmãos Esperança) uma nova casa, tirando os documentos. (José, 21 anos).

A perda de documentos ocorre, sobretudo, com aqueles que moram em pensão, albergue ou na rua. E sem documento, sem referência do domicílio e sem emprego o caminho de inserção social fica cada vez mais difícil.

Um dos objetivos importantes deste estudo é analisar como ocorre o desligamento do internato, como se procede esta fase de transição da condição de menor para a maioridade. O que se observa nesta primeira análise é que a passagem da condição de assistido e menor para a maioridade e cidadania se faz, sobretudo, por uma norma que determina que o indivíduo tem que ser desligado do internato, e não pelo preparo que ele possa ter adquirido para fazer face à sua nova condição. Os primeiros meses após o desligamento são muito difíceis e observa-se que muitas vezes eles ficam prisioneiros desta passagem, sem conseguir posteriormente mudar o rumo que se delineou logo nesses primeiros meses. Os dados observados apontam mais claramente para as seguintes vias:

Forças Armadas, pequenos empregos, mendicância e marginalidade.

V. ESTIGMA – NA MAIORIDADE, A MARCA DE "MENOR" PERMANECE

A experiência de discriminação e a marca do estigma que o ex-aluno sofre ao sair do internato, já vivenciada por ele na relação com os funcionários, como também quando participa de alguma atividade, como por exemplo, a escola da comunidade. Na instituição total, onde, sabemos, o atendimento não visa o aluno na sua singularidade, mas sim a "massa" , ou agrupamento humano, todos os alunos são sempre responsabilizados pela ação cometida por um deles. Generalizar a falta cometida, dar "castigo geral", ou bater arbitrariamente faz parte do cotidiano institucional.

> – Eles (funcionários da FUNABEM) não conversam com a gente, se conversassem... É como eles falam, a gente não presta. Tudo bem. (quem fala?) Todo mundo lá, isso é geral. Eles acham que se rouba uma coisa aqui, todos eles tem que pagar. Por exemplo, ninguém presta; para eles ninguém presta. (Evando, 20 anos).

Dentro do internato já existe uma expectativa de que os internos serão marginais como exemplifica Marcelo:

> – Eu cheguei e falei: eu sou assim porque ... Eles falavam: vê se você quando sair fora, você não vai saber trabalhar, você vai querer ser bandido ... Vê na sua cara, você nunca ri, só fica com essa cara de mau.

Marcelo se defende e se sente mal compreendido pelos funcionários:

> Eu cheguei e falei: eu sou assim porque tenho um problema, você não sabe qual é o meu problema. Então não fala pela boca a fora não. Pensa primeiro no que vocês vão falar. (Marcelo, 18 anos).

Entre os entrevistados foram raros aqueles alunos que tiveram a oportunidade de estudar fora do internato, em escola pública. Dentre esses, encontramos uma moça que fala sobre como percebeu a discriminação no colégio público, feita pelas professoras. É interessante observar que a discriminação era sobretudo sentida por estarem num local distinto do internato, onde havia uma expectativa

de serem percebidas como pessoas singulares, mas na verdade eram discriminadas como uma massa homogênea, tratamento semelhante ao recebido no internato:

> – Eu não gostava quando eles generalizavam, não chamavam a gente pelo nome. Quando queria falava: 'aquela do asilo que é assim, que é assado'. Eu me lembro disto, eu não gostava. (Elisa, 19 anos).

Os entrevistados, com rara exceção, narram as dificuldades que sofrem ao sair do internato devido ao estigma social que recai sobre aqueles que passaram pelas escolas da FUNABEM. Ter sido aluno da FUNABEM significa com frequência ser "marginal". Este estigma dificulta enormemente sua inserção social e a realização de novos relacionamentos, como também a obtenção de emprego. Não chega a impossibilitar a chance de conseguir trabalho, mas com frequência são acusados e responsabilizados por pequenos roubos no ambiente de trabalho. A obtenção de emprego se toma menos complicada quando eles omitem a informação, como muitos preferem, ou quando há alguma intermediação entre o empregador e o emprego – papel ocupado por exemplo pela CAP da FUNABEM.

> – É o que eu tava te falando – por causa de um todos pagam. Se a gente chegar num lugar, perguntam: 'Ah, você foi de onde?' E a gente não pode dizer que é da FUNABEM. Acontece o seguinte: a pessoa fica olhando para a gente assim meio esquisita. Porque muita gente rouba tudo ali que acontece é FUNABEM, FUNABEM, FUNABEM. (Evando, 20 anos).
> – Acho que a maioria das pessoas acha que todo mundo do colégio interno é assim, é ruim. E aí tratam a gente, acha que a gente é ladrona, sei lá, entendeu. (...) Mas também se acontecesse alguma coisa ali no meio, algum roubo, alguma coisa, se eu tivesse, eu acho que iam achar que fui eu, entendeu? Porque eu acho que eles pensam que colégio interno é lugar de ladrão. Então eu tinha muito medo disso e acho que eu me afastava também das pessoas. (chora). (Maria, 31 anos).
> – Eu tinha medo de dizer para as pessoas e as pessoas assim me rejeitar por causa disso. 'Ih, ela é da FUNABEM, estudou na FUNABEM', né. Porque as pessoas têm ideia de que

> passou por lá, quem era mau elemento, entendeu? Quintino é um lugar de aluno mau elemento, né? (Adelaide, 35 anos).

Devido ao preconceito e discriminação a maioria prefere não falar que foi aluno interno na FUNABEM. Alguns, entretanto, mesmo tendo noção clara da discriminação que sofrem, afirmam sua condição de ex-internos da FUNABEM, pois esta marca faz parte de sua identidade. Para esses, a passagem pelo internato é parte fundamental de suas vidas e não pode ser negada.

> – Eu tenho que falar que fui aluno da FUNABEM. Eu não vou saber conversar com a senhora sem dizer que eu fui aluno da FUNABEM. (César, 30 anos).

A discriminação, dificuldade de aceitação do ex-aluno, ocorre também nas Forças Armadas. Até o início da década de 1980, os alunos da FUNABEM ingressavam nas Forças Armadas em grande número. A própria FUNABEM se encarregava de encaminhá-los quando completavam idade limite de permanência nos internatos. Havia interesse em ambas as instituições que tal procedimento ocorresse. Mas a entrada dos ex-alunos não passava desapercebida pelas pessoas existentes nestas instituições:

> – Na própria Marinha mesmo, eu tenho um irmão, ele que é sargento, ele deparou muito com essa situação. Quando o ônibus da FUNABEM levou eles até a Marinha, a primeira coisa que disseram foi 'guardem tudo, recolhe as carteiras que chegou os ladrões'. Quer dizer, eles já tem o pessoal da FUN ABEM como ladrões. Mesmo em Marinha, isso lá também no Exército quando eu cheguei foi a mesma coisa. Geralmente se sumisse alguma coisa já iam perguntando – 'tem alguém da FUNABEM aí?' Era até engraçada a coisa, mas era a realidade. (João, 31 anos).

Segundo depoimento do vice-presidente da ASSEAF, esta "transferência direta" dos alunos da FUNABEM para as Forças Armadas sem que o aluno passasse pelo "confronto de reintegração", na medida em que "trocava uma instituição por outra" diminuiu consideravelmente a partir de 1982. Segundo o vice-presidente da ASSEAF, a análise feita pela Associação é de que, nesta década, as Forças Armadas não tinham mais necessidade de um grande

contingente e os ex-alunos foram os primeiros a serem afetados pela medida.

O estigma de ex-aluno é percebido mesmo por aqueles que encontram apoio familiar ou institucional para ingressarem no mundo do trabalho, ou na escola pública, dando prosseguimento aos seus estudos. É na relação pessoal que surge causando dificuldades na aceitação de sua pessoa. A reação dos ex-internos é de omitir tal marca para se protegerem. Só após considerarem que são aceitos pelos seus atributos pessoais (identidade social real, segundo Goffman), podem então revelar sua experiência de colégio interno (o que caracterizaria sua identidade social virtual, Goffman, 1975, p. 12).

> – ... Tanto que eu falei com D. Sônia, levei D. Sônia pra fazer um debate sobre o menor abandonado num colégio, que eu faço parte do grêmio no colégio. Eu tinha que apresentar alguma coisa naquela semana, aí eu pedi a D. Sônia pra apresentar. Então eu falei com ela pra não botar aquela posição que eu era aluno, ex-aluno, não por vergonha, não por isso, mas pelo motivo que as pessoas, às vezes, vê os alunos da FUNABEM, mas vê assim, ou um bom alu60, ou um mal aluno, se ele não ficar com pena de você. Porque às vezes a pessoa fala assim: 'não tenho pai'. Você fala assim: 'é normal não ter pai, é normal você não ter vó, não ter tia'. Mas a pessoa quando te vê na FUNABEM, vai ter pena de você demais. Ou assim, receio de você. Um dos dois né. Vai ter um dos dois pra você. Então por isso eu pedi pra ela não tocar, não colocar pros outros que eu vim, que era aluno, ex-aluno, nada disso. Eu expliquei a ela pra não botar isso, não é por vergonha do colégio que eu passei, mas sim pela mentalidade das pessoas que vão aceitar, da maneira que as pessoas vão aceitar. (...) "Tanto que quando eu vou, pra qualquer lugar que eu vou, não falo que sou ex-aluno. Assim, ao passar do tempo que a gente vai conversando e a pessoa já conhece a minha personalidade, aí sabe o que eu sou mesmo, aí eu falo. Pô, como você é uma cara assim, você foi. Aí eu digo, 'não, eu fui mas ...' 'mas você cara, você ...' Você não pode ficarem exposição primeiro. Ou você vai achar que é bom demais ou vai te achar pelo menos alguma coisa diferente. (Heraldo, 20 anos).

Uma das defesas mais simples utilizadas para evitar a discriminação e a consequente rejeição é a omissão da informação, ou a criação de uma nova história pessoal. Um outro recurso ainda utilizado é retirar toda a marca registrada em documentos pessoais. Para isto dois artifícios são utilizados. Fazer um curso supletivo para que seu diploma não conste o nome da FUNABEM, ou tirar o certificado de reservista das Forças Armadas. É importante que, na busca de emprego, os documentos apresentados não tenham o carimbo da FUNABEM, que significa uma carta de apresentação desfavorável na competição com outros candidatos. Tendo um documento novo para se apresentar não mais precisam fazer uso de seus documentos anteriores e, assim, tentam escapar ao estigma que lhes diminui a possibilidade de inserção social.

VI. MORADIA – SOLUÇÕES TEMPORÁRIAS

A questão da moradia é um ponto importante para o ex-interno e se revela como uma das principais dificuldades que encontram no ato do desligamento. Ter um lugar para morar representa para o ex-interno estar protegido dos perigos da rua, ter assegurado a posse de seus objetos e ter também sua individualidade preservada. Dessa forma a moradia é um passo importante para o encaminhamento na vida social e permite ao ex-interno mobilizar mais energia para o seu ingresso no mercado de trabalho. Contudo, conseguir um local para morar representa uma tarefa, por vezes, bastante complicada, uma vez que, tendo vivido até então longe do convívio social, suas opções são restritas.

A volta à família surge como a primeira alternativa para solucionar esta questão, contudo esse retorno é conflituoso para ambos[14]. Alguns ex-internos[15] se mostraram desapontados quando, ao retomarem para suas famílias, encontraram condições de moradia e alimentação adversas das que tinham no internato. Na maioria das vezes a família não pode oferecer o mesmo padrão de alimentação e de moradia que o internato oferecia.

> – E, minha mãe morava num quarto, né? E pessoas num quarto era esquisito, feio (chora), muito feio. Num quarto ... Parecia que a gente morava no sub-solo, eu não sei. Parecia um lugar ... sabe quando você passa na rua e vê aqueles buraquinhos? Era um lugar assim, muito feio. (Maria, 31 anos).

Os ex-internos que ao se desligarem do internato não retomam a sua família, seja porque foram abandonados no internato, ou porque não conseguiram manter o vínculo familiar devido às imposições do funcionamento institucional que afasta o aluno do convívio familiar, ticam sem muitas opções para solucionar a questão da moradia.

A FUNABEM, questionada pela ASSEAF e pelos próprios ex-internos que voltavam aos estabelecimentos ou arredores, tentou criar

---

[14] Ver Família.

[15] Os indivíduos que expressam esse desapontamento são aqueles que viveram em internatos modelo.

alternativas para solucionar a questão da moradia. A primeira alternativa proposta foi manter convênios com pensões para onde foram enviados os ex-internos. Estas pensões eram custeadas pela FUNABEM por um período de três meses – tempo que os técnicos acharam necessário para o ex-interno se situar no mundo; passado esse período o ex-interno era obrigado a deixar a pensão. Contudo, o resultado desses convênios não foi satisfatório, segundo informação de funcionários da FUNABEM, levando-os a procurar outras alternativas.

O encaminhamento do ex-interno à Associação Irmão Esperança foi uma outra alternativa encontrada pela FUNABEM. É importante ressaltar que a Associação Irmão Esperança foi a única entidade encontrada que auxilia o ex-interno, tanto na questão da moradia, quanto na procura de um emprego. Ela assegura ao ex-interno um lugar onde ele pode dormir, se alimentar e guardar seus objetos dentro de uma rotina e de um funcionamento semelhantes aos do internato. Dessa maneira o ex-interno se sente mais seguro e mais situado, podendo ter um tempo maior para tentar se inserir no mercado de trabalho. O tempo de permanência na Associação Irmão Esperança é de seis meses e ultrapassado este período o jovem tem que encontrar outra moradia.

Essas duas propostas são soluções temporárias que não garantem ao ex-interno um tempo suficiente para que este tenha assegurados sua inserção social e o seu ingresso no mercado de trabalho.

O ingresso nas Forças Armadas pode representar também uma saída para a questão da moradia, na medida em que o quartel oferece à corporação a opção de residir no mesmo.

Uma outra solução encontrada pelo ex-interno é continuar morando e trabalhando nas dependências do internato. Através dos dados relatados nos depoimentos, observa-se que isto implica na manutenção de uma relação de dependência bastante conhecida por eles, como, também, manter-se submisso à ordem que rege a instituição, na qual é preciso estar sempre subserviente e cortês com as figuras de autoridade. Nesta situação, onde a moradia não está desvinculada do local de trabalho, o ex-interno permanece

imobilizado e controlado por uma autoridade única que dita seu comportamento, tal qual sua vivência enquanto “menor”. Sua autonomia para reivindicar, discordar, ou mesmo mudar de emprego, se encontra atrelada à questão da moradia. Como podemos observar no depoimento de um jovem, que trabalha e reside num internato, sobre uma greve, da qual não participou, ocorrida no mesmo.

> – ... período de greve eu não fiz isso porque, eu não participei da greve por dois motivos: um pela minha faculdade e outro porque eu resido aqui dentro. E eu tenho isso aqui como a minha casa. Se eu entrasse em greve, eu tá contra as normas da casa, contra a administração e, então, eles iam ter todos os poderes de me pedir o quarto e eles me pedindo o quarto ... rege no contrato que eles podem pedir e aí. .. Não aderi a greve e eu não aderi a greve porque? Eu como, bebo, tenho toda mordomia e aqui é a minha casa, quem me criou foi aqui dentro e o cara que hoje é presidente, ele me deu a maior força, me deu a maior oportunidade de sair do setor que eu estava, pra uma posição melhor e ele só não me colocou melhor ainda porque as barreiras existem e são muitas, entendeu? (Fernando, 25 anos).

Morar no internato e pagar um aluguel simbólico é percebido, ao mesmo tempo, como oferecendo algumas vantagens importantes para tentar uma inserção social. Isto porque mesmo com o baixo salário percebido, ele pode custear seu estudo, lazer e ter acesso a bens de consumo. Assim, de alguma forma, a utilização do internato como local de moradia segura representa para o ex-interno a possibilidade de fazer planos para o seu futuro. Em troca dessas vantagens é notório que o ex-interno percebe a restrição de sua autonomia e liberdade. Entretanto, parecem não se ressentirem desta limitação, possivelmente pelo aprendizado anterior, enquanto “menores”.

> – E como é que é para você, continuar morando aqui? Desde que você foi desligado, você veio pra cá, depois foi pra Aeronáutica, mas continuou com um quarto aqui e até hoje.
> – É, mas olha bem! Eu gostaria na época, desde que saí da Aeronáutica, alugar um quarto para mim, e já começar a ter uma vida. Mas, de repente, eu pensei: eu posso continuar aqui ... , mas eu pago esse quarto né! É uma micharia, mas pago. Então, à princípio, eu comecei, quer dizer, eu comecei, com o

> salário a comprar coisas pra mim né? Você começa a ter uma visão melhor, começa a comprar roupa, tudo que você sempre quis e nunca pôde ter e dar um conforto melhor pra você em termos de sair conhecer lugares que você nunca teve oportunidade de conhecer. (Fernando, 25 anos).

Morar nas dependências do internato é um recurso utilizado principalmente por aqueles que não têm família e por aqueles que têm parentes trabalhando e morando no local[16].

Pagar o aluguel de um quarto ou de uma casa significa para a maioria dos ex-alunos o dispêndio de grande parte de seus salários, o que, muitas vezes, é incompatível com o salário percebido. Para muitos o sonho da casa própria só pode ser realizado na compra de um barraco na favela. Mas a favela é vista por eles como local inapropriado onde se entra em contato com o mundo marginal. Esta representação dominante e estigmatizante da favela como um lugar marginal é entendida, segundo DaMatta (1983, p. 74), pela falta de limites nitidamente demarcados entre a casa e a ma – local marginal e com representações opostas.

> – Aí nessas alturas nós já estávamos com a ... não tava parado de todo, tava com a situação financeira mais ou menos e deu pra gente comprar uma casa pra gente, mas só que essa casa era no morro. E como todo morro, que o morro sempre traz mau fluido, né. Todo morro traz mau fluido, aí foi aonde nós fomos morar no morro.
> ... Porque no morro todo mundo tá vendo todo mundo, tá vendo os passos do outro que é um vigiando o outro. E desencambestamos, né saímos por aí afora. (Daniel, 29 anos, detento).

Para os ex-internos a rua é representada como local do desconhecido, do perigo e da marginal idade. Contudo a ma pode servir como moradia temporária quando foram esgotadas todas as outras alternativas.

> – (Moram) no Bobs, por ali, na Barão de Ipanema, no Aterro, já cansei de ver. Quando conversei com eles, eles me disseram que não têm lugar, não têm para onde ir. Poxa, o cara não tem

[16] Esta opção se apresenta principalmente nos internatos de caráter filantrópico e conveniados com a FUNABEM.

nada, não tem pai, não tem onde morar, o cara vai pra onde? Vai para a rua. Uma coisa que eu digo, que quem tem apoio depois, aquele negócio, se você tem 18 anos e chegou a tua hora de ir embora, o cara não tem onde morar, ele vai para onde, tá? É isso. Outros, tão bem de vida, tem a mãe deles, são militares. (Luis Carlos, 24 anos).

VII. FAMÍLIA

A família considerada neste trabalho é aquela onde a mãe é a figura central, sobretudo, por prover o sustento e dispensar cuidados necessários à casa e aos filhos. É comum que a mulher se encontre sozinha. Mesmo nos casos onde há a presença de um parceiro, não existe um compromisso no sentido de assumir responsabilidade para com a família. No nosso estudo, é comum encontrar a figura da mãe ocupando o lugar do "chefe de família". Conforme Donzelot, neste contexto, a mulher pode ser considerada nutriz, ou seja, uma pessoa, que não é necessariamente a mãe e que cuida da higiene e saúde da criança, bem como promove as condições básicas de subsistência (Donzelot, 1986, p.34). E o que se observa é que a mulher não consegue suportar o papel de nutriz e recorre ao Estado, através da FUNABEM, para que seus filhos tenham asseguradas as condições básicas de sobrevivência e escolarização. Desta forma, consideramos que a FUNABEM, criada pelo Estado em 1964, pretendia, além dos estabelecimentos filantrópicos, através de seus próprios internatos, assumir o papel da família, considerando o "fracasso" do papel da nutriz junto aos seus filhos.

Sobre a família dos ex-internos entrevistados, abordaremos a seguir as seguintes questões: internação e perda dos laços afetivos; negação do abandono; importância do apoio familiar e a família imaginária.

1. Internação e perda dos laços afetivos

A família do ex-aluno é caracterizada pela presença da figura materna, ausência da figura paterna e por uma prole extensa (3 ou mais filhos) que, em geral, não é do mesmo progenitor. Essa família enfrenta no seu dia-a-dia problemas, tais como: condições de moradia precária, renda familiar insuficiente e instabilidade do vínculo empregatício dos pais. Desta forma, cria-se uma grande dificuldade para a família ter suas necessidades básicas atendidas. Diante desta configuração familiar e das dificuldades materiais encontradas para a subsistência, a família busca a internação dos filhos.

Um outro fator que justifica a internação, segundo o depoimento dos ex-internos, é a preocupação de que os filhos possam se tomar marginais. Para eles, o fato dos pais trabalharem fora e os deixarem em casa sozinhos muitas vezes, os leva a um afastamento das atividades passando a perambular pelas ruas e estabelecendo relações sociais que os mantêm em contato com setores de marginalidade.

Estudos já realizados mostram que as normas rígidas de funcionamento do internato propiciam um enfraquecimento dos laços afetivos (Altoé, Rizzini, 1984, p. III) e, muitas vezes, ocasionam a ruptura. Não há por parte das autoridades institucionais nenhuma preocupação, sequer, em manter os laços fraternos (cf. Altoé, 1990). Esta pesquisa confirma os estudos anteriores, como veremos a seguir.

Mauro e Justino são irmãos internos na mesma época, que foram separados já na triagem (local onde as crianças são recebidas), onde foram encaminhados para internatos diferentes, perdendo o contato que mantinham até então. Eles mostram, em seu relato, como esta prática faz com que, pelo menos circunstancialmente, eles percam as referências memorialísticas do grupo familiar e mesmo um do outro.

> J – Nós só chegamos a nos conhecer ... com esse problema de FUNABEM, teve uma época em que nós por termos ficado afastados, nós até esquecíamos que tínhamos familiares.
> M – Eu nem me lembrava mais como é que era ele.
> J – Eu no caso, eu realmente não me lembrava. Eu cheguei a encontrar com meu irmão. Foi por acaso. Nós estávamos no centro de triagem, aí nós nos esbarramos, demos um tranco um no outro. Aí nós nos olhamos assim, achávamos que nos conhecíamos. Aí foi quando o Veríssimo (terceiro irmão) perguntou o meu nome, quem era a minha mãe. Até que foi um encontro bastante emocionante pra quem passou séculos distante da família. Eu achei um fato interessante. (Justino, 17 anos; Mauro, 26 anos).

O que pudemos perceber é que esses jovens, por não terem família, vivenciam um intenso sofrimento e o abandono faz com que eles fiquem mais fragilizados frente às regras institucionais. Heraldo,

ao comentar sobre atos de violência dentro do colégio, coloca tal questão afirmando que não ter família significa falta de proteção.

> – Mas, geralmente, batia muito, acontecia muito na pessoa que não tinha família. Aí, espancava mesmo, porque aí, com quem o aluno vai falar? Ele não vai falar com ninguém. Acontecia dele batê e de aluno ficá na enfermaria (Heraldo, 20 anos).

Com a internação, a família representa para o ex-interno o elo que o mantém vinculado ao mundo social mais amplo, proporcionando-lhe conhecimento da vida que se passa fora dos muros do estabelecimento. Este vínculo permite ao ex-interno discriminar o que lhe é ensinado pelos funcionários do internato.

> – ... Aí eu discutia com ele (colega de internato) que não era nada disso, eu tava lá em casa, via o que tava acontecendo, via o que tava certo. Então eu falava: Não é nada disso, as coisas não é assim não, como esses caras (funcionários) bota não. (Heraldo, 20 anos).

Para o ex-interno, ter uma casa e uma família permite que ele obtenha conhecimentos acerca dos seus direitos.

> – Aí eu deixei ele (inspetor) falar primeiro. Aí depois que ele falou eu comecei, quer dizer, eu tinha família, eu sabia dos meus direitos (Heraldo, 20 anos).

Esses jovens acreditam que a família também oferece subsídios para que eles possam se defender das constantes humilhações a que são submetidos dentro do internato.

> – Até nisso tem a diferença. Além do mais o pessoal que não tem família ... Quando a pessoa tem família e xinga, faz alguma coisa, aí a pessoa diz, 'oh: Eu tenho a minha casa! Quer dizer, a pessoa fala assim, eu tenho casa, cara (funcionário), eu tô aqui porque eu quero, não é por causa disso não, é por causa de estudo que eu estou aqui, e não por causa de comida não, se eu tiver de ir pra casa hoje, eu vô hoje. Quer dizer , a pessoa tem a defesa e os outros não tem. Eles tem que abaixar a cabeça e andar. Quer dizer, a pessoa nunca que vai ser normal, a pessoa que leva vida, leva um tapa sempre assim desse jeito, nunca vai ser normal dentro do colégio (Heraldo, 20 anos).

O que se observa através dos relatos é que nos casos onde há um bom relacionamento entre interno e família, há formação de jovens críticos e capazes de pensar sobre as regras institucionais. Podemos considerar que este seja um dos motivos pelos quais não interessa ao internato que a família, já marginalizada socialmente, se faça presente. Observa-se, no funcionamento institucional, uma negação da existência da família e uma tentativa de assumir o seu papel, através da formação de um vínculo maior entre o aluno e a instituição. O internato passa, quase que exclusivamente, a representar a vida para o jovem, na medida em que nada mais lhe resta a não ser as vivências, enquanto aluno de colégio interno.

2. Negação do abandono

É comum que, na fala do ex-interno, a figura da mãe represente a família. Ela é considerada o símbolo de afeto e o contato familiar, mesmo que precário, transmite segurança e a possibilidade de obtenção de um apoio.

É comum o ex-interno viver a separação da mãe como um abandono. Este sentimento encontrado nos órfãos, e também nos que têm família, expressa, sobretudo, a dificuldade de compreender porque fôra afastado do convívio familiar. Ao mesmo tempo, ele entende o abandono como uma rejeição levando-o a perceber a figura materna como uma "estranha" e de quem ele nada pode esperar.

Os ex-internos que de fato são abandonados, isto é, aqueles que não têm qualquer referência familiar, empenham-se na busca de uma família, que consideraremos posteriormente como imaginária. Ao que nos parece, a família é preservada pelo ex-interno como forma de negação do abandono por ele vivenciado.

Entretanto, para o ex-interno, cujo contato familiar foi preservado, a separação é percebida como uma "falta irreparável". Para este jovem, o internato não consegue jamais substituir a família, no que ela representa de afeto e carinho.

Veremos a seguir que o ex-interno, não sendo capaz de suportar o peso do abandono, busca em sua história familiar justificativas várias para tal atitude dos pais.

O ex-interno, mesmo aquele que é órfão, acredita que sua família pretendeu com a internação proporcionar-lhe um tipo de vida, que não teria acesso se permanecesse junto a ela. Assim, alguns consideram que ter sido internado foi a "melhor coisa" que lhes aconteceu. Contudo, esses mesmos jovens também criticam a internação ao perceberem que no internato não encontraram o que supõem que a família possa oferecer, ou seja, uma relação afetiva. Esses jovens se mostram insatisfeitos com a separação e acreditam que os pais deveriam ser mais cuidadosos para não abandonarem os filhos.

Eliza, jovem de 19 anos, interna aos 4 anos de idade e que manteve um contato familiar precário, manifesta em seu relato a ambivalência acima explicitada:

> – Bom, é que se você (mãe) botou no mundo não pode largar assim, pelo menos isso eu penso em não fazer. Porque era uma situação esquisita para mim. Pôxa, se ela colocou a gente ali porque não podia criar, para quê que teve mais filhos? Por que teve tanto filho já que não podia criar? Eu lembro que a impressão que eu tinha era assim – de que ela tinha filho e largava lá e aí ficava livre. Aí, arrumava mais. Eu tenho uma irmã agora que não deve ter nem um ano e é capaz dela colocar lá também neste asilo.
> Porque não fiquei tão revoltada com a separação, porque fez bem, entendeu? Porque se não fosse assim, eu acho que poderia ser pior. Ah, porque a vida que a minha mãe leva não é nenhuma maravilha. Ela tá com três filhos pequenos agora com ela, financeiramente não está bem. Eu não queria ter ficado com ela.

Acreditamos que um estudo mais aprofundado sobre esta questão poderá mostrar com mais clareza a dor e os reflexos psicológicos que causam no indivíduo a separação dos pais. Acreditamos que a negação do abandono aqui analisada é uma forma de lidar com os sentimentos dolorosos advindos do abandono[17].

---

[17] Ser abandonado, não se refere somente àqueles que são órfãos. Rizzini, 1984. p. 17, faz uma reflexão interessante sobre esta questão.

3. Apoio familiar

Para o ex-interno, a família representa o ponto principal de apoio e referência. A ligação afetiva com a família, mesmo que deteriorada, propicia-lhe moradia e alimentação possibilitando, assim, condições para que possa se deslocar na cidade em busca de trabalho. Além disto, a rede de relações sociais que a família mantém, facilita a entrada deste jovem no mundo do trabalho.

> – Aí teve problema de emprego. Aí comecei correndo daqui, correndo dali, mas eu já sabendo que a minha mãe trabalha de empregada doméstica e o patrão dela arrumou um trabalho para mim. Quer dizer, eu tava correndo atrás de trabalho, certo! Agora, tava certo em vista da minha mãe que arrumou, né (Heraldo, 20 anos).

Quando o ex-interno vive o afastamento familiar durante a internação de forma muito dolorosa, o retorno à família, no desligamento, torna-se muito difícil. Para este jovem, os familiares são vistos como pessoas interesseiras, que nada têm a lhes oferecer e que querem conduzir sua vida.

> – A única coisa que eu tenho medo se eu fosse procurar (a família) é deles quererem interferir na minha vida. Atrapalhar tudo, no meu trabalho. Achar que a gente tem a obrigação de ajudar em casa, se é que nunca me ajudaram, nunca me deram apoio (Edvaldo, 26 anos).

O que pudemos perceber e que coincide com o estudo de Valadares, 1985, é que a volta à casa é vista como uma atitude interesseira dos pais, em especial da mãe. O ex-interno acredita que sua vida está se encaminhando razoavelmente e que seus familiares só estariam interessados em explorá-lo.

O jovem órfão, por não dispor de qualquer referência familiar, e aquele que por algum motivo não volta para a casa dos pais, é encaminhado para uma pensão, custeada pela FUNABEM durante três meses. Este tempo, como vimos anteriormente (ver Desligamento), é considerado suficiente para que o ex-interno possa se movimentar e conseguir um emprego, que lhe possibilite pagar aluguel, alimentação e transporte. Porém, este jovem considera que a pensão não consegue desempenhar o papel da família, na medida em

que se encontra completamente desprotegido, sem ter quem o apoie e oriente. O ex-interno, então, se dá conta do seu total abandono. É um momento muito difícil para ele e de enorme sofrimento.

> – Todo o pessoal da FUNABEM que não tem familiares vai para uma pensão e fica ali de graça durante 3 meses, que é o prazo pra você pagar o aluguel. Muitas pessoas tão nessa bola de fogo, até hoje não conseguiu trabalho e tá morando na rua (Ronaldo, 20 anos).

A instituição inculca nos internos uma mensagem ambígua sobre sua família. O que pudemos observar é que no internato é veiculada uma desvalorização da família, por parte dos funcionários, considerando-a incapaz. Esta incapacidade é justificada pela internação e abandono dos filhos.

> – Eu me lembro de uma coisa que falavam lá (internato) e que marcou, né. Eles falavam muito que a família que a gente tinha, só tinha que aceitar porque não tinha mais jeito, o importante era a família que a gente ia construir. Isso foi uma coisa que ficou forte (Eliza, 19 anos).

Apesar de, durante toda a fase de internação, a mensagem institucional que é passada ao jovem ser de desvalorização de sua família, na fase do desligamento, esta mesma família, ou qualquer relação de parentesco é valorizada. O contexto, portanto, no qual ela é valorizada, refere-se muito mais às necessidades organizacionais, como já indicamos. Face ao desligamento, a família se torna o único ponto de apoio na vida social, ponto de referência este, tão desvalorizado pelas autoridades institucionais até então. O interno se vê, portanto, tendo que mudar a representação inculcada pela instituição. Frente à pressão de ter que se desligar, ele valoriza e anseia pelo reencontro familiar. Este reencontro, entretanto, quase sempre se dá em meio a muitos conflitos, como indicamos anteriormente, e enfatizamos aqui, por mais um agravante que é esta mensagem contraditória, que a instituição utiliza conforme os objetivos que quer alcançar.

Após o desligamento, alguns ex-internos se empenham na busca da família de origem que nunca conheceram. Outros, veem a constituição de sua própria família como uma forma possível de

inserção social. Esses dois caminhos, encontrados por esses jovens, denotam a importância que a família desempenha em suas vidas.

É comum aos ex-internos a idealização da família de procriação. Eles acreditam que esta família lhe dará o tão sonhado afeto, e que só serão capazes de formar uma família quando se encontrarem em condições reais de darem aos filhos tudo que sempre desejaram e não puderam ter. A ideia de internação de um filho é inadmissível e rechaçada como uma tentativa de evitar que sua história familiar se repita.

Podemos notar nas entrevistas, que o estado de abandono em que estes jovens se encontram ao sair do internato faz com que, muitas vezes, sintam necessidade imediata de constituir uma família. Com o tempo, o ex-interno descobre que uma família significa muito mais do que ser exclusivamente fonte de afeto. Assim, alguns acabam por se separar implicando no sofrimento de mais uma perda.

> – Eu namorei uma menina e no final eu casei. Por isso que eu digo, eu casei sabe por que? Por causa de carinho. Tudo isso e depois, logo, uns três; quatro anos eu me separei e outra pedra por cima. Então, eu digo para você isso, que eu sou um cara assim até hoje. (Luis Carlos, 24 anos).

Neste estudo, o que se percebe com maior nitidez é que o apoio familiar é representado como muito importante na fase de adaptação ao meio social, logo após o desligamento. Apesar de todos os conflitos, quase todos os jovens anseiam pelo reencontro familiar. Alguns fazem um empenho real nesta busca, outros expressam simplesmente o desejo, sem conseguir equacioná-lo. Outros ainda pretendem realizar esta busca através dos meios de comunicação, porém, somente depois que alcançarem "sucesso profissional". É interessante observar também, que alguns recriam a família imaginariamente e se referem a ela como existindo de tato.

4. Família imaginária

Como vimos anteriormente, a referência familiar é fundamental para o interno. A busca desta referência persiste de forma silenciosa durante todo o tempo de internação, ou de maneira

mais clara quando encontra psicólogos ou assistentes sociais que lhe escutem. No desligamento, esta busca se toma ainda mais importante para muitos – aqueles que ainda não desistiram de encontrar uma família – pois mesmo que a instituição tenha funcionado como uma "segunda família", no desligamento, ela perde esta função.

Percebemos, então, que para aqueles que não têm qualquer referência do grupo familiar, se evidencia uma busca imaginária deste referencial. Isto se expressa através da afirmação da existência dos pais e a volta à casa quando, na verdade, sabem que foram abandonados no internato desde pequenos. A criação da família imaginária nos parece ser um intento de lidar com o sentimento doloroso do abandono, tentando negá-lo.

Um caso significativo que nos chamou atenção, e que poderíamos considerar como uma bem sucedida busca da família imaginária, é o de Claudionor. Este jovem, em sua busca, afirma ter encontrado sua família verdadeira, que foi reconhecida, enquanto tal, através do "sentimento". Posteriormente ele não se adaptou a esta família e saiu em busca de outra. Acabou por encontrar uma segunda família que o adotou e passou a denominar os seus membros como pai, mãe e irmãos.

A conclusão principal que consideramos importante, é que, através da busca da família, o indivíduo está buscando suas referências, sua origem. 'Como sabemos, no internato, ele é privado muitas vezes dessas referências familiares, que são consideradas somente do interesse da burocracia – os dados são mantidos inalcançáveis nos prontuários. Se esta reivindicação não tem a atenção dos funcionários do internato e aparentemente se toma de menor importância, percebe-se, entretanto, que ela é preservada e se mostra viva nos indivíduos ao serem desligados.

VIII. TRABALHO UMA VIA DE INSERÇÃO SOCIAL VALORIZADA

O trabalho funciona como um meio importante para que a inserção social ocorra. É a partir dessa categoria que o ex-interno se situa na vida e se define enquanto ser produtivo e aceito socialmente.

As preocupações na época, da FUNABEM, mostraram que o trabalho estava sendo valorizado como forma de facilitar tal inserção. Através do CAP procurava-se eliminar o estigma que existe em tomo dos alunos da FUNABEM. Entretanto, pudemos observar que apesar do convênio que a empresa estabelecia com a FUNABEM, ainda existia por parte dos funcionários destas empresas uma certa discriminação para com os internos e ex-internos. Ronaldo nos fala claramente sobre tal situação quando conta que, ao assumir um estágio, ainda como interno, era visto pelos colegas de trabalho como urna pessoa que poderia praticar furtos.

> – Quando eu comecei aqui (no trabalho), uma coisa que eu gravei, até hoje, foi ouvir falar: 'Guardem as bolsas que agora tá vindo menor da FUNABEM aí'. Era eu e eu escutei ela falar isso. Não esquentei... Primeiro deixei ela me conhecer... (Ronaldo, 20 anos).

O ex-interno após o desligamento procura fugir do estigma e muitas vezes, como dissemos anteriormente, nega sua passagem pelo internato. O que se percebe é que a sociedade está incutida da ideia de que os internatos para menores não formam pessoas com atributos que as permitam ingressar na sociedade.

Além do estigma, muitas são as dificuldades que o ex-interno enfrenta para que consiga se inserir no mercado de trabalho que é altamente competitivo e escasso. A seguir, trataremos das seguintes dificuldades por eles apontadas: falta de apoio familiar, formação profissional inadequada e salário precário.

A falta de uma rede de relações sociais dificulta o ingresso do ex-interno no trabalho. Para aqueles que mantiveram a relação familiar, existe uma possibilidade maior de conseguirem um emprego na medida em que as relações familiares podem funcionar como um mediador. O fato de estar morando com a família não tendo que se

preocupar de imediato com moradia e alimentação, dá ao indivíduo mais tranquilidade na busca de um emprego. Porém, para os que não têm família, as dificuldades de conseguirem um trabalho são maiores ainda, visto que se encontram sozinhos, não podendo contar com a infraestrutura básica que é oferecida pela família. Assim, sem o apoio familiar e com os baixos salários que recebem torna-se inviável para os ex-internos o pagamento efetivo de casa, comida e transporte.

> – Quer dizer, a posição que eu tenho dentro da indústria é uma posição bem alta em relação a quem já está lá dentro. Se o meu irmão tá na firma que tá, ele tem uma posição bem alta pra quem começou também. Então quer dizer, só por causa de família, de minha mãe, vamos supor; se não fosse isso, talvez eu não tivesse nem emprego, como acontece com muitos alunos que não arrumam emprego, que tá marginal por falta de apoio; porque a FUNABEM não sabe instruir o aluno (Heraldo, 20 anos).

Os ex-internos consideram que com sua sobrevivência garantida não há necessidade da realização de pequenos furtos. Assim, o apoio familiar é muito importante para que estes jovens consigam encaminhar suas vidas.

> – Agora não tem emprego, não tem casa, não tem lugar para dormir. A pessoa vai pra onde? Que opção ela tem? Ela vai assaltar, vai roubar, vai matar ... (Luis Carlos, 24 anos).

O baixo grau de escolaridade e a formação profissional inadequada dos ex-internos são fatores que dificultam enormemente o acesso mais rápido a um trabalho. Na sua grande maioria, os ex-internos são preparados para exercer profissões em que a remuneração é muito baixa, gerando com isso um conflito, na medida em que o baixo salário não garante a qualidade de vida que tinham no internato. A maioria dos entrevistados não conseguem trabalho dentro da especialização profissional[18] aprendida no internato. O ensino profissional oferecido pela FUNABEM não era adaptado às exigências práticas do mercado de trabalho. A preparação dos internos mostra-se ineficaz mediante tais requisitos. Quando saem, os

[18] 0s principais cursos profissionalizantes que a FUNABEM oferece são os seguintes: Mecânica de auto. Lanternagem de auto, Marcenaria, Sapateiro, Gráfica, Torneira mecânico, Eletricista e Cozinheira.

ex-internos não se encontram preparados para engajar nas suas respectivas profissões.

U ma característica apresentada pela maioria dos entrevistados é a grande rotatividade de emprego. Relatam a dificuldade de aceitar ordens dos patrões, não conseguindo se submeter a tal autoridade. A distância entre o local de moradia e o trabalho, o cumprimento de horários e o baixo salário são também apontados por eles como fatores desencadeantes desta rotatividade.

> – ... Eu trabalhei numa quitanda, trabalhei numa farmácia, mas eu era muito respondão, tinha pouco estudo, segunda série. Então, quando o patrão viesse me perguntar alguma coisa eu respondia. Foi daí então, então que eu enveredei para o crime, idade nova uns 18 ou 19 anos enveredei para o crime (Henrique, 31 anos, detento).
> – ... Fiquei mais ou menos 4 meses lá em cima. Não gostei, pedi demissão.
> (- Não gostou do trabalho, por que?)
> – Por ser longe, né! Ainda morava aqui. Muito longe. O tipo de clínica lá ... Clínica Médica-cirúrgica não era o meu forte.
> (- Mas, ser longe, dificultava?)
> – É, dificultava para mim. Eu nunca tinha trabalhado assim, antes, né! Saído daqui ... (Lúcio, 28 anos).[19]

Entretanto, os ex-internos consideram que a existência de um funcionário que ficasse responsável por ajudá-los no desempenho de suas atividades possibilitaria uma melhor adaptação, bem como estabilização no emprego. Estes jovens também valorizam os colegas de trabalho, pois consideram que a formação de um círculo de amizades facilita a formação de relações sociais.

> – Aí fiquei, hoje sou funcionário, passei pro quadro permanente. E aqui é muito bom! Gostei! O pessoal me apoiou muito, me ajudou. Não tive nada a dizer deles. Sempre me apoiaram, sempre me ajudaram em tudo. Também não

[19] Lúcio é de Minas Gerais, veio para o Rio ainda bebê com sua mãe que foi trabalhar na FACR como cozinheira. Aos cinco anos foi internado na creche e passou sua infância e adolescência nos internatos desta fundação. Aos 18 anos, apesar de ser desligado do internato, continuou fazendo da fundação seu local de moradia junto à mãe, e atualmente, além de morar, ele trabalha como auxiliar de enfermagem.

> atrasam, aqui eles não atrasam (o pagamento) (Evandro, 20 anos).

O ex-interno considera que é através do trabalho que poderá ter assegurados moradia, alimentação, vestimenta e lazer. Esta representação dos ex-internos faz parte da visão produtivista dominante, onde o trabalho define a inserção social do indivíduo. Aquele que não produz está à margem da sociedade. Consideram assim, que não podendo garantir seu sustento a única saída que se lhes apresenta é a rua e os meandros de pequenas atividades de "lucro fácil" que os enredam no mundo da marginalidade para assegurar sua sobrevivência.

O ex-interno que consegue um trabalho, não raro, recebe um salário que não é suficiente nem mesmo para assegurar o seu sustento. Para alguns ex-internos o salário recebido muitas vezes não dá sequer para cobrir as despesas com moradia e alimentação. Assim, ele privilegia a realização de biscates que complementem a renda salarial. É importante ressaltar que aqueles que possuem as necessidades básicas asseguradas seja pela família, seja pelo internato, investem seu salário em estudo. Quando falamos de internato, nos referimos àqueles que, após o desligamento, permanecem no internato trabalhando e morando. Estes jovens apresentam uma enorme dificuldade de buscar uma outra opção de emprego, mesmo sabendo que poderiam conseguir um salário melhor. Na verdade, eles não conseguem se desvincular do internato e se mantêm submissos às suas regras observando um comportamento semelhante ao de quando ainda era menor (ver Moradia).

É comum que o ex-interno não consiga fazer uma contabilidade de seu salário e gastos possíveis. Nos parece que o fato de ter sido assistido até aos 18 anos é determinante na dificuldade de contabilizar o seu dinheiro. O primeiro salário possibilita ao ex-interno acesso ao lazer e a descoberta dos prazeres da vida. Fernando nos mostra em seu relato a alegria que tal descoberta proporciona.

> – Ganhava 50 cruzeiros na época. Toda semana, aquilo... No início para mim era festa. Todo dia tava em baile, cinema, né. Todo final de semana ia à praia. Eu fiz coisas do arco da velha que eu não fazia, né dentro do colégio, né. Por causa da

> barreira disciplinar. Então, quer dizer, lá não. Lá eu já tive essa liberdade. Aqui dentro, aliás, da Fundação, né. Foi uma glória. (Fernando, 25 anos).

No caso supracitado, o uso do salário com lazer não acarretou nenhum problema, sobretudo, porque ele mora no internato e tem asseguradas suas necessidades básicas. Entretanto, os jovens abandonados sem referência familiar e sem um apoio do internato acabam por ficar sem dinheiro para pagar o aluguel da pensão ou quarto que ocupam.

Já para aqueles que voltam a morar com a família, a interferência de um de seus membros nesta contabilidade é considerada extremamente negativa e vista como uma intromissão. O ex-interno se resguarda o direito de decidir o que quer fazer com seu salário.

> (- Como é isso de "conhecido" se meter muito na sua vida?)
> – Achaque tem direito, quer saber, quer metera mão, quer tomar conta do seu dinheiro, essas coisas assim. Essa minha tia, por exemplo, ela queria controlar. Achava que tinha me ajudado muito, não sei quê, não sei se foi falta de... Sei lá, sei que foi falta de concordar, não reconhecia.
> (- Como é que era controlar o seu dinheiro?)
> – Ela queria guardar, guardar em caderneta, ela queria decidir com quanto que eu ia ficar (Eliza, 19 anos).

Dentre os entrevistados encontramos as seguintes profissões: garçom, gráfico com especialidade em off-set, trocador de ônibus, porteiro de hotel, serviço de limpeza, taifeiro, encadernador, desenhista, bancária, professora primária, secretária, auxiliar de enfermagem, contador. É importante ressaltar que grande parte dos ex-internos detentos encontravam-se trabalhando quando foram presos pela polícia por estarem cometendo um delito. Nos parece então, que alguns jovens, além do trabalho, procuravam outras formas de obter um ganho extra para complementar o salário.

Esta observação se torna ainda mais enfática quando se tem os resultados do recente censo[20] sobre a população carcerária do Rio de Janeiro. Dos 8.672 presos, 5.289 (61%) trabalhavam quando foram condenados.

---

[20] Este censo foi realizado pela Secretaria de Justiça e Planejamento com a participação do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

IX. MARGINALIDADE

Nas entrevistas que realizamos com os ex-internos, a marginal idade aparece como um possível encaminhamento na vida social. Apesar de todos os perigos que a vida do crime oferece, a possibilidade de se tomar um marginal é viável, na medida em que o ingresso no mercado de trabalho se dá a partir de atividades de sub-emprego, que não lhes oferecem condições de garantir a sua subsistência.

Assim, o encaminhamento para a marginalidade aponta o que tentaremos desenvolver a seguir: a contribuição do internato, as "influências recebidas" e os perigos da chamada "vida do crime".

1. A contribuição do internato

Com o encaminhamento do ex-interno para a vida marginal podemos refletir sobre a eficácia do internato e sobre o tipo de indivíduo que esta instituição produz.

Oficialmente, a proposta da FUNABEM é de oferecer condições adequadas aos seus alunos para que estes, ao se desligarem da instituição, possam entrar no mercado de trabalho e se inserirem socialmente. Na verdade, as condições que foram dadas aos ex-alunos não lhes permitem participar diretamente do processo produtivo, devido ao pouco estudo e à profissionalização inadequada. Ficam compelidos a atividades no mercado informal. A sua rede de relações sociais há muito tempo foi desfeita, ou mesmo inexistiu, devido às imposições do funcionamento institucional que afastaram o aluno do convívio social. Com isso, ao se desligar do internato, ele enfrenta sem preparação adequada um meio social pouco tolerante, que espera dele uma boa qualificação profissional e um bom desempenho. Sem essa qualificação, que poderia facilitar a sua inserção social, é impelido para o mundo marginal, visando garantir de qualquer modo sua sobrevivência. Porém, como veremos no item 3, a "vida marginal" requer uma experiência distinta da que tiveram no internato.

O internato, além de não preparar seus alunos para competir no mercado de trabalho, propicia indiretamente que tenham experiência com furtos, fugas e tóxicos. Alguns ex-internos consideram que essas experiências vividas dentro do colégio interno contribuíram para que mais tarde, na sociedade, entrassem em contato com o mundo marginal. Assim sendo, o funcionamento do internato permite aos internos o contato com a marginalidade, mas não lhes dá a liberdade de conhecer as regras que comandam a vida marginal fora dos muros do internato.

Muitas vezes ainda dentro do internato é que o interno recebe a marca de marginal por praticar atos banais, que num convívio social mais amplo são tolerados. No internato, entretanto, são vistos e tratados como atos intoleráveis, que pedem punição severa, como, por exemplo, a ida para uma escola dos chamados "infratores". Ao enviarem o interno para uma escola de "infratores" as autoridades institucionais além de o marcarem com outro estigma, encaminham-no para a convivência com indivíduos que já se marginalizaram.

> – Ele (um aluno) apanhou um negócio lá na casa de um homem, vivia apanhando cana, cavalo. Então, aquela coisa banal, que acontece com pessoa de menor, acontece com todo mundo. Aí o diretor dramatizou as coisas e mandou ele pro Padre Severino[21] (Heraldo, 20 anos).

Este tipo de punição exagerada, imposta ao interno juntamente com a experiência de humilhação e abandono, pode levar o indivíduo a atitudes de extrema violência quando este sai do internato, e não consegue um lugar no processo produtivo. Talvez, a violência que ele expressa seja um reflexo de sua própria experiência no internato. Sua vivência como interno foi marcada pelo abandono e pela falta de uma relação afetiva significativa, fatores estes considerados por vários autores como responsáveis pela não valorização positiva da vida (Bowbby, 1981, Winnicott, 1975).

> – Você pode ver que no colégio interno, as pessoas que são do colégio interno se tomam marginal são super violento, mas pode ver na relação dos marginal que se prepara, os marginal na sociedade e os da FUNABEM. Esses da FUNABEM são

[21] Escola de Infratores da FUNABEM situada no Rio de Janeiro.

> super violentos porque eles não têm nada a perder, não têm família, não têm nada. Quer dizer, existe essa posição que já foi marginalizado, já foi, quer dizer, foi sofrido. Aí quer dizer, quando encontra uma vida aberta de roubar, aí, aí é que ele mesmo, aí é que ele se toma mais violento mesmo; aí que eles são o caso de ex-aluno da FUNABEM que viram marginal e são super violentos mesmo por causa disso. Por ter passado por muita coisa, muita humilhação e outras coisas mais (Heraldo, 20 anos).

A marginalidade, para os ex-internos entrevistados, é representada pelo "mundo do crime". Segundo eles, o marginal é aquele que se envolve com tráfico de drogas ("maconheiro"), que vive na "bandidagem" ("que só imagina matar") e que "inventa" suas próprias leis. Desta forma, a marginalidade é sempre relacionada ao mundo do crime.

A partir da fala dos entrevistados podemos pensar que o ex-interno, ao se desligar do internato, não se percebe como um indivíduo adulto que tem deveres e direitos a cumprir dentro da sociedade. Isto certamente se deve, em parte, ao funcionamento institucional que não permite ao jovem participar de rituais de passagem que o ajudariam a se perceber enquanto adulto. Para aqueles que se encontram na marginalidade, a maioridade só é percebida a partir do momento em que são pegos pela polícia e vão para o presídio. Assim o fato de estar preso, tendo que responder por seus atos, dá ao jovem a noção de que é "de maior". O ex-interno se percebe enquanto adulto a partir de um código penal e de uma punição. Assim, a maioridade, para eles, está muito mais relacionada à sanção que recebem do que aos direitos.

Em todas as entrevistas, não tivemos por parte dos ex-alunos a afirmação da condição de marginal, até mesmo daqueles que se encontravam na penitenciária. Nas entrevistas sempre relatavam a história de um amigo marginal, contudo era frisado que não mantinham mais contato com este. Dessa forma é sempre o outro que está na marginalidade. Acreditamos que a negação da condição de marginal se deve a vários fatores:

a) Em muitas entrevistas, em especial as realizadas com os detentos, não foi possível manter uma relação de confiança entre

pesquisadores e entrevistados que possibilitasse a eles falarem de alguma vivência marginal. A relação estabelecida era colocada sob suspeita[22].

b) Para os detentos, nós éramos vistas como representantes do mundo social, sendo necessário, então, que se apresentassem dentro da ideologia da recuperação (Ramalho, 1979, p.II3), como indivíduos que estavam se recuperando para reingressarem na sociedade.

c) A negação da condição de marginal pode ser entendida também pela necessidade dos ex-internos serem reconhecidos como indivíduos aceitos na sociedade, afastando com isso o estigma da marginalidade.

> (– E como você, se sentia, como policial encontrando um ex - aluno?) – Eu sentia uma tristeza muito grande, porque eu tive várias chances de estar na mesma situação, de várias fontes me levando para ali, mas eu tive uma força maior, que me impedia de me levar para lá. (João, 31 anos, detento, ex-policial).
> – Fiz amigos mas não procuro eles muito não. Eles andam numa vida que não serviu pra mim. Então, por exemplo (...) eu sigo uma linha eles seguem outra ... Eu não posso seguir eles senão acabo me danando todo. Então, é o seguinte: se a pessoa quer aquela vida tudo bem, se a pessoa não quer, afasta é melhor ainda (Evandro, 20 anos).

2. "Influências recebidas"

Veremos agora algumas justificativas encontradas pelos ex-internos, para a entrada no mundo marginal. A maioria dos ex-internos justifica o encaminhamento para a marginalidade, a partir de uma visão individualista da questão. Assim, a escolha desse tipo de vida é sempre uma opção individual sem levar em conta um conjunto de fatores concorrentes. Essa visão individualista faz parte de uma ideia de culpabilização do indivíduo inculcada pelas autoridades institucionais do internato. Com esta ideia, o indivíduo é culpado por

[22] Todos esses entrevistados a que nos referimos são pessoas com as quais estabelecemos conhecimento com o objetivo de realizar a entrevista, não havendo um relacionamento anterior entre pesquisador – entrevistado.

estar na marginal idade, retirando-se qualquer responsabilidade do internato e atribuindo a este uma representação de lugar "bom" onde é oferecido ao interno a oportunidade de estudar e se profissionalizar. Dessa forma é considerado que aqueles que não são capazes de aproveitar do que o internato oferece é porque já carregam em si a tendência a se tomarem um marginal. A eficácia dessa inculcação pode ser observada na fala a seguir.

> – Muita gente da minha época fez muita besteira, depois que saiu de lá. Mas eu acho que por desequilíbrio da própria família, porque o colégio deu o que ele pôde, quer dizer, ele deu o máximo que ele pôde, pegou quem tinha condições de pegar, né (Adelaide, 35 anos).

Um outro fator considerado importante consiste nas influências recebidas de amigos de rua ou de internato, que já estão tendo uma prática de vida considerada marginal. Novamente a responsabilidade recai sobre o indivíduo que não sendo "forte" o bastante para resistir, também é levado a se tomar um marginal:

> – Assim, o que me levou, talvez, a enveredar no crime foi uma influência da... Eu vi coisa, sinceramente, porque ali eu vi coisas muito desagradáveis, de pessoas fumando maconha, homem fazendo o outro de mulher. Então, ali, eu vivi em meio muito promíscuo – a vida nesse colégio interno. Mais não foi só o colégio interno. Foram as influências, quando eu cheguei onde eu morava, de ver os rapazes novos com relógio, cordões, e eu me deixar levar por aquilo. (Henrique, 33 anos, detento).

Outra justificativa encontrada é a do "pulo do gato". Nela ninguém consegue sobreviver percebendo um salário mínimo, tendo como saída para esta equação salarial a prática de pequenos furtos que vem contribuir para a economia doméstica e para a aquisição de bens de consumo. Talvez esta justificativa fuja um pouco da visão individualista na medida em que, nela, o indivíduo não é responsabilizado por ter uma vida marginal.

> – Então com 40 mil e 800 cruzados (salário mínimo na época), como vive uma pessoa lá fora, como vai sobreviver, ainda mais sendo chefe da família. Não vou dizer, nem muito um casal com dois filhos. Com 40 mil não vai conseguir grande coisa, é onde é que, as vezes, a pessoa tem que dar o

> pulo do gato, certo! Então, de um jeito ou de outro, tem que arranjar qualquer coisa por fora pra poder ajudar. Aí a gente é o seguinte né... Eu trabalhar, eu trabalhava! Mas às vezes, a pessoa vê condição de arrumar um dinheiro, as vezes, mais fácil, a pessoa não vai se sacrificar tanto, certo? Apesar de hoje em dia eu tô, como se diz, eu tou sofrendo na carne, né as responsabilidades do que eu fiz, os atos que eu pratiquei, mas tá tudo certo, pelo menos já deu para eu sentir o outro lado da vida. Mas eu acredito devido esse acontecimento, que eu tive que dar o pulo do gato porque com o salário mínimo não dá pra bancar um chefe de família lá fora (Daniel, 29 anos, detento).

Outro fator, considerado por eles, como responsável pela entrada no mundo da marginalidade, é a falta de apoio familiar. A relação que é estabelecida entre os ex-internos e a família é marcada por conflitos existindo a vivência de sentimentos hostis em relação aos parentes que os abandonaram no internato e não os apoiaram quando foram desligados deste.

> – O que eu fiz pra mim vir preso? Eu não encontrei apoio de ninguém, de pessoa nenhuma, quando eu achei o meu pai e a minha mãe eles deram uma casa pra mim morar e depois eles exigiram que eu tinha que pagar luz, aluguel, esse negócio todo. Aí eu me revoltei com aquilo. Aí saí de casa e entrei em cana, tô até agora em cana. Fui obrigado a roubar não por esporte, por necessidade (Benedito, 39 anos, detento).

Apesar de colocarem a responsabilidade na falta de apoio familiar, eles preservam todo o contato possível com a família, chegando a representá-la da maneira idealizada. Os detentos, em especial, valorizam a família, tanto a de origem, quanto a de procriação e a consideram como mediador entre a prisão e o mundo social.

> – É, e tô até agora preso. E agora o meu pai, a minha mãe vem me visitar de vez em quando. Arrumei uma mulher, a mulher também me dá um apoio fora de série. Quer dizer, eu tenho duas filhas e eu tô querendo sair daqui agora e a minha opção é trabalhar (Benedito, 39 anos, detento).

3. Perigos da chamada "vida do crime"

A marginalidade leva o indivíduo a viver situações que o colocam frente a vários perigos, inclusive a perda de sua vida. Vários ex-internos relatam a perda de amigos do colégio interno, em combate com a polícia ou em disputa entre marginais.

> – Era ex-aluno da FUNABEM. Eles foram roubar um objeto e aí roubaram uma velhinha. Velhinha de idade, né? Roubaram e chegou uma pessoa, acho que foi o pessoal do Morro do Saçu. Deram tiro neles, pra matar mesmo e pegaram. Um pegou aqui e outro na cabeça. (Claudionor, 20 anos).

Para os ex-internos, ser um marginal, como aqueles divulgados pela imprensa, implica em ter uma vivência distinta da que tiveram no internato. Podemos pensar, então, que as mortes dos ex-internos se devem ao fato de que esses jovens não possuem uma vivência do mundo marginal, que lhes possibilite conhecer as regras estabeleci das entre o mundo do crime e a polícia. Esse desconhecimento das leis da marginalidade coloca-os frente a um mundo no qual uma atitude considerada errada pode, inclusive, significar a sua morte.

> – Eles pensam em ser um grande marginal tipo Escadinha, esses caras. Ser dono de boca de fumo, mas só que eles são muito jovens, cara novo. Eles pensam que a vida ...Escadinha, essas pessoas, eles pensam que entraram assim... de patada, saíram dando patadas em todo mundo. Foram os caras que souberam usar a cabeça, então, para entrar nessa vida, tem que usar a cabeça. Se não usar a cabeça na primeira entrada de perna que ele der, ele escorrega, cai, entendeu? Morre. Dá adeus ao mundo (Ricardo, 18 anos).

U ma outra experiência que os coloca também frente à morte é a prestação de informações à polícia. Neste serviço, o ex-interno é utilizado como a1caguete que se infiltra no tráfico de drogas para conseguir informações que levem a polícia à apreensão de drogas e à prisão de traficantes. O indivíduo que presta este tipo de serviço é mais conhecido como "X-9" ou "peito-de-aço", pois num confronto entre polícia e traficante, eles se colocam à frente sendo os primeiros a morrer. Assim, de acordo com Foucault (1981, p. 132), a polícia estrategicamente utiliza um contingente de ex-alunos, fazendo-os viver a ilusão de serem policiais, sonho da grande maioria deles,

quando na verdade apenas servem à polícia sendo expostos em demasia e, portanto, facilmente eliminados. A polícia estabelece com estes "X-9" um jogo perverso que invariavelmente leva-os a morte.

> – Prestam serviços. Muitos deles morrem, morrem porque são obrigados a interferir na bandidagem que é o Rio de Janeiro, hoje em dia, né? Então quando eles voltam no local a polícia coloca eles com 'peito-de-aço'. Quando ele tá na blitz é como se fosse um detetive, ele tem que se infiltrar na bandidagem. Vai lá, compra um bagulho ... Aí quando vai ter a blitz, então eles que entram na frente. Os bandidos geralmente metem fogo neles, são os primeiros mortos (César, 30 anos).

A vida marginal é marcada por confrontos entre marginais e a polícia. Nesses confrontos existe a possibilidade dos marginais serem mortos ou presos ficando então confinados num presídio onde os riscos por vezes são maiores do que na vida social. No decorrer da pesquisa tivemos acesso à penitenciária "Milton Dias" onde foram realizadas algumas entrevistas com ex-internos detentos[23]. Eles relataram que a vida na prisão é bastante tensa e a preocupação em estar vivo é constante. Assim a vida na prisão – local onde os detentos deveriam estar protegidos – é tão arriscada quanto a de um marginal que se encontra em liberdade, só que na prisão não há muitas opções de se preservar a vida. Especialmente no período em que realizamos as entrevistas, na penitenciária havia um clima de forte tensão devido a transferência de determinados detentos, que fazem parte da Falange Vermelha, para um presídio de segurança máxima[24].

> – Eu também tô isolado, certo? No momento comesse movimento, eu me senti um pouco oprimido. Eu senti também certas pessoas cabulosas rondando a porta do meu cubículo.

[23] O recente censo penitenciário realizado no Rio de Janeiro pelas Secretarias de Justiça e Planejamento com a participação do IBGE revela que dos 8672 presos do Estado, 21 % (1821) são egressos da FUNABEM.

[24] A Falange Vermelha é uma organização que é acusada de controlar grande parte do tráfico de drogas do Rio de Janeiro. Na época da realização das entrevistas ocorreram várias mortes na penitenciária sendo, inclusive, adiado por diversas vezes nosso comparecimento ao Complexo Frei Caneca. Todos os entrevistados relataram que estavam no "seguro" – local da penitenciária onde os detentos ficam sob uma maior segurança.

> Eu senti a morte de perto. Então eu senti que, às vezes, eu posso morrer de uma hora pra outra e se eu puder preservar um pouco mais a vida, tem que preservar (Daniel, 29 anos, detento).

A passagem do ex-aluno para a marginalidade, como já foi visto anteriormente, se dá a partir de várias tentativas fracassadas de inserção social através do trabalho. A marginalidade, então, é a maneira encontrada por eles para sobreviver. Contudo, a vida marginal não é tolerada no meio social, sendo necessário de algum modo conter esses indivíduos dentro de um controle social. Assim, é exigido do Estado o controle desses indivíduos e é através do poder judiciário e da polícia que se tenta contê-los e organizá-los. A prisão surge, então, como a instituição tutelar que isola, controla e que pretende devolver esses indivíduos "recuperados" à vida social. É interessante notar que, no caso dos ex-alunos detentos, a prisão toma-se seu segundo tutor, na medida em que o internato também funciona como uma instituição tutelar. Assim, para aqueles ex-alunos que descrevem uma trajetória de vida passando pelo internato, pela polícia e pela prisão, observa-se que o predomínio do poder e tutela do Estado no controle de suas vidas é total.

X. FUTURO – POSSÍVEL?

Levando em consideração o funcionamento do internato como instituição total e todo o sofrimento que causa aos internos, faremos aqui algumas observações sobre as representações dos ex-internos acerca de seus "projetos de vida".

E para que se possa pensar em futuro, torna-se necessário correlacionar as noções de tempo e espaço. A monotonia e a mesmice contidas no funcionamento cotidiano dos internatos, por si só, já nos indicam dificuldades que esses indivíduos poderão ter ao fazer seus projetos.

Como bem mostram os estudos sobre o internato (Guirado, 1986; Valadares, 1985; Altoé, 1990) o indivíduo institucionalizado é cerceado tanto na sua liberdade do uso do tempo, como do espaço.

É comum perceber na fala do ex-interno uma falta de esperança e de opções que o permita fazer planos concretos para o futuro próximo.

Dentre os jovens entrevistados encontramos alguns que não conseguiram expressar qualquer "projeto de vida". Os jovens que logram fazer tais projetos são aqueles que têm assegurado um mínimo de infra-estrutura necessária à sobrevivência. São aqueles que retomaram à família, ou que conseguiram um emprego que lhes assegure moradia, alimentação e gastos com transportes. Assim, nos permitimos fazer uma consideração, talvez óbvia, de que somente conseguindo uma segurança mínima de sobrevivência e inserção social o ex-interno é capaz de "sonhar", fazer "projetos de vida" e se empenhar na busca da realização dos mesmos.

Trataremos aqui das seguintes representações que o ex-interno faz sobre futuro: desesperança e descrédito na capacidade individual; possibilidade de esquecer o passado e mudar de vida; compra da casa própria, trabalho e constituição da própria família; ingresso nas Forças Armadas.

Para os ex-internos, a ideia de futuro não inclui projetos e sonhos mas expressa, sobretudo, a necessidade de trabalhar para garantir a sobrevivência imediata.

> – O meu ideal é esse aí, pagar o meu quarto e continuar curtindo as minhas praias, sábado, domingo. Não procurar muita coisa. Eu fui criado, eu vim no mundo pra não esquentar a cabeça. Eu não tenho ambição na vida. Não quero ter ambição (Cesar, 30 anos).

Este pensamento parece revelar uma marca comum a quase todos os jovens que viveram muitos anos internados, especificamente, pela relação impessoal e atitude incrédula do inspetor quanto ao futuro dos internos. Desta forma, podemos perceber que a instituição é eficiente nos seus métodos de inculcação, de tal forma que os ex-internos se percebem sem qualidades ou atributos, valorizados pela sociedade, que lhes permitam realizar algum sonho.

Outros, embora apresentem dificuldade de elaborar ideias, conseguem pensar no futuro como algo imediato, isto é, alguma coisa que eles podem fazer a partir do que aprenderam quando ainda se encontravam nos internatos. Para eles, a capacidade individual e o conhecimento da tarefa é que vai determinar a concretização do seu sonho.

> – O que você pensa da tua vida, o que você espera da tua vida?
> – Eu espero que a assistente social faça um clube de natação. Porque na EMA (escola da FUNABEM) eu fazia natação, eu tirava primeiro lugar no nado livre. (José, 19 anos – albergado da Associação Irmão Esperança).

Aqueles que conseguem fazer planos, privilegiam a construção da casa própria, o emprego e a constituição de sua família, como forma de levar uma "vida normal", ou seja, ser cidadão como os outros. A família, o trabalho e a moradia são valorizados por nossa sociedade e reconhecidos como fundamentais para uma inserção social adequada do indivíduo.

A constituição da própria família é um sonho acalentado, sob a condição de primeiro conseguir ter uma vida organizada e estruturada, além de condições financeiras adequadas para tal.

A primeira coisa que o ex-interno pretende ter assegurado, através de um emprego, é o seu sustento. É, também, através do

trabalho que acreditam ser possível adquirir uma casa, bem como, bens de consumo. Aqueles que se sentem seguros no trabalho que realizam expressam, sobretudo, projetos de mudança de cargo ou a realização de trabalhos mais satisfatórios. O estudo é por eles considerado como uma forma eficaz de atingir tais condições. O crescimento profissional é também associado a conclusão do segundo grau, realização de cursos que forneçam uma maior especialização, bem como, ingresso na universidade.

> –... Eu quero fazer o vestibular, ir até a faculdade. Eu sempre quis ser laboratorista, porque eu fiz um curso de auxiliar de patologia clínica, então eu queria seguir essa carreira. Aqui mesmo (Eletrobrás) tem opção de eu trabalhar nisso, não tem ninguém formado... (Ronaldo, 20 anos – trabalha como contínuo na Eletrobrás).

Evidencia-se, no relato dos ex-internos detentos o "sonho" de que o futuro seja completamente diferente da vida que levaram até então. É comum a preocupação de esquecer o passado e há o desejo de não retomar à comunidade de origem, onde a rede de relações sociais certamente propiciaria o retomo à conduta anti-social. Desta forma eles desejam mudar de Estado ou de bairro, buscando maiores chances de conseguir um emprego e consequentemente mudar de vida.

O "sonho" de ingressar nas Forças Armadas é comum a quase todos os ex-internos. Este ideal é inculcado desde a infância pelas autoridades institucionais (Altoé, 1990). Não se trata, portanto, de um ideal que o indivíduo constrói para si, mas sim, de um ideal institucional.

De qualquer forma, o que se observa é que eles falam desse sonho acalentado, mas que não foi possível sequer a tentativa de realizá-lo. Aqueles que ingressam nas Forças Armadas, em geral, o fazem durante ou logo após o desligamento do internato.

Consideramos estas reflexões sobre a possibilidade de "sonho" ou p1anejar "projetos de vida" importantes de serem esboçadas neste trabalho, devido a frequência, surpreendente para nós, de como o ex-interno expressou apatia e desesperança em relação ao seu futuro próximo.

XI. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consistindo esta pesquisa numa primeira abordagem concernente a inserção social do ex-interno da FUNABEM, teve-se, sobretudo, a preocupação de problematizar questões essenciais sem a pretensão de se chegar a resultados definitivos. Há, entretanto, alguns indicativos que são analisados ao longo deste trabalho que nos permitem avançar nos domínios das generalizações e da maior compreensão do problema.

Uma das primeiras questões que se nos foi colocada no decorrer da pesquisa concerne à representação que o ex-interno faz do internato e de si próprio. É frequente, apesar de tecerem críticas aos internatos, que valorizem este tipo de atendimento oferecido pela FUNABEM. A contradição surge, entretanto, mostrando uma clara dicotomia entre o que eles falam e sua prática cotidiana. Sobrevivem, no mais das vezes, com enormes dificuldades, mudando de emprego e moradia com frequência. Permanecem com uma visão idealizada do internato, particularmente como uma "família" que tudo lhes deu a nível de sobrevivência física. E, se percebendo conforme esta representação que a instituição faz deles, ou seja, carentes e "aqueles que não prestam", interpretam que a comida oferecida, a roupa lavada e a cama limpa constituem uma "regalia" ou uma "mordomia". Não se dão conta de que é um direito. Não lhes foi propiciado acesso à noção de seus próprios direitos. É frequente ademais que percebam suas dificuldades atuais – após o desligamento – como responsabilidade pessoal por não terem aproveitado "tudo" o que o internato lhes oferecia. Assim, acreditam que se tivessem aproveitado "melhor" as aulas, os cursos profissionalizantes e se tivessem ouvido o "conselho do inspetor" e assim por diante, eles estariam hoje certamente em melhor situação. Ou seja, no contexto do insucesso e do malogro, a culpa é vivida como sendo do indivíduo e não tanto da instituição. A inculcação de normas e valores é tão intensa nos internatos, que faz com que o ex-interno sinta-se culpado pelo "insucesso", pelo "não lograr êxito" na sua vida tom do estabelecimento, sempre partindo do princípio de que no internato teve todas as chances e as desprezou. O ex-interno, neste contexto, se coloca contra si próprio e "elogia" a instituição.

A passagem da condição de "assistidos" para a de "cidadãos" ao serem desligados é uma questão essencial. Não tiveram qualquer aprendizado de seus direitos na fase de internação. Não aprenderam a ter autonomia, a tomar decisões e ao sair têm que rapidamente estar aptos a prover sua própria subsistência num mundo social cujas regras desconheciam até então. A fase de desligamento, aquela imediatamente posterior, toma-se muito difícil, não só pelo despreparo em que se encontram, mas também porque o apoio institucional que lhes é dado é por demais precário. Aqueles que contam com algum apoio familiar ou institucional, que intermedeie esta fase de transição, são os que conseguem mais facilmente permanecer no emprego, obter moradia e inclusive prosseguir os estudos. Ou seja, com 18 anos e uma formação escolar e profissional precárias os indivíduos não têm instrumentos eficazes para enfrentar as exigências do mercado de trabalho e da vida social sem qualquer apoio. Parece-nos que esta fase logo após o desligamento é muito importante nos rumos que a vida do ex-interno poderá seguir, pois ele se encontra muitas das vezes só, muito angustiado e sem apoio e orientação para enfrentar a vida social.

A presença da família e a possibilidade de uma moradia são fatores imprescindíveis à inserção. Mas, se por um lado a família pode ser um forte apoio, nem sempre ela está presente, ou nem sempre os laços familiares são mantidos durante este tempo de afastamento ocasionado pela internação do filho. Muitas das vezes ainda há fortes conflitos e ressentimentos que dificultam a existência de um relacionamento cordial e afável após o desligamento.

Os que não conseguem retomar à sua família de origem enfrentam sérios obstáculos na procura de uma moradia. Muitos, premidos pela condição de subemprego, acabam utilizando a rua como local de moradia, apesar de representá-la como local do desconhecido e da marginalidade. Há, para alguns, a alternativa de morar e trabalhar nas dependências de um internato. Essa alternativa em parte soluciona o problema de moradia, contudo esses jovens são obrigados a abrir mão de sua autonomia e liberdade em troca da segurança que o emprego no internato oferece.

A FUNABEM tenta também solucionar esta questão através do encaminhamento de seus internos para pensões conveniadas ou ainda

para a Associação Irmão Esperança. Porém, todas essas soluções são transitórias, não representando respostas adequadas ao problema.

O trabalho é a via de inserção social mais valorizada pelo ex-interno, pois lhe permite melhores condições de vida fora do internato e concorre para defini-lo enquanto produtivo e aceito socialmente. Conseguir um emprego, entretanto, não é uma tarefa muito fácil. Além do baixo grau de escolaridade e de formação profissional inadequada, o estigma de ter sido aluno da FUNABEM dificulta enormemente a obtenção do primeiro emprego. Aqueles que contam com o apoio familiar têm essas dificuldades abrandadas. Em relação à formação profissional oferecida pelos internatos, são raros aqueles que conseguem se empregar utilizando o tipo de formação técnica ali aprendida. Sua formação profissional parece não atender às exigências elementares do mercado de trabalho.

Considera-se ainda prematuro tecer conclusões acerca de como a instituição total marca o indivíduo. Acredita-se que a complexidade do problema requer outros esforços de pesquisa para aprofundar a questão da construção da identidade desses indivíduos, que passam anos significativos da sua infância e adolescência em internatos. Pode-se afirmar, no entanto, nesta etapa do estudo, que apesar do objetivo institucional da FUNABEM, ao internar os "menores", seja de dar-lhes estudo e formação para se tornarem trabalhadores úteis à sociedade, questiona-se que isto esteja de fato sendo feito. Os dados indicam que o internato forma trabalhadores não qualificados, premidos às condições de mendigos e marginais, não obstante, tenha concorrido até meados dos anos 80 para propiciar o ingresso na carreira de soldado das Forças Armadas. Não há maiores evidências nos dados de que os internatos formam bandidos de maneira direta e inequívoca[25]. Há, entretanto, um grande contingente de ex-internos que se encontram nas penitenciárias. As entrevistas realizadas com aqueles que se encontram nas prisões permitiram assinalar o seguinte: muitos estavam trabalhando regularmente quando foram presos por cometerem atos ilegais. O roubo, nesta circunstância, é representado como forma complementar ao salário. Tratar-se-ía de "marginais"

[25] Ver Altoé. *O Perfil do Presidiário Egresso de Estabelecimento de Assistência a Criança e ao Adolescente*. 1992. (mimeo.).

com carteira de trabalho assinada, ampliando as próprias ambiguidades que caracterizam tal situação de trabalho.

Outra observação importante é que o Estado tutela esses indivíduos quando são "menores" e há uma forte tendência a continuar tutelando-os em outras instituições totais, tais como, a prisão e o hospício e órgãos de assistência, onde as regras de instituição total estão se reproduzindo.

Consideramos que é necessário avançar nos estudos teóricos e na análise do material coletado, bem como realizar novas entrevistas para uma investigação mais aprofundada sobre como a vivência na instituição total (internato) marca o indivíduo estruturalmente. O que podemos observar é que há na formação do indivíduo uma certa ambiguidade que tanto pode levá-lo a acatar a ordem, como se contrapor a ela. A formação desta ambiguidade e uma fase de transição difícil na época do desligamento facilitam que os indivíduos fiquem "prisioneiros dessa passagem". Sem apoio familiar, sem moradia, sem emprego, sem amigos e desconhecendo a realidade da vida social, certamente a passagem de "assistido" para "cidadão" tem enormes chances de não ser bem sucedida.

XII. BIBLIOGRAFIA

ALTOÉ, S.L ALVIM, R. Eternos Menores. In: *Tempo e Presença.* CEDI n° 277, março de 1987.

ALTOÉ, S.; RIZZINI, L Sobre as Relações Afetivas nos Internatos para Menores. In: O Menor em Debate, Espaço – *Cadernos de Cultura USU,* n° 11, Rio de Janeiro, 1985.

ALTOÉ, S. Os Processos Disciplinares nos Internatos de Menores. In: O Menor em Debate, Espaço – *Cadernos de Cultura USU,* n° 11, Rio de Janeiro, 1985.

________. *Internato de Menores* – audiovisual: 15' e 150 slides, Rio de Janeiro, 1985.

________. *École – Caserne pour enfants pauvres,* Université de Paris – VIII doctorad du 3 ème Cycle, Paris, 1988 – Mimeo.

________. "Internato de Menores – educar para (de) formar?". In: *Forum Educacional*, vol 14, n° 2, 1990. – Fundação Getúlio Vargas.

________. *Infâncias Perdidas.* Xenon Ed., Rio de Janeiro, 1990.

________. "Jovens Após o Internato". In: *Tempo e Presença,* CEDI, n° 258, Ano 13, Rio de Janeiro, 1991.

ALVIM, Rosilene, Maia, Eliane D. (coord.). *A Infância Violada: um recorte atual*. NEPI, LPS/UFRJ, 1989

ALVIM, R.; VALADARES, L. Infância e Sociedade no Brasil: Uma Análise da Literatura. *Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais BIB,* n°26, ANPOCS, Rio de Janeiro, 1988.

ARIÉS, P. *História Social da Criança e da Família.* Zahar, Rio de Janeiro, 1978.

ARRUDA, R. *Pequenos Bandidos.* Global Ed., São Paulo, 1983.

ASSEAF. *Menor até Quando.* Rio de Janeiro, 1967.

BAZÍLIO L. C. *O Menor e a Ideologia de Segurança Nacional.* Minas Gerais, Ed. Vega Novo Espaço, 1985.

BIERRENBACH, M.I.; FIGUEIREDO, C.P.; SADER, E. *Fogo no Pavilhão – Uma Proposta de Liberdade para o Menor.* São Paulo, Ed. Brasiliense, 1987.

BONFIM, M. *Egressos da FUNABEM: Sua Reintegração na Sociedade,* Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, Tese de Mestrado, 1987.

BOWLBY, J. *Cuidados Maternos e Saúde Mental.* São Paulo, Ed. Martins Fontes, 1981.

CAMPOS, A. V. *O Menor Institucionalizado.* Rio de Janeiro, Vozes, 1984.

COLLEN, P. *Mais que a Realidade.* São Paulo, Cortez Ed., 1987.

DONZELOT, J. *A Polícia das Famílias.* Rio de Janeiro, Graal, 1980.

DUARTE, M. R. *Marginalidade e Morte no Brasil: uma contribuição à polêmica sobre o extermínio de crianças e adultos.* Dissertação de Mestrado em Filosofia de Educação, Fundação Getúlio Vargas, RJ, 1991.

FERRARI, O. et alii. *Les Séparations de ia Naissance à la Mort,* L'Ecole des Parentes et des Eucateurs, Privat, Toulouse, 1976.

FOUCAULT, M. *Microfísica de Poder.* Rio de Janeiro, Graal Ed., 1981.

________. *Vigiar e Punir,* Petrópolis, Vozes Ed., 1977.

FREUD, A.; GOLDSTEINS, J.; SOLNIT, A. *Dans L'Intéret de L 'Enfant?* Vers un Nouveuau Statu de L'Enfance, Les Editions – ESF, Paris, 1973.

GOFFMAN, E. *Manicômios, Prisões e Conventos.* São Paulo, Ed. Perspectiva, 1961.

________. *Estigma.* Rio de Janeiro, Zahar Ed. 1975.

GUIRADO, M. *Instituição e Relações Afetivas – O Vínculo com o Abandono*. São Paulo, Summus Editorial, 1986.

———— *Psicologia Institucional.* São Paulo, Editora Pedagógica e Universitária Ltda., 1987.

DAMATTA, R. *Carnavais, Malandros e Heróis.* Rio de Janeiro, Zahar Ed., 1981.

MATTLER, M.; PIERRE, F.; BERGMAN. *O Nascimento Psicológico da Criança – Simbiose e Individuação,* Rio de Janeiro, Zahar Ed., 1977.

RAMALHO, J. *O Mundo do Crime.* Rio de Janeiro, Graal Ed., 1979.

RUSSELL, J. A União e o Problema do Menor. In: *Revista da Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra* – n° 142, Rio de Janeiro, 1971.

THIOLLENT, M. *Crítica Metodológica, Investigação Social e Enquete Operária.* São Paulo, Polis, 1980.

VICENTIN, M. C. G. *Fronteiriços: uma geopolítica da delinquência*. São Paulo, 1992. Dissertação de mestrado. Mestrado em Psicologia Social pela PUC, São Paulo (mimeo).

WINNICOTT, D.W. *Privação e Delinquência.* São Paulo, Martins Fontes Ed., 1987.

________. *O Brincar e a Realidade.* Rio de Janeiro, Imago Ed., 1975.